

FACULDADE OU ESCOLA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

LUIZ GUATURA DA SILVA NETO

**DIÁLOGO ECUMÊNICO E INTER-RELIGIOSO  
PARA O CAMINHO DA PAZ**

Orientador: Prof. Dr. Érico João Hammes

Porto Alegre  
2017

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

LUIZ GUATURA DA SILVA NETO

**DIÁLOGO ECUMÊNICO E INTER-RELIGIOSO  
PARA O CAMINHO DA PAZ**

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em Teologia, área de concentração: Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Érico João Hammes

Porto Alegre

2017

Luiz Guatura da Silva Neto

**DIÁLOGO ECUMÊNICO E INTER-RELIGIOSO  
PARA O CAMINHO DA PAZ**

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em Teologia, área de concentração: Teologia Sistemática.

Aprovado em 27 de Setembro de 2017.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Érico João Hammes - PUCRS

---

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin - PUCRS

---

Prof. Dr. Adriano Sousa Lima - FABAPA

Porto Alegre

2017

“[...] que todos sejam um, para que o mundo creia.” (Jo 17,21)

“a solicitude para instaurar a unidade se impõe a toda a Igreja, tanto aos fiéis, como aos pastores, e afeta a cada um em particular, de acordo com sua capacidade, quer na vida cristã cotidiana, quer nas investigações teológicas e históricas”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Decreto *Unitatis Redintegratio*, n. 5.

## RESUMO

Esta pesquisa procura discorrer sobre o tema “Diálogo Ecumênico e Inter-religioso para o caminho da paz”, procurando compreendê-lo à medida que o mundo avança em tecnologia e continua sofrendo os conflitos que a falta de diálogo promove. No primeiro capítulo, procuramos demonstrar um caminho que pode promover a paz e a justiça e, para isso, percorremos o percurso idealizado por Willian Carey, passando pelas propostas da Semana da Oração pela Unidade dos Cristãos, a Conferência de Edimburgo, na Escócia, no início do século XX, e nas diversas conferências ocorridas durante todo o século passado. Posteriormente, caminhamos pelo desejo de os protestantes da América Latina serem incluídos no Ecumenismo europeu, relatando a visão do diálogo ecumênico dentro do Protestantismo europeu, na América Latina e no Brasil. No Brasil, expusemos o nascimento do Movimento Pentecostal a partir da Assembleia de Deus, sua expansão e cisma em 1987, ocorrido em Salvador/Bahia; a compreensão acerca do Ecumenismo dentro do Movimento Pentecostal Assembleiano ligado à Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) e a visão dos assembleianos ligado à Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil (CONAMAD). Ainda, abordamos a criação do Conselho Mundial de Igrejas, a contribuição e o desenvolvimento do diálogo católico-luterano até o documento “Do conflito à comunhão” e os preparativos para os 500 anos da Reforma. No terceiro capítulo, discorremos acerca do Ecumenismo, a partir do decreto do Concílio Vaticano II “*Unitatis Redintegratio*” e da atuação pontifícia a partir do Concílio Ecumênico. Já no quarto capítulo, enfocamos a declaração “*Nostra Aetate*”, que trata do diálogo inter-religioso, dando destaque ao diálogo inter-religioso para a construção da paz.

**Palavras-chaves:** Diálogo Ecumênico. Diálogo Inter-religioso. Católico Romano. Movimento Pentecostal. Vaticano II.

## ABSTRACT

This research seeks to address the theme “Ecumenical and Interreligious Dialogue for the Path to Peace”, seeks to discover it as the world advances in technology and continues to suffer the conflicts which is a lack of dialogue promoted. In the first chapter, we try to demonstrate a path that can promote peace and justice, so we go through William Carey's journey through proposals for the Week of Prayer for Christian Unity, an Edinburgh Conference in Scotland, not beginning and the various conferences held during the past tense. Subsequently, movements by the desire of Protestants in Latin America, there is no European ecumenism, reporting a vision of ecumenical dialogue within the European protest in Latin America and Brazil. In Brazil, we exposed the birth of the Pentecostal Movement from the Assembly of God, its expansions and schism in 1987, in Salvador/Bahia; An understanding of ecumenism within the Pentecostal Movement in conjunction with the General Convention of Assemblies of God in Brazil (CGADB) and a view of the amounts attached to the National Convention of Assemblies of God in Brazil (CONAMAD). We also discussed the creation of the World Council of Churches, the contribution and development of the Catholic-Lutheran dialogue to the document "Conflict in Communion" and preparations for the 500th anniversary of the Reformation. In the third chapter, we talk about ecumenism, from the decree of the Second Vatican Council Unitatis Redintegration and punctual updating from the Ecumenical Council. Already in the fourth chapter, we focused on a statement “Nostra Aetate”, which deals with interreligious dialogue, emphasizing interreligious dialogue for the construction of peace.

**Keywords:** Ecumenical Dialogue. Interreligious Dialogue. Roman Catholic. Pentecostal Movement. Vatican II.

## LISTAS DE SIGLAS

ACM - Associação Cristã de Moços

AMIR - Aliança Mundial de Igrejas Reformadas

CADSA - Confederação das Assembleias de Deus Sul-Americana

CEPLA - Comissão Pentecostal Latino-Americana

CESE - Coordenadoria Ecumênica de Serviço

CGADB - Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil

CCLA - Comitê de Cooperação para América Latina

CIMI - Conselho Indigenista Missionário

CMI - Conselho Mundial de Igrejas

CNPB - Conselho Nacional de Pastores do Brasil

CONAMAD - Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil

CONIC - Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil

CPT - Comissão Pastoral da Terra

FAECAD - Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia da CGADB

ICAR - Igreja Católica Romana

ICLB - Igreja de Confissão Luterana no Brasil

IECLB - Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil

JO - Evangelho de João

NA - *Nostra Aetate*

RJ - Rio de Janeiro

RM - Epístolas aos Romanos

UR - *Unitatis Redintegratio*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, autor da minha vida e da fé.

Aos meus pais, Francisco Guatura da Silva e Isaura Francisca da Silva (*in memoriam*), pois, mesmo sendo analfabetos, me ensinaram o respeito, os princípios morais e a estudar para ser alguém na vida.

À minha esposa, Pastora Karine Rossi Guatura da Silva, que compreendeu a minha ausência e cuidou dos nossos filhos.

Aos meus filhos, João Pedro, Caio e a Julia, minha herança.

Ao Prof. Dr. Érico João Hammes, orientador compreensivo, atencioso, sensível e paciente, que pode me entender e me direcionar no caminho do meu objetivo, sempre disponível.

Ao Prof. Luiz Carlos Susin, amigo e sensível nos mínimos detalhes e de um carisma inexplicável.

Ao coordenador e professor do PPG Teologia, Dom Leomar Brustolin, homem de uma caridade divina, que considerou minha aceitação no programa. Só Deus poderá recompensá-lo.

Aos professores do curso, que responderam a questões simples em aulas tão generosas de conhecimentos.

Ao Pastor Dr. Alcino Lopes Toledo, minha inspiração ministerial, meu amigo e conselheiro.

Ao Bispo Primaz, Dr. Manoel Ferreira, presidente da CONAMAD, pela confiança em me fazer Pastor Presidente da Assembleia de Deus em Terra Brasil - RJ.

Ao Bispo Abner de Cássio Ferreira, presidente da CONEMAD - RJ, por me apoiar e incentivar a crescer no conhecimento através das pesquisas.

Ao Pastor Gedeir Ricardo da Silva, que sempre acreditou e me orientou no caminho do ministério Pastoral.

Ao Pastor Davi Cabral, que sempre me aconselhou no exercício do pastorado.

Aos Pastores Dr. José Carlos Lessa Junior, Prof. Israel Maia e Prof. Sergio Luis de Souza, por se alegrarem comigo na minha aprovação para o Mestrado.

Aos meus Pastores Auxiliares, Edvaldo Luiz Mello, Acácio Teixeira do Nascimento, Deaci Alves de Almeida, Natanael de Souza Lessa Cerqueira, Eliezer Pereira Miranda e



Wilson Marinho, que, nas muitas ausências na presidência da Igreja, souberam conduzir as atividades com brilhantismo.

Aos meus secretários, Ulisses Souza e Gláucio de Freitas, socorrendo-me na digitação e organização dos trabalhos durante o curso.

À querida Igreja Assembleia de Deus em Terra Brasil - RJ, que compreendeu as muitas ausências por conta das viagens e do cansaço físico.

Ao diretor geral da FAECAD, Prof. Germano Soares, e ao coordenador, Prof. Paulo, pelo apoio incondicional a mim dispensado. Muito obrigado!

Ao Pastor Marcio Macedônio e sua digna família, que, com carinho, hospedou-me inúmeras vezes na sua casa.

A todos que oraram por mim, para eu vencer esta etapa tão importante de minha vida, a minha gratidão.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>11</b> |
| <b>2 ENTENDENDO O ECUMENISMO PARA A PRÁTICA DO DIÁLOGO .....</b>                       | <b>14</b> |
| 2.1 A PROPOSTA PROTESTANTE PARA O DIÁLOGO ECUMÊNICO .....                              | 17        |
| <b>2.1.1 A contribuição do Protestantismo para o Ecumenismo na América Latina.....</b> | <b>19</b> |
| 2.2 A REALIDADE DO DIÁLOGO ECUMÊNICO NO BRASIL.....                                    | 24        |
| 2.3 A PRÁTICA ECUMÊNICA A PARTIR DA CRIAÇÃO DO CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS - CMI.....  | 28        |
| 2.4 O DIÁLOGO ECUMÊNICO NA COMPREENSÃO LUTERANA .....                                  | 33        |
| 2.4 A COMPREENSÃO DO ECUMENISMO PELO MOVIMENTO PENTECOSTAL....                         | 41        |
| <b>2.4.1 A origem do Movimento Pentecostal .....</b>                                   | <b>42</b> |
| <b>2.4.2 O início do Pentecostalismo no Brasil: Gunnar Vingren e Daniel Berg.....</b>  | <b>43</b> |
| <b>3 O ECUMENISMO NA COMPREENSÃO CATÓLICA.....</b>                                     | <b>50</b> |
| 3.1 O DIÁLOGO ECUMÊNICO A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II.....                          | 54        |
| 3.2 A ATUAÇÃO PONTIFÍCIA NO ECUMENISMO A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II.....           | 58        |
| 3.3 O DIÁLOGO COMO CAMINHO DA PAZ.....   | 60        |
| 3.4 O ECUMENISMO EM DIÁLOGO PARA COMPREENDER O OUTRO .....                             | 63        |
| 3.5 A COMPREENSÃO CATÓLICA PARA O DIÁLOGO ECUMÊNICO.....                               | 65        |
| <b>4 A PRÁTICA DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO PARA A COSTRUÇÃO DA PAZ ..</b>               | <b>70</b> |
| 4.1 A COMPREENSÃO DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E O DIÁLOGO ENTRE RELIGIOSOS .....        | 75        |
| 4.2 O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NO CONCÍLIO VATICANO II .....                            | 78        |
| 4.3 O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NA CONSTITUIÇÃO “NOSTRA AETATE” .....                    | 81        |
| <b>5 CONCLUSÃO.....</b>  | <b>86</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>88</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Um Deus, que se preocupa desde os tempos antigos com a humanidade, mostra quão importante é a nossa unidade. O próprio Senhor Jesus disse: “que eles sejam um” (Jo 17,21). Isso se reflete nas experiências religiosas e nos leva a entender a relevância tanto do diálogo ecumênico como do inter-religioso. Tal tema tem como ponto de partida a preocupação de estarmos em um mundo plural. Sentimos isso fortemente a partir dos fatos vivenciados neste último século, no qual a sociedade, a partir dos dois conflitos mundiais, acabou concluindo que a única coisa que restou ao homem foi a sua fé e a sua religião, elementos que lhe trouxeram esperança.

O crescimento vertiginoso da religiosidade e da pluralidade religiosa nos leva a parar para pensar e analisar: quais atividades pastorais deveriam iniciar a fim de que levemos a fé no Cristo vivo, neste mundo plural e de diversidade? Quais caminhos tomaremos para conhecer o outro? Que diálogo teremos se não pararmos para ouvir o outro? Nesse contexto, a necessidade dialógica é de urgência diante dos fatos citados acima, pois eles nos fazem perceber, ao longo do tempo, a perda da essência da fé cristã, levando a nossa sociedade para um caminho sem Pastor e um distanciamento da religiosidade, subtraindo, assim, o Cristianismo e os princípios da fé cristã. Com essa subtração da essência da fé cristã e de uma multiplicidade cada dia mais acirrada da pluralidade religiosa, a relevância do diálogo ecumênico bem como do inter-religioso nos leva a pensar com responsabilidade ainda maior sobre a paz.

O objetivo do diálogo ecumênico não é praticar o proselitismo, mas sim entender que a essência da fé é a mesma e que a experiência vivida na fé do filho de Deus pode corroborar com a propagação da mensagem de esperança nessa sociedade tão tecnológica e plural, porém sofrida. Assim, o objetivo deste estudo é tentar expor, com profundidade, a essência da fé e, assim, revelar a profundidade bíblica do mistério de amar a Deus e ao próximo, cumprindo, dessa forma, o primeiro grande mandamento.

Entendemos, então, que o Ecumenismo, que é praticado desde o século XIX pelas igrejas protestantes, para assim se ajudarem mutuamente, levou a Igreja Católica Romana, a partir do Concílio Vaticano II, a ver que o diálogo ecumênico é relevante na sociedade atual. A partir desse momento, verificou que as diferenças não são tão relevantes, uma vez que a essência da fé é a mesma e o ensino bíblico não diverge em nada, pois Cristo é absoluto.

As diferentes tradições cristãs passam a pensar e a experimentar novas perspectivas, diante de tantas distorções, transições e mudanças constantes. Esse avanço, promovido por

crises, especulações ou interesses de grandes grupos, tem levado o Movimento Ecumênico a repensar as suas práticas e os seus serviços, pois o trabalho é construir a unidade na diversidade, sem perder a essência do Deus encarnado.

Diante desse pressuposto, o Ecumenismo nunca foi tão necessário, uma vez que a realidade em que vivemos exige respostas objetivas. Contudo, o movimento para o diálogo ecumênico não é algo simples, até porque existem as diferentes tradições, especialmente no Brasil, que é um país de dimensão continental, de diversidades de costumes e de desequilíbrio social, o que o torna *sui generis* diante da realidade mundial.

A natureza do tema e a compreensão da necessidade de experiência com Deus, vivida no Verbo Encarnado, nos levam a pensar com preocupação o caminho que devemos tomar para alcançar o objeto da unidade: “que todos sejam um” (Jo 17,21).

Diante do exposto, sabemos que o Movimento Ecumênico e a proposta do diálogo inter-religioso a partir do Vaticano II apontam para um caminho difícil e divergente, mas com objetivos de grande valia.

O Movimento Ecumênico, iniciado pelos protestantes no século XIX com o objetivo de promover união fraterna para chegar aos não alcançados, em primeiro momento, foi visto pela Igreja Católica como um ato sem importância. Esta, porém, o reavaliou<sup>2</sup>, fazendo-o ampliar-se inclusive para tradições não cristãs, o que reforça a necessidade do diálogo, não para o domínio, mas sim para o caminho da paz. Compreendemos, então, que a proposta do diálogo deve ser desprovida de sentimentos fundamentalistas, uma vez que a necessidade da comunhão entre os cristãos deve ter primazia em todas as perspectivas de futuro, e o diálogo entre outras tradições não cristãs deve estar imbuída dos sentimentos de Cristo, para alcançarmos, dessa forma, um bem comum: a paz. Entendemos que o caminho não é fácil, mas é necessário para alcançar o objetivo maior, que é a unicidade da igreja.

Cabe salientar, entretanto, que a maior dificuldade do diálogo ecumênico entre os cristãos a partir dos protestantes será reconhecer a cátedra de Pedro, principalmente para os pentecostais e neopentecostais. Essa dificuldade baseia-se no conhecimento e na credibilidade na herança episcopal, termos desconhecidos pela maioria dos neopentecostais e muito pouco por pentecostais tradicionais. Tal dificuldade nasceu a partir do entendimento de que não era necessário estudar para pregar o evangelho, sendo que somente uma vida consagrada, de separação e zelo, era suficiente para exercer o ministério (episcopado). Essa falta de conhecimento cooperou para o crescimento dos pentecostais na periferia, pois a linguagem e a

---

<sup>2</sup> Proposta encarada a partir do Vaticano II, pelo Papa João XXIII.

liturgia desenvolvida nas comunidades se assemelhavam ao tipo de reunião ocorrida na zona rural, com um discurso simples e de fácil compreensão.

As décadas seguintes a partir da Segunda Guerra Mundial, a migração populacional da zona rural para os grandes centros urbano à procura de melhores remunerações por conta da escassez de trabalho na lavoura e, que coincide com a propagação de um novo pensar a partir da Teologia da Libertação, abre-se uma lacuna em que a pregação e a forma de religiosidade dos pentecostais atraem essa camada da sociedade que se instala na periferia das grandes cidades. Também cabe destacar que a industrialização do país, o envio de missionários protestantes americanos e a criação do 1º Seminário Teológico Pentecostal, na cidade de Pindamonhangaba, em São Paulo, cooperou bastante com o fortalecimento e a expansão do pensamento pentecostal.

Dessa forma, a presente pesquisa propõe transcorrer o caminho realizado pela proposta do diálogo ecumênico e inter-religioso para o caminho da paz. No capítulo dois, percorremos o caminho da etimologia da palavra, da compreensão de casa comum numa leitura realizada pelos gregos e romanos e, após, trabalhamos com a perspectiva religiosa, apresentando a compreensão do Ecumenismo por diversas tradições cristãs. Nessa sessão, apresentamos as propostas dos protestantes e sua contribuição quanto ao diálogo ecumênico não somente na Europa como também na América Latina; concentramo-nos em refletir sobre o Ecumenismo na realidade brasileira como também na perspectiva pentecostal, por isso apresentamos o nascimento do Movimento Pentecostal Brasileiro, precisamente o Movimento Assembleiano e a prática ecumênica no mundo desde a criação do CMI, concluindo com a visão ecumênica dos Luteranos. No capítulo três, trabalhamos expondo a compreensão católica acerca do Ecumenismo promovido pelos protestantes, a partir do Concílio do Vaticano II, da atuação papal e a prática do Ecumenismo com os outros. Já no quatro, discorremos acerca da compreensão do diálogo inter-religioso para a construção da paz, da diferença do diálogo entre religioso e inter-religioso e no Vaticano II e na constituição “*Nostra Aetate*”. Por fim, apresentamos as Considerações Finais, construindo, assim, uma compreensão do outro e a partir disso caminhar para a construção da paz.

## 2 ENTENDENDO O ECUMENISMO PARA A PRÁTICA DO DIÁLOGO

A palavra “ecumênica” nos traz uma história que remonta um período anterior a Cristo. O teor do termo idealizado por Willian Carey, usado durante a formação de instituições para chegar a um denominador comum e também usado nas sessões do Santo Concílio, nos faz voltar ao tempo e rever ideias como de Alexandre, o Grande, e, também, os objetivos do Império Romano. Então, necessitamos rever as raízes da terminologia e, assim, colocar luz em nossos objetivos quanto ao Ecumenismo.

A palavra “*oikoumene*” pertence a uma família de palavras, do grego clássico, relacionada com termos referentes à morada, ao assentamento, à permanência. Eis alguns termos-raiz dessa família linguística:

- *Oikos*: casa, vivenda, aposento, povo;
- *Oikeiotês*: relação, aparentado, amizade;
- *Oikeiow*: habitar, coabitar, reconciliar-se, estar familiarizado;
- *Oikonomeô*: administração, encargo, responsabilidade da casa;
- *Oikoumene*: terra habitada, mundo conhecido e civilizado, universo.<sup>3</sup>

Diante do exposto, passamos a entender que a palavra “*Oikos*” é a raiz de que procede o termo Ecumenismo. O termo “*Oikoumene*”, de onde vem a compreensão de mundo habitado, casa comum, remete a diferentes ocupando o mesmo espaço e lugar. Pensadores da Filosofia Antiga, como Heródoto, Demóstenes, Aristóteles, entre outros, usavam o termo para definir a realidade do mundo habitado por gregos dos demais espaços geográficos habitados por povos desconhecidos. Os gregos entendiam que o espaço da “*Oikoumene*” era o espaço ocupado por todos que praticavam a cultura helênica.

Entendemos que o Império Grego foi formado por inúmeros povos diferentes, que aderiram à cultura grega sem abandonar o seu espaço, sendo que os demais que não foram alcançados pelos gregos eram nominados de bárbaros, disso advém o porquê da casa comum e mundo habitado usado pelos helênicos. O Império Romano não foi diferente na concepção de casa comum, uma vez que o interesse do imperador era que todos vivessem em paz, daí o

---

<sup>3</sup> BOCH NAVARRO, J. *Para Compreender Ecumenismo*, p. 9-10.

termo “*pax romana*”<sup>4</sup>: todos os povos que viviam sob o domínio romano desfrutavam da segurança de seu exército, e, assim, o império avançava nos seus objetivos de conquista e domínio, ou seja, o entendimento é estritamente de política dominante e não de convívio de paz.

No Novo Testamento, o termo é encontrado em alguns textos, confirmando a tradução da raiz “*Oikos*”, da qual provém todo o entendimento de casa ou mundo habitado. É possível que o escritor dos textos canônicos tenha a ideia do termo por tornar-se uma prática da própria cultura advinda já do Império Grego. Alexandre, o Grande, possuía um desejo de tornar o mundo em um único povo, costumes, cultura, língua e conhecimento. Podemos até arriscar dizer que ele foi o precursor da globalização, não no sentido econômico. Entendemos, então, que os textos de Lucas encontrados no seu evangelho (2,1) e no livro de Atos (11,28) dão-se pela influência desde tempos de Alexandre, sendo que Lucas remete aos ensinamentos do Senhor Jesus, conforme encontramos na Epístola aos Hebreus (2,5), porém como um momento transitório de transformação e comunhão regida diretamente pelo Senhor Jesus.

A partir da visão dos escritores canônicos quanto à abrangência do termo, passamos a compreender a extensão da responsabilidade do cristão quanto ao mundo civilizado. No discurso de Jesus, quando inquirido por um dos apóstolos no livro de Atos, a resposta de Cristo é ser testemunha simultaneamente em todos os lugares com a mesma mensagem (Atos 1,7). Entendemos que Cristo ordenou que as boas novas do Reino de Deus fossem propagadas, não somente no mundo civilizado, na concepção dos gregos e que fora herdada pelos romanos, mas “até os confins da Terra” (Atos 1,8). A partir dessa compreensão, os apóstolos e todos que vieram após se conscientizaram da responsabilidade de anunciar o evangelho em todos os quadrantes da Terra. Tal abrangência é comprovada quando encontramos, em documentos antigos, como no relato do martírio de Policarpo, o termo “*oikoumene*”, e também nos Santos Concílios, quando reunidos todos os bispos de diversas regiões do mundo. Todavia, quando se refere ao termo ecumênico nos concílios, o emprego é diferente, pois tem o objetivo de comungar de uma mesma ideia ou de encontrar uma ideia em comum.

A palavra ecumênica pode ser usada de várias formas e com objetivos diferentes, porém sem perder a essência, que é viver em comunidade de forma pacífica: o termo foi utilizado, primeiramente, pelos gregos, com a finalidade de partilhar cultura, idioma e

---

<sup>4</sup> Expressão latina para a paz romana, é o longo período de relativa paz, gerada pelas armas e pelo autoritarismo, experimentado pelo Império Romano que se iniciou quando Augusto, em 28 a.C., declarou o fim das Guerras Civis e durou até o ano da morte do imperador Marco Aurélio, em 180 d.C.

economias; após, pelos romanos, com o objetivo de dominar e, dessa forma, ter paz nas suas fronteiras; e, posteriormente, herdado pelos cristãos primitivos e seguido pelos demais, sendo que o termo sofre alterações na sua empregabilidade com o passar do tempo, mantendo, contudo, sempre o mesmo objetivo: o de tornar a casa comum.

Com o fim das perseguições, a Igreja Cristã teve a necessidade de tornar suas doutrinas e interpretações das escrituras unificadas, devido aos inimigos da fé, isso no que se refere ao conhecimento quanto à ressurreição e à divindade de Cristo. Os inúmeros questionamentos e diferentes interpretações levaram o imperador Constantino a convocar o primeiro “concílio”, realizado nos anos de 325 a 328, em Niceia. Lá, reuniu bispos de diferentes regiões do mundo e, assim, tornou universal a doutrina da divindade de Cristo. Esta passa a ser comum a todas as igrejas cristãs. Mais tarde, são designados como doutores ecumênicos, a saber, Basílio, o Grande, Gregório de Nazianza e João Crisóstomo, todos com autoridade para falar em nome de toda a Igreja Universal, para que os ensinamentos da fé fossem comuns em todas as igrejas cristãs da época. Entendemos que, a partir daí, o termo deixa de ser político e passa ser eclesiástico, pois a necessidade da Igreja, a partir desse momento, é se preocupar com a unidade da mensagem de Cristo.

Com o tempo, o sentido do Ecumenismo toma formas e empregos diferentes, mas sem perder o alvo que é comum a todos. A diferença se dá quanto à sua abrangência, pois os concílios são ecumênicos quando comuns a todas as igrejas, sendo assim, só sete são considerados ecumênicos. Os concílios precisam ter suas decisões confirmadas pelo bispo de Roma<sup>5</sup>, desse modo, a Igreja Ortodoxa, como as demais tradições cristãs, reconhecem só sete concílios dos 21 até hoje realizados, neles é exposta a “doutrina ortodoxa”. Apesar de o Concílio Vaticano II ter sido assistido por diversas tradições, ele não é praticado nas demais igrejas cristãs, então não pode ser considerado ecumênico.

Assim, também, a compreensão acerca do termo ecumênico é aplicada quanto aos credos, e só três são considerados ecumênicos, pois são aceitos por todas as tradições cristãs: o credo dos apóstolos, o credo de Nicéia e o credo de Santo Atanásio.

Vemos, então, que, durante a história, desde dos tempos antes de Cristo, o termo “*oikoumene*” foi sofrendo mutações na sua aplicabilidade, mas sem perder o seu objetivo. Após o primeiro cisma do século XI, verificamos que não houve, em nenhum momento, o uso da *oikoumene* até o século XIX. Durante todo esse período, que ultrapassa mais de sete séculos, a Igreja Cristã, de um modo geral, preocupou-se somente com o seu espaço, tentando

---

<sup>5</sup> NAVARRO, J. B. *Para Compreender o Ecumenismo*, p. 11.



mantê-lo sem atentar para a realidade da simplicidade da mensagem de Cristo: “que todos sejam um” (Jo 17,21). A dura realidade dos fatos separou-a, desde o século XI até meados do século XIX, momento em que Pastores protestantes sentiram a necessidade de voltar à prática da unidade, e, assim, o termo “*oikoumene*” volta a ser debatido com um novo significado: não como domínio ou como prática da mesma doutrina ou do mesmo espaço, mas sim como união do povo cristão, sem barreiras e com um único propósito: o de ser um único povo.

O termo agora alcança o seu verdadeiro objetivo, que é a casa comum, o espaço habitado por todos e de igual direito. O sonho ensaiado por Karl Barth, proposto por Willian Carey e imaginado pelo francês Adolphe Monod, após a formação de uma aliança evangélica diz: “parece ter sido a primeira ocorrência consignada do uso da palavra para indicar antes uma atitude do que um fato”<sup>6</sup>.

A partir da finalidade de criar um concílio ecumênico, o vento do Espírito começou a soprar e não ficou só nesse ideal, pois outros passaram a entender a necessidade da unidade. O cisma da Igreja Oriental, ocorrido no século XI, e a Reforma Protestante, deflagrada no século XVI, expurgaram o sentimento de unidade e criaram um sentimento de disputas e divisões. Esses fatos abrem caminhos para o fortalecimento do inimigo da fé, e isso só é detectado após três séculos, quando os protestantes sentem a necessidade do retorno da unidade. Agora, o termo que foi amplamente usado com objetivos políticos e de domínio é tido com reservas, uma vez que o próprio fundador da Cruz Vermelha, Henry Dunant, sente que a proposta de um espírito ecumênico que transcenda as fronteiras denominacionais, das línguas e das questões eclesiásticas, é urgente. É lógico que, após três séculos, não seria fácil o retorno da aplicabilidade do termo “*oikoumene*” na sua essência, pois o distanciamento provocado por disputas e perseguições de todos os lados abriu feridas profundas que não seriam cicatrizadas em curto espaço de tempo. Assim, o termo “*oikoumene*” torna-se um objetivo no seu real sentido, um desafio para todas as tradições cristãs que desejam trabalhar em prol de uma unidade na pluralidade.

## 2.1 A PROPOSTA PROTESTANTE PARA O DIÁLOGO ECUMÊNICO

O ponto crucial do Movimento Ecumênico não é humano e sim do Senhor Jesus. Cristo, na sua oração sacerdotal, pede a Deus para que o seu corpo místico seja unido. Entendemos que a experiência divisória do povo judeu em partidos religiosos levou o Senhor

---

<sup>6</sup> NAVARRO, J. B. *Para Compreender o Ecumenismo*, p. 11.

a pedir a Deus e orientar os apóstolos quanto à unidade: “Não rogo somente por eles, mas pelo que, por meio da sua palavra, crerão em mim, a fim de que todos sejam um. Como tu, pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17,20-21). Assim, o histórico da *oikoumene* nos leva a refletir sobre possibilidade de a Igreja Cristã tornar-se uma em Cristo. Para tanto, é necessário compreender o fenômeno do Movimento Ecumênico e da definição da *oikoumene*, a fim de que, dessa forma, possamos fundamentar a dinâmica, as mudanças e a compreensão da realidade desse movimento.

Retomando a ideia inicial de Willian Carey, podemos analisar que sua proposta de Ecumenismo é somente uma unidade fraterna na evangelização do mundo não cristão e não uma proposta de unidade no sentido lato da palavra. A princípio, a ideia não era para tornar-se uma, mas sim unidas na evangelização como tolerância uns aos outros, com o objetivo de alcançar os não alcançados e não ter a todos como irmãos comuns; conclui-se isto pelo fato de não considerar a Igreja Católica Apostólica Romana e nem a Católica Ortodoxa, para participar do ecumenismo proposto por Carey. Essa observação faz-se necessária para que possamos analisar a proposta de um Ecumenismo falho, arrogante, desunido e de interesse unilateral. Afirmamos isso pelo decorrer da história da Igreja, que nos possibilita ver o caminho percorrido e o que pretende percorrer, no qual encontramos os mesmos problemas que causaram cismas e divisões, proporcionando perseguições e guerras.

A proposta de Jesus, na oração sacerdotal, não coaduna com as ideias do Ecumenismo proposto pelos protestantes no século XVIII, apesar de a iniciativa ser de grande valia em uma época de conflitos religiosos que causaram prejuízos irreparáveis ao Cristianismo. A vontade de Deus é que o seu povo seja uno e universal, mas, infelizmente, essa vontade não foi praticada entre os cristãos, daí se explica, nesses últimos anos, o empenho de todas as tradições cristãs em encontrar um meio de dialogar e tornar realidade a unicidade da Igreja.

Quando analisamos a oração sacerdotal do Senhor Jesus, do credo Niceno-Constantinopolitano, nos Santos Concílios Ecumênicos, encontramos farto desejo da manutenção da unicidade da Igreja, porém isso não foi compreendido pelos sucessores da cristandade. Devido a tal posicionamento, ocorreram os cismas e as divisões posteriores. No entanto, com as guerras e a miséria deixados por esses eventos, o descontentamento fez com que, gradualmente, no pós-guerra, os cristãos passassem a compreender que o que restava era a fé e, com um mundo tão amplo, a ideia de união, e não a de unidade, passou a ser mais valorizada: iniciando com a proposta de Carey, sendo amadurecida pelas demais tradições protestantes e sempre excluindo a Igreja Ortodoxa e a Católica Romana, pois entendia que

estas perderam a essência do Cristianismo, isso, é claro, na visão dos protestantes mais radicais. Por esse motivo, temos dificuldades de imaginar uma unicidade da Igreja: os radicais, com o uso das redes mundiais, bombardeiam ininterruptamente a ideia do Ecumenismo para que não resulte numa unicidade, sendo causado pelo medo de perder espaço e conseqüentemente os fiéis que os seguem e não por heresias ou assuntos desconhecidos.

A preocupação com essa posição deve ser permanente, pois não será tarefa fácil para os que creem na realidade da unicidade da Igreja na sua pluralidade fazê-la tornar-se efetiva. O caminho percorrido até agora e o que precisamos percorrer irá exigir esforço e dedicação, para alcançarmos o verdadeiro objetivo da fé cristã, que é a unidade e a catolicidade do Cristianismo.

Cabe refletir, igualmente, que a dificuldade apresentada hoje por muitas tradições é fruto de ideias radicais oriundas do século XVI, as quais sobrevivem até hoje. Por isso, há resistência e também dúvidas acerca da unidade na pluralidade, pois muitos entendem que não é possível uma comunhão entre os cristãos de tradições diferentes, questão levantada após o cisma e a Reforma, como se pode ver em texto muito usado pelos radicais: “andarão dois juntos se não estão de acordo?” (Amós 3,3). O texto bíblico ainda é usado para questionar o matrimônio entre pessoas de diferentes tradições, pois acreditam que a união é mista. Essa proibição se perpetua até hoje entre inúmeras tradições. Na visão dos pentecostais, por exemplo, era proibido casar-se até com outro protestante que não comungava com a fé pentecostal, pois não se considerava a fé das diferentes tradições protestantes e muito menos cristã a Igreja Católica Romana<sup>7</sup>. Tal posicionamento é tão radical que, caso um pentecostal assistisse ou participasse da cerimônia matrimonial, principalmente na Igreja Católica, sofria punição semelhante à excomunhão católica. Felizmente, esse radicalismo entre os pentecostais tradicionais já foi superado, e hoje não há resquício de proibição sobre essa questão.

### **2.1.1 A contribuição do Protestantismo para o Ecumenismo na América Latina**

“O mandato bíblico nos diz: ‘Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações’, menos as da América Latina.” (Bispo Willian Oldham)<sup>8</sup>

---

7

<sup>8</sup> PLOU, D. S. *Caminhos da Unidade: itinerário do diálogo ecumênico na América Latina*, p. 20.

O ideal ecumênico para a América Latina tem o seu ponto forte a partir do Congresso no Panamá, Zona do Canal, em 1916. Até então, ela era considerada pelas missões europeias e estadunidenses um terreno evangelizado pela Igreja Católica e, caso fosse incluída, seria considerada antipapal e o ideal ecumênico era justamente corrigir o erro da fragmentação do evangelho. Já tinha ocorrido o 1º Congresso em Edimburgo na Escócia, em 1910, e somente lá foram incluídos no debate os missionários em regiões não cristãs, o que incluía Ásia, África e Oceania, excluindo, assim, a América Latina, por ser considerada uma região evangelizada desde a sua descoberta por missionários de diversas ordens católicas.<sup>9</sup>

A Conferência Mundial de Missões de Edimburgo, em 1910, tratou apenas da expansão das missões evangélicas nos países não alcançados. Essa pauta trouxe descontentamento entre os missionários da América Latina, porque acreditavam que o continente latino-americano também fazia parte do território dos não alcançados, uma vez que consideravam a população da América Latina como cristãos pagãos. Com esse discurso, o reverendo Daniel Hall, diretor do “*El Estandarte Evangelico*”, publicado pela Igreja Metodista Episcopal da Argentina, protestou contra a atitude dos organizadores da Conferência de Edimburgo, posto que tal conferência segue o objetivo do Ecumenismo de William Carey e não um Ecumenismo de confronto e de proselitismo. A compreensão dos delegados latino-americanos era de que a conferência não contemplava as missões da América Latina.

Os organizadores da Conferência de Edimburgo não consideravam a América Latina como um campo de missões e sim de pastoral, ou seja, a necessidade era de envio de pastores para cuidar do rebanho protestante oriundo dos países europeus e que buscavam oportunidades na América Latina. Verificamos isso nas estatísticas divulgadas no período entre 1913 e 1916, nas quais o número era de 423 mil protestantes, distribuídos da seguinte forma: 250 mil nas Antilhas Inglesas, 50 mil provindos da Alemanha, estabelecidos no Brasil e de fala espanhola, e somente 175 mil protestantes de fala portuguesa. Diante dessas estatísticas, compreendemos a atitude dos organizadores da Conferência de Edimburgo, pois, preocupando com a questão estavam seguindo a essência do Ecumenismo. Contudo, os protestos dos delegados latino-americanos, que somavam um total de 60 missionários que trabalhavam em missões latino-americanas e também o editorial do Reverendo Daniel Hall, levaram os responsáveis pela conferência a realizarem reuniões paralelas, de maneira informal, porém substanciais quanto ao teor do debate, o que resultou no interesse dos

---

<sup>9</sup> PLOU, D. S. *Caminhos de Unidade: itinerário do diálogo Ecumênico na América Latina*, p. 20 - 21.

secretários de organizar juntas missionárias e, assim, a última reunião informal dos missionários latino-americanos recebeu a presença de todos, validando o protesto do reverendo Daniel Hall e promovendo uma proposta em nomear um comitê organizador para realizar uma conferência, considerada por todos como necessária para tratar das missões nessa região. Foi escolhido para presidir o comitê o Dr. H. K. Carroll e, como secretário, o Reverendo Samuel G. Inman, missionário da igreja Discípulo de Cristo no México. Os demais membros eram: Reverendo J. W. Batter, Reverendo William Wallace, Reverendo Álvaro Reis e o Reverendo G. I. Babcock. Diante do exposto pelos missionários latino-americanos e também pela declaração do reverendo Daniel Hall, da Igreja Metodista Episcopal da Argentina, o Reverendo Samuel Inman, declarou que:

[...] as missões na América Latina eram legítimas e que os missionários não se furtariam a perguntar se as igrejas que predominam nestas terras são cristãs ou não, se são fiéis ou não são fiéis aos seus deveres; somente afirmamos que milhões e milhões de pessoas estão praticamente sem receber a Palavra de Deus e não sabem realmente o que é evangelho.<sup>10</sup>

A Conferência de Edimburgo mostrou realmente o que era o desejo de Willian Carey, pois, nela, as diversas tradições protestantes puderam se sentar e debater estratégias para as missões entre os povos não alcançados e, nela, foram respeitadas as diversas confissões cristãs, inclusive a Igreja Católica, que considerava os protestantes como hereges. Apesar de a essência do Ecumenismo ter aflorado na conferência, os missionários latino-americanos questionaram a falta da inclusão dos povos latino-americanos na pauta da reunião. Esse questionamento acabou com o verdadeiro alvo do Ecumenismo, pois, a partir daí, não se consideravam os católicos como cristãos e sim como cristãos pagãos. Acredito que a ânsia dos missionários protestantes latino-americanos acabou cegando-os para a verdadeira essência do Ecumenismo, fazendo, com isso, a exclusão da Igreja Católica do Cristianismo.

As experiências dos missionários que trabalhavam na Ásia, África e Oceania não foram partilhadas com os missionários latino-americanos, pois as dificuldades encontradas por Carey na evangelização dos povos não alcançados o levou a propor o diálogo ecumênico, para, assim, trabalharem de forma fraterna e não conflituosa, como estava ocorrendo. A Conferência de Edimburgo ocorreu justamente para planejar, debater e pontuar questões que impediam a evangelização dos não alcançados. Com o protesto dos latinos, o objetivo do diálogo ecumênico naufragou com a nomeação da comissão que tratou da conferência que se realizou posteriormente no Panamá. Apesar de historiadores, teólogos e outros pesquisadores

---

<sup>10</sup> PLOU, D. S. *Caminhos de Unidade: itinerário do diálogo Ecumênico na América Latina*, p. 22.

entenderem que a Conferência de Edimburgo foi um pontapé para o Ecumenismo, pontuam como falha deixar a América Latina de fora, por entenderem que era uma região cristianizada pela Igreja Católica. Contudo, questionado pelos missionários que atuavam na região e pela experiência do missionário Robert Speer, secretário da junta de missões da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, experiência esta adquirida pela viagem realizada no período de 6 meses em 1909 em todo o continente, relatou que a omissão do continente latino-americano na Conferência de Edimburgo acabou por chamar a atenção e, assim, colocá-lo no mapa das missões.

A Conferência sobre Missão na América Latina, realizada no período de 12 e 13 de março de 1913, recebeu 29 grupos e teve como palco a cidade de Nova Iorque, que já havia hospedado outra conferência em 1900 sob o mesmo prisma: “A cristianização da América Latina”. Os debates circulavam em torno de aceitar ou não a cristianização dos latino-americanos, uma vez que a Igreja Católica estava realizando esse trabalho desde a sua descoberta e colonização. A visão das instituições missionárias europeias era que os latino-americanos não poderiam ser incluídos entre os povos não alcançados, mas os comitês missionários da América do Norte, como a Associação Cristã de Moços (ACM), a Sociedade Bíblica Americana, as denominações históricas e alguns grupos conservadores, como a União Missionária Evangélica, a Aliança Cristã e Missionária e os Batistas do Sul<sup>11</sup>, entendiam que sim, então se reuniram sob a presidência de Robert Speer, tendo por principal objetivo aumentar o número de missionários atuantes, pois o número de protestantes na América Latina não passava de 1 milhão, bem como não confrontar o Catolicismo Romano. Dentro dessa visão, o Bispo Metodista E. R. Hendrix, em caloroso discurso, conclama os missionários a não confrontar, mas expor o evangelho simples de Jesus; não pregar denominacionismos, e sim as doutrinas fundamentais evangélicas. A partir da visão que se tem após as conferências de Edimburgo e também da conferência realizada em Nova Iorque, assim como o conteúdo tratado nelas, chegamos ao denominador de que a essência do Ecumenismo idealizado por Willian Carey começa a se distanciar cada vez mais, e o diálogo proposto é um Ecumenismo proselitista e não de unicidade.

Como, em 1913, os latino-americanos receberam uma atenção ampla em relação à Conferência de Edimburgo, o encontro realizado em Nova Iorque trouxe um novo processo para as missões latino-americanas, até então vistas como espaço pastoral e não missionário. Nesse contexto, a missão e o próprio Protestantismo sofreram uma mudança até então nunca

---

<sup>11</sup> PLOU, D. S. *Caminhos de Unidade: itinerário do diálogo Ecumênico na América Latina*, p. 24.

vista, começando com novas expectativas de expansão e crescimento missionário. É interessante notar que a iniciativa da reunião ocorrida em Nova Iorque foi das missões estrangeiras americanas e não europeias, como ocorreu em Edimburgo.

Por ser de iniciativa das missões americanas, o Protestantismo Latino-Americano sofreu um revés e agora se deparava com um problema central que vinha desde a colonização: a Igreja Católica. É bom notar que o ideal ecumênico europeu protagonizado William Carey perde força e os participantes da reunião nova-iorquina se propõem a enfrentar o diálogo com a Igreja Católica de maneira amigável, apesar de quase um século de perseguição feita por esta.

O ponto alto da conferência nova-iorquina foi a criação do Comitê de Cooperação para América Latina – CCLA. Robert Speer, presidente da conferência, durante sua realização, foi eleito presidente da CCLA e, assim, na sua recomendação, destacou que o papel da CCLA seria conceber, incentivar e patrocinar a missão na América Latina, criando uma identidade protestante latino-americana, tornando tal ideal realidade no Congresso do Panamá, em 1916, sedimentando-o no Congresso de Montevidéu, Uruguai, em 1925, e estabilizando-o no congresso de Havana, Cuba, em 1929. É interessante notar que as conferências e os congressos ocorridos no continente latino-americano promoveram a criação de várias siglas para conquistar o espaço e tempo perdido, manifestando que o objetivo do Ecumenismo é deixado de lado, apesar das diferentes tradições protestantes passarem a se reunir para definir ideias e projetos a serem implantados, para, dessa maneira, alcançar as elites latino-americanas, fato este detectado pela Igreja Católica a partir do Congresso de Montevidéu, em 1925.

A dominação protestante foi proposta por líderes das missões estrangeiras e levada a cabo com a criação de inúmeras siglas, sendo que cada uma deveria implantar a cultura protestante. No entanto, já a partir do Congresso de Montevidéu, a Igreja Católica percebe essa postura liberal e influência na educação, iniciando uma cultura de modernidade. Tudo isso significava que o Movimento Protestante tomava contornos e projetava para uma unidade, tornando-se cada vez mais forte. Essa prática não trouxe unidade para o Cristianismo, e sim acabou criando um abismo: entre as tradições protestantes, de um lado, e a Igreja Católica, do outro; frisando que o congresso de Montevidéu ocorreu 40 anos antes do Concílio do Vaticano II e 43 anos da conferência Episcopal de Medellin; então o que prevalecia ainda eram os Concílios de Trento e do Concílio Vaticano I; diante disto a igreja

católica do Uruguai questionou o congresso em três pontos: ideologia, pastoral e política<sup>12</sup>. No campo ideológico, era enfatizado que não poderia ser somente cristão, mas também Católico Romano; no Pastoral, o argumento era uma mensagem que desviava os católicos e não convertia os ateus, racionalistas e liberais, criando, desse modo, uma força opositora ao Catolicismo Romano; e, no panorama político, os protestantes estavam levando os latino-americanos a se identificarem com o pan-americanismo, tornando-os como instrumentos do imperialismo norte-americano<sup>13</sup>.

Os demais congressos caminharam por uma mesma vertente, pois foram influenciados pelos anglo-saxões no Panamá, pelos latino-americanos em Montevideu e pelos norte-americanos, seguindo uma mesma linha dos latino-americanos em Havana<sup>14</sup>; pois os temas e os objetivos das lideranças giravam em torno de alvos de conquistas e não de unidade e muito menos de comunhão entre as tradições cristãs, objetivo primeiro da Conferência de Edimburgo.

## 2.2 A REALIDADE DO DIÁLOGO ECUMÊNICO NO BRASIL

A sociedade brasileira não ofereceu resistência séria à penetração do Protestantismo. Nos altos escalões políticos, simpatia por parte de alguns e indiferença por outros. A camada dominante da política local, representada pela burguesia rural, praticamente não tomou conhecimento da infiltração protestante e, quando o fez, não deve ter visto nele ameaça alguma. Quanto à religião oficial, se sentiu alguma inquietação, pouco pôde fazer porque não lhe era fácil alcançar os seus fiéis dispersos e nômades pela vastidão do território. Por outro lado, os protestantes encontraram espaços na camada social dos homens pobres, dada a rarefação do seu campo religioso e a algumas vantagens de sua teodiceia em confronto com a dominante.

Mas, apesar de encontrar brechas no campo religioso e de sua teodiceia apresentar aspectos positivos para a camada social que a recebeu, o Protestantismo não triunfou. Forças negativas internas, como seu excesso de institucionalização e seu intelectualismo, assim como externas representadas pela contracultura que representava, limitaram os protestantes a pequenos e esparsos grupos fechados.

Finalmente, que a expansão numérica, mas principalmente geográfica do Protestantismo, acompanhou a trilha do café. A rarefação do campo religioso católico, mais sensível nas zonas pioneiras, e o deslocamento constante de família já protestantizadas deram essa configuração à expansão protestante<sup>15</sup>.

Antônio Mendonça, quando relata a sua percepção quanto ao Movimento Protestante Brasileiro, leva em consideração que a Frente Missionária já vinha construindo um trabalho que considerava todas as situações e, por isso, não houve resistência à penetração do

<sup>12</sup> LONGUINI NETO, L. *O novo rosto da missão*, p. 101

<sup>13</sup> LONGUINI NETO, L. *O novo rosto da missão*, p. 101

<sup>14</sup> LONGUINI NETO, L. *O novo rosto da missão*, p. 102.

<sup>15</sup> MENDONÇA, A. G. *O Celeste Porvir: a inserção do Protestantismo no Brasil*, p. 162.



Protestantismo Brasileiro. Os documentos que tiveram como base para formar um projeto de evangelização na América Latina e, assim, no Brasil, fizeram parte de um projeto equivocados, pois a perspectiva que delineavam não coadunava com a realidade latino-americana, nem com a brasileira. Quando Mendonça compreende a situação em uma nova visão hermenêutica, consegue entender que o congresso panamenho não prosperaria, pois os argumentos da discussão baseavam-se em fatos que caberiam na realidade, ao continente africano e asiático, pois estes eram os não alcançados e não o latino-americano, no qual já havia uma evangelização desde o seu descobrimento pelos católicos romanos, assim como os protestantes já tinham realizado uma missão desde meados do século XIX. A missão desenvolvida pelos protestantes não era um trabalho de referência, porém já havia conquistado espaço e o que se necessitava agora era uma reorganização e, também, um novo planejamento, mas com o objetivo de diálogo e unidade. Cabe destacar, também, que o movimento dos ideais ecumênicos no Brasil, herdados da Europa, não foi uma tarefa fácil: as dificuldades não nasceram da noite para o dia, e os objetivos dos ideais ecumênicos de William Carey e discutidos em Edimburgo não contemplavam os latino-americanos. Apesar de sua extensão territorial e de sua mensagem alcançar a periferia e as elites, entendeu-se que os protestantes, naquele momento, não ofereciam risco, sem resistência por parte da Igreja Católica, a comunidade cristã protestante foi crescendo e fortalecendo cada vez mais pois havia se juntado com instituições que tinham influência na sociedade da época. Dentre muitas delas, podemos citar a Maçonaria<sup>16</sup>.

O fato de o Ecumenismo apresentar dificuldades de comunhão caracterizada pelo equívoco do Congresso do Panamá, que debateu temas que não contemplaram o continente latino-americano, resultou em dificuldades apresentadas até hoje. A relação com a Igreja Católica Romana, a divergência do grupo que defendia uma missão quanto aos problemas sociais e outro que defendia uma teologia mais eclesial, a ausência de um comitê permanente ecumênico para debater as questões sociais e políticas no país e também o envolvimento da própria igreja com a sociedade civil foram alguns deles. Cabe afirmar que não podemos responsabilizar exclusivamente o comitê organizador do Congresso do Panamá pela nossa falta de interesse em colocar para funcionar os ideais ecumênicos do pai das missões modernas. Também tivemos interesse em que inúmeras situações ecumênicas não funcionassem, pois os interesses de tradições protestantes seriam prósperos se os pontos da agenda do debate ecumênico não fossem concretizados. Vemos isso com a prática selvagem

---

<sup>16</sup> LONGUINI NETO, L. *O novo rosto da missão*, p. 95.

do proselitismo por parte dos protestantes, inclusive entre eles mesmos, sem nenhuma regra ou ética.

A introdução das ideias protestantes no Brasil remonta à segunda metade do século XIX. Sua expansão não foi tão difícil, pois a extensão territorial brasileira tratava-se de um desafio para a Igreja Católica. A elite brasileira, naquela época, se concentrava na camada ruralista, assim, o Protestantismo não se tornou conhecido por eles e, devido a isso, não houve restrição, pelo contrário, alguns a viram com bons olhos, principalmente os da periferia. O crescimento deu-se pela existência de uma lacuna deixada pela religião dominante e também por sua forma da pregação, uma vez que Igreja Católica ainda seguia a liturgia medieval, o que facilitou a evangelização protestante. Poderíamos, ainda, citar a teologia protestante que era transmitida de forma simples e o uso da Bíblia como comprovação da mensagem pregada. Também a formação modesta dos missionários era outro ponto de convergência da expansão protestante. Assim, já no final do século, a libertação dos escravos e a implantação da República tornou ainda mais fértil o crescimento do Protestantismo Brasileiro, embora tudo isso tenha sido realizado de maneira negativa e através de confrontos de ambos os lados, até mesmo entre os protestantes.

Assim, vemos que o Congresso do Panamá foi equivocado, pois as assembleias não consideraram esse pensamento protestante brasileiro que já estava praticamente formado e cujo crescimento era considerável, principalmente quando começou a alcançar instituições que influenciavam a sociedade da época. As reuniões não conseguiam diagnosticar pontos de avanços e convergência, pois os projetos não coadunavam com a realidade latino-americana e muito menos com o Brasil, e isso é constatado até hoje, quando vemos os problemas que não foram solucionados e que ainda sofremos, dentre eles o confronto entre católicos e protestantes. É evidente que, depois do Concílio Vaticano II, a Igreja Católica tem lutado para uma aproximação convergente, mas ainda há resistência por parte de inúmeras tradições protestantes, principalmente os pentecostais, que a enquadram como idólatra.

O Protestantismo, por sua vez, em determinado momento após a implantação da república e também a expansão do humanismo trazido por brasileiros com formação em Paris, trabalhou incansavelmente para alcançar as classes dominantes e elitizadas do país. Esse método era motivado pelos protestantes latino-americanos, sendo tal informação encontrada nos documentos do congresso panamenho.

[...] No que se refere ao método de propagar o evangelho, o documento advogava por cultos reverentes, edifícios atrativos e uma aplicação social da mensagem. Aqui, o propósito era novamente o de ganhar a classe intelectual. As missões das

denominações históricas, que, em termos gerais, adotaram as recomendações deste congresso, assumiram imediatamente uma imagem de classe média na América Latina. Desenvolveram, é verdade, um interesse social, porém dirigido em busca dos pobres em vez de ser um interesse que tomava os pobres como ponto de partida, como havia sido o caso quando essas missões começaram o seu trabalho na América Latina.<sup>17</sup>

Diante dos fatos acima, verificamos que o ideal ecumênico está longe da sua essência em relação ao objetivo missiológico de William Carey. Parece que a Assembleia do Panamá destoou da realidade do continente latino-americano, pois os documentos produzidos a cada reunião indicavam um desejo de uma missão de dominante sobre o povo cristianizado e não os não alcançados, ou seja, o que se entende então não é um “Ide” de Jesus, mas sim um desejo, uma ganância das instituições que desejavam “ampliar” o seu domínio e o seu mercado. Essas perspectivas são facilmente encontradas na maioria dos documentos em inglês e muito pouco em língua hispânica, dando a entender que os nativos não tinham necessidade de conhecer os resultados das decisões ora tomadas, o que não corresponde à realidade dos países de língua hispânica e de língua portuguesa, como o Brasil. A ênfase dada aos objetivos é de que o povo era atrasado, sem cultura, ignorante e que estes fatos dominantes se deviam ao trabalho da Igreja Católica. Por mais que não fosse explícito esse discurso, ficava subentendido que ser católico era ser atrasado e pobre, e que era necessário, então, implantar um sistema educacional para que as pessoas pudessem entender que ser protestante era ser próspero. Diante dessa perspectiva de um proselitismo disfarçado e fugindo da essência do Ecumenismo proposto Carey, Nelson e J. Kessler advertem:

Infelizmente, o informe não comentava a verdadeira necessidade de educação entre os pobres. Isso se devia, em parte, à preocupação de alcançar as classes acomodadas e, também, em parte, que davam por certo que um melhoramento do nível geral de educação beneficiaria automaticamente os pobres. Nem eles, nem ninguém mais naquela época, davam suficiente conta da medida em que as estruturas opressoras podiam continuar explorando aos pobres, até mesmo quando deles haviam recebido, por meio de bolsa de estudos, uma educação melhor.<sup>18</sup>

Apesar de um sentimento de domínio expansionista que caracterizava as discussões nos eventos que reuniam toda a América Latina, com a participação de delegados brasileiros, as decisões e os ideais para a expansão do Protestantismo eram trazidos para o Brasil e praticados nos quatro cantos do Brasil. Entretanto, havia uma voz que destoava nos discursos de domínios, essa voz era do profeta da unidade, nome dado ao pastor presbiteriano brasileiro

---

<sup>17</sup> LONGUINI NETO, L. *O novo rosto da missão*, p. 96.

<sup>18</sup> LONGUINI NETO, L. *O novo rosto da missão*, p. 96.

Erasmus Braga, que pregava a tolerância para com os católicos. No entanto, essa prática é vivida até hoje pela tradição protestante presbiteriana, que, na época, não concordava e acabava criando um cisma na própria denominação, nascendo, assim, a Igreja Presbiteriana Independente.

O diálogo ecumênico relativo à unidade no Brasil sempre irá enfrentar dificuldades enquanto não houver humildade de todas as tradições cristãs de reconhecerem a sua participação nessa divisão. Apesar de todas as investidas de Erasmus Braga para que o diálogo se tornasse uma realidade, foram criadas inúmeras siglas e comissões para que pudessemos chegar nesse denominador comum, porém isso sempre esbarrou nos fatos históricos que deixaram feridas que nunca foram tratadas. Hoje, depois de mais de um século do Congresso da Panamá, ainda temos problemas de unidade e reconhecimento quanto ao outro, e, apesar das investidas das diversas lideranças de várias tradições cristãs, contamos ainda com os fundamentalistas unilaterais que não abrem mão de suas vaidades e ganância religiosas, abandonando, dessa forma, os princípios simples do evangelho, do amor ensinado pelo Senhor Jesus e da sua recomendação: “que todos sejam um” (Jo 17, 21).

### 2.3 A PRÁTICA ECUMÊNICA A PARTIR DA CRIAÇÃO DO CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS - CMI

[...] na noite de 27 de junho de 1538, o grande reformador jantava em Wittenberg, com seu companheiro de lutas e disputas, o douto mestre Felipe Melanchthon. Os dois homens estavam tristes. Falavam do futuro. Lutero interrogava: “Quantos mestres diferentes seguirá o próximo século? A confusão será total. Ninguém se deixará governar pela opinião ou a autoridade de outro. Cada um procurará ser seu próprio Rabi (mestre): como já é o caso de Osiander, de Agrícola. [...] e então quantos escândalos enormes, quantas dissipações! O melhor seria que os príncipes, por meio de um concílio, procurassem prevenir tais males, mas os papistas não aceitariam jamais isto, têm tanto medo da luz [...]”. Por sua vez, Melanchthon respondia no mesmo tom: “Oh! Queira Deus que os príncipes e os Estados possam encontrar num concílio uma fórmula de concórdia para as doutrinas e as cerimônias, estabelecendo uma proibição para ninguém se afastar dela temerariamente, para escândalo do próximo. Sim, é três vezes lamentável o rosto de nossa Igreja mascarada sob tal capa de debilidade e escândalos!”<sup>19</sup>

Esse sentimento de Martinho Lutero, ainda no século XVI, não foi uma mera perspectiva negativa, pois a sua consciência, a partir da atuação de Andreas Osiander, diante dos anabatistas, foi uma preocupação diante do crescimento da Reforma e, ao mesmo tempo, da intolerância entre eles. Tanto Lutero como Melanchthon já idealizavam um concílio de comunhão entre as diversas linhas da fé cristã e previram a necessidade de uma intervenção

<sup>19</sup> DIAS, Z. M. *O Movimento Ecumênico: História e Significado*, p. 127.

dos príncipes para que tal coisa fosse realizada de forma pacífica e ordeira. Vimos isso nas suas palavras de lamentação naquela noite de 27 de junho de 1538.

A consciência despertada no reformador vem a ocorrer, na prática, séculos depois, com Willian Carey, e o desejo da realização do concílio transformou-se em uma conferência em 1910 na cidade Edimburgo, na Escócia, para a construção de uma comunhão fraterna e ecumênica, promovendo, assim, a responsabilidade da transmissão da fé cristã de forma consistente e motivada. É evidente que os ideais de Lutero bem como os de Carey não foram realizados de forma imediata, mas sim construídos com muito diálogo e debates, surgindo, assim, em 1948, a fundação do Conselho Mundial de Igrejas - CMI, que passa a trabalhar como um instrumento de unidade das diferentes tradições cristã. O CMI não foi um ideal unânime, mas nasceu como fruto do desejo de inúmeras tradições cristãs, inclusive das Igrejas Ortodoxas. É certo que o desejo de comunhão já possui resquício com a comunhão anglicana ocorrida em 1867, que trabalhou com o intuito de comungar as doutrinas essências. Em 1875, surge, também, a Aliança Mundial de Igrejas Reformadas - AMIR, cujo número de participantes chega a duzentas igrejas, oriundas da Reforma Protestante do século XVI. Seu perfil, na maioria, era da herança de João Calvino. Já em 1881, realiza a Conferência Ecumênica Metodista. Em 1905, forma-se a Federação Batista Mundial e, em 1923, é criada a Convenção Luterana Mundial.

A Conferência em Edimburgo, realizada em 1910, trabalhou com o intuito de um Ecumenismo Missionário, no qual os enviados pudessem comungar da mesma mensagem e, assim, o entendimento da Conferência Internacional de Edimburgo na Escócia focou um alvo justamente idealizado por Lutero, em 1538: “O melhor seria que os príncipes, por meio de um concílio, procurassem prevenir tais males”<sup>20</sup>.

Apesar de, na Conferência de Edimburgo, haver um otimismo sobre missão, as igrejas participantes não conseguiram compreender a essência do ideal. Nesse contexto é que nasceu o projeto do CMI, em 1948, em Amsterdam - Holanda, tornando-se, assim, o principal organismo ecumênico internacional, agregando mais de 345 igrejas e denominações de 110 países, que somam um total de cerca de 500 milhões de cristãos de todo o mundo. São igrejas de tradição Ortodoxa, Anglicana, Reformada, Unida, Metodista, Pentecostal, Copta e inúmeras independentes. Além das igrejas-membro, existem muitas que participam do conselho como observadoras, como é o caso da Igreja Católica Apostólica Romana - ICAR,

---

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 128-129.

assim como o de outras organizações ecumênicas internacionais, como a Christian Aid e a Federação Mundial dos Estudantes Cristãos (*Word Student Christian Federation* - WSCF).

Hoje, o CMI é o principal instrumento de trabalho para a unidade dos cristãos. Necessidade esta de comunhão e solidariedade apresentada pelos cristãos europeus após notar como o ser humano, na civilização moderna, teve a capacidade de criar situações destrutivas e belicosas para si mesmo. Podemos ver tal questão na observação de Emilio Castro, ex-secretário geral do CMI, acerca do Ecumenismo: “o Ecumenismo só é possível quando pensado como solidariedade e quando referido à manifestação da unidade do Reino de Deus entre os homens”<sup>21</sup>.

Então, na sua criação, o CMI, juntamente com os movimentos compostos pela Conferência Mundial do Cristianismo Prático, Comissão de Fé e Ordem, Aliança Mundial para a Amizade Internacional Através das Igrejas, Associação Cristã de Moços e Moças e Federação Mundial de Estudantes Cristãos, iniciaram, na década de trinta, um desejo de reunir todas as instituições em um único organismo. Esse objetivo passou a ter forma quando o Movimento de Vida e Trabalho e a Aliança para a Amizade Internacional passaram a ter um secretário-geral, a partir de 1932. Em 1933, o Movimento de Vida e Trabalho propôs a criação de um grupo especial que fizesse ponte entre eles e a Comissão de Fé e Ordem. Essa iniciativa não prosperou, mas o secretário-administrativo Willians Adams Brow, do Movimento Vida e Trabalho, propôs uma reunião geral, e o Arcebispo de York, William Temple, personagem importante da Comissão de Fé e Ordem, convidou as principais lideranças dos movimentos protestantes e também dos representantes do Conselho Internacional de Missões. Nessa reunião, houve avanços significativos nos debates acerca de um futuro organismo que abrangesse e acolhesse a proposta ecumênica. A partir daí, a ideia da formação de uma instituição que englobasse todos com o único objetivo cristão, começou a tomar forma. É evidente que o que impulsionou a necessidade imediata do organismo foram as dificuldades geradas pelo desenvolvimento do Nacional Socialismo Alemão, cuja situação atingia as igrejas alemãs e acabaria afetando também o Cristianismo como um todo. Esse processo acabou trazendo pontos positivos para os objetivos das organizações e figuras importantes como Joseph Houldsworth Oldhan, que foi emergindo e fortalecendo a ideia e atuando decisivamente para a criação do CMI.

Em 1937, vésperas das conferências de Vida e Ação, em Oxford, e Fé Constituição, em Edimburgo, se reuniram em Londres juntamente com a Aliança Universal para a Amizade

---

<sup>21</sup> DIAS, Z. M. *O Movimento Ecumênico: História e Significado*, p. 128-129.

entre as Igrejas, o Conselho Internacional de Missões, a Aliança Mundial das Associações Cristãs de Moços, a Aliança Mundial das Associações Cristãs Femininas e a Federação Universal dos Movimentos de Estudantes Cristãos duas comissões enviadas, num total de 35 representantes, com o objetivo de criar o CMI. “Fé e Ordem” de um lado e “Vida e Ação” do outro tinham em mente uma preocupação: a criação de um organismo internacional. Contudo a ideia gerava medo, medo de criar uma “super Igreja”. Todavia era necessária a criação de um conselho ecumênico. Após superar o medo e a preocupação, foi então recomendado pelos participantes das duas conferências a nomeação de um comitê de 14 membros para que pudessem concluir o trabalho da formação do conselho ecumênico. Assim, o “Comitê dos 14” convocou uma reunião ampla na cidade de Utrecht – Holanda, em 1938. Ali, foram fixados os pontos fundamentais do futuro Conselho Mundial. Na reunião ocorrida, ficou claro que não seria uma “super Igreja”, mas apenas uma Associação Fraternal de Igrejas que adotaria como base doutrinária a mesma de Conferência Fé e Constituição: “O Conselho Mundial de Igrejas é uma comunhão de igrejas que aceitam nosso Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador”<sup>22</sup>.

Foram decididos, também, critérios para a eleição de delegados e a nomeação do Pastor Visser’t Hooft como secretário-geral provisório. Assim, finalmente, o comitê provisório estava constituído, de modo que o anteprojeto do CMI foi entregue às igrejas que participaram das conferências de 1937.

Após todos os pontos sobre a configuração do CMI estarem definidos, o comitê provisório prevê a 1ª Assembleia Geral para 1941, mas, com a eclosão do Segundo Conflito Mundial, tais planos foram frustrados. Então, em 1948, de 22 de agosto a 4 de setembro, realizou-se, na cidade de Amsterdã - Holanda, a assembleia oficial de fundação do CMI. O momento foi marcado por emoção, iniciando com um culto solene na tarde do primeiro dia. Na manhã do dia 23 de agosto de 1948, o pastor francês reformado, Marc Boegner, apresentou formalmente a proposta de fundação do Conselho Mundial de Igrejas, que foi aceita unanimemente, pelos 350 delegados e representantes de 147 Igrejas, vindo de 44 países, sendo que o número total de participantes chegou a 1.300. Não havia representantes católicos oficialmente, pois, devido às diversas recusas aos convites para assembleias anteriores, por parte da Santa Sé, fez com que se optasse por não haver um convite oficial. Mesmo assim, houve a presença isolada de diversos teólogos católicos que, proibidos de ir como sacerdotes católicos, o foram como jornalistas, por conta do que estava disposto no Código de Direito Canônico de 1917, o qual proibia os católicos de participarem de reuniões

---

<sup>22</sup> HORTAL, J. *E haverá um só rebanho*, p. 191-192.

ecumênicas, e na advertência publicada pelo Santo Ofício em 05 de junho de 1948. Aquilo que havia sido pensado por Martinho Lutero junto com Melanchthon, séculos atrás, agora era uma realidade, e, depois de a humanidade passar pela truculência da Segunda Guerra Mundial, não restou outra opção de tema que não fosse o reconhecimento, por parte do agora CMI, da situação da humanidade, sendo necessária a reflexão sobre o tema da maldade e, ao mesmo tempo, da fragilidade do ser humano. Assim, o tema escolhido foi: “A desordem dos homens e o desígnio de Deus”<sup>23</sup>.

Foram criados os seguintes subtemas:

1. A Igreja Universal no desígnio de Deus;
2. O desígnio de Deus e o testemunho da Igreja;
3. A Igreja e a desordem da sociedade; e,
4. A Igreja e a desordem internacional.

A declaração básica aceita pelas Igrejas Protestantes, Anglicanas e Ortodoxas adotada pelo CMI promoveu objetivos e funções que passaram a desempenhar no cotidiano do CMI:

- a) dar continuidade ao trabalho desenvolvido pelos dois movimentos mundiais de “Fé e Ordem” e “Vida e Trabalho”;
- b) criar facilidades para a ação comum das igrejas;
- c) promover o estudo em comum;
- d) desenvolver a consciência ecumênica dos fiéis de todas as igrejas;
- e) estabelecer relações com as alianças confessionais de caráter mundial e com demais movimentos ecumênicos;
- f) convocar, quando as circunstâncias o exigirem, conferências mundiais que estarão autorizadas a publicar suas próprias conclusões;
- g) sustentar as igrejas em seus esforços de evangelização.

Após o estabelecimento e a formalização do CMI, a conferência deixou claro que o caminho a ser trilhado atendia a todos os princípios de base das conferências de Lausanne, realizada em 1927, e de Edimburgo, em 1937; princípios estes que visavam respeitar o entendimento teológico das diversas igrejas filiadas. A 1ª Assembleia encerrou-se deixando claro e patente que as próximas revelariam que “queremos ficar juntos”. Decidiu-se, então, seguir uma diretriz que recomendava uma reunião a cada 7 anos, e assim ocorreu nos Estados Unidos (Evanston), com 502 delegados e 161 igrejas-membro, na Índia (Nova Delhi) em 1961, com 577 delegados e 197 igrejas-membros, na Suécia (Uppsala), com 704 delegados e

---

<sup>23</sup> HORTAL, J. *E haverá um só rebanho*, p. 193.



235 igrejas-membro, no Quênia (Nairobi), com 676 delegados e 285 igrejas-membros, Canadá (Vancouver), 847 delegados e 301 igrejas-membros, Austrália (Camberra), com 842 delegados e 317 igrejas-membros. Desde a primeira Assembleia de Fundação do CMI, o número de delegados e igrejas-membro só cresceu, e, a cada assembleia, os temas foram embasados no contexto contemporâneo da sociedade, para que, assim, revelasse para que veio e para que serve o Conselho Mundial de Igrejas - CMI.

Seus objetivos eram:

- a) exercer uma responsabilidade cristã num mundo em constante evolução cultural, religioso e tecnológico;
- b) edificar uma família humana frágil, porém que viva em justiça e paz numa casa comum;
- c) ter a consciência em levar a carga uns dos outros, numa sociedade tão pluralista e desigual; e,
- d) promover a unidade da Igreja em Cristo.

## 2.4 O DIÁLOGO ECUMÊNICO NA COMPREENSÃO LUTERANA

Está perfeitamente claro que a Reforma foi, em certas condições concretas um movimento essencialmente religioso, uma tentativa de renovar a vida religiosa fazendo-a remontar “as suas origens [...]. Lutero e os que a ele se unem são, sem dúvida, em sua intenção primeira, almas que buscam Deus [...]. Na verdade, trata-se, em princípio, de descobrir, para além dos conceitos, o mistério inviolável; para além da literatura edificante, um evangelho vivo, bebido em sua própria fonte; para além das práticas devotas, às vezes desfiguradas pelo dinheiro e pela farsa (as indulgências), uma religião, simples, pura, viril, desnuda; para além dos sacerdotes de qualquer hábito e dos preladados de qualquer título, um face a face com Deus no segredo da consciência”.<sup>24</sup>

A Reforma Protestante ocorre num desaguar de várias situações da sua época: descobrimento do novo mundo, criação do prelo, nascimento de uma nova classe social e a decadência da longa Idade Média. Martinho Lutero, monge agostiniano, diante do texto do apóstolo Paulo, se vê diante do final de seu martírio, com um sentimento de culpa, mas, posteriormente, fortalecido e amadurecido para ser o proponente de mais um cisma na história da Igreja.

A Reforma é fruto de fatos, práticas e omissões da Igreja Católica, que não coadunava com os princípios da fé cristã. E isso é referendado por inúmeros teólogos das diversas tradições cristãs. Cabe salientar que tal afirmação não se trata de um sentimento de repúdio, mas antes de lamento.

---

<sup>24</sup> NAVARRO, J. B. *Para compreender o Ecumenismo*, p. 94.

A eclosão da Reforma ocorre em 1517, mas no entendimento daqueles que se opunham a Lutero, foi necessário fazer muito para tantas dificuldades naquela que até então possuía um continente inteiro confessando o mesmo princípio de fé e possuía um único pastor na pessoa do sumo pontífice. De acordo com Yves Congar, padre dominicano, “a Reforma foi um movimento essencialmente religioso, uma tentativa de renovar a vida”<sup>25</sup>. O objetivo de Lutero não era causar alvoroço entre a população em geral, até porque as suas 95 teses foram escritas em Latim, língua desconhecida pela população simples, mas sim trazer para o debate teólogos e eruditos da época e denunciar os abusos eclesiásticos. Convocado a se retratar, Lutero recusa, se mantém irredutível e ainda toma uma posição radical, queimando a Bula Papal em 10 de dezembro de 1520 e em janeiro de 1521 é excomungado. “O javali selvagem”, como o chamou o Papa Leão X, estava solto e suas ideias atearam fogo no mundo, apesar de todo o poder papal, o príncipe Frederico III, o sábio, protegeu Lutero do Papa Leão X como também do imperador, abrigando-o no castelo de Wartburg após a dieta de Worms em 1521.

Em 1530, após as guerras pela disputa do trono e de territórios, Carlos V convoca a dieta de Augsburgo, e, em 25 de junho de 1523, Carlos V e os príncipes alemães se encontram e são lidos os 28 artigos feitos por Melanchton, que definiram a confissão de fé Augsburgo. A igreja estava agora dividida: de um lado a Igreja Católica, e do outro, o Protestantismo. Com a separação definitiva a partir do Concílio de Trento, o mundo passou a ter territórios católico-romanos, evangélico-luteranos e outros reformados: “*cuius régio, eius religio*” (de quem é a região, daquele é também a religião)<sup>26</sup>.

Com a Reforma, o mundo viu desencadear uma igreja universal que predominou pelos 15 primeiros séculos, igreja esta que passou por guerras, mudanças e transformações na sociedade e não se separou, mas, agora, se vê dividida e assiste a uma fragmentação e ao nascimento de diversas igrejas oficiais protestantes. Os luteranos propagam as suas doutrinas na Alemanha e na Escandinávia, o calvinismo ocupa a Suíça, a Hungria, a Boêmia, a França, a Escócia e a Holanda. O rei inglês Henrique VIII, após ser excomungado por causa da anulação do seu casamento com Catarina de Aragão, rompe com a Igreja Católica Romana e assume-se como chefe supremo da igreja, tornando, assim, o Anglicanismo a religião oficial dos ingleses. Os anabatistas, radicais da Reforma, não haviam estabelecido igrejas, mas já eram um movimento forte na Holanda, no Norte da Alemanha e na Suíça.

---

<sup>25</sup> NAVARRO, J. B. *Para compreender o Ecumenismo*, p. 94.

<sup>26</sup> BRAKEMEIER, G. *Preservando a Unidade do Espírito pelo vínculo da paz*. p. 72.

Embora grandes mudanças doutrinárias tenham sido introduzidas pela Reforma, não se deve pensar que as novas igrejas nacionais tenham rompido completamente com todo o legado da Igreja do passado. Protestantes e católicos romanos aceitaram sem problemas os grandes credos ecumênicos, como o Credo dos Apóstolos, o Credo Niceno e o Credo Atanasiano, além de sustentarem todas as doutrinas da Trindade.<sup>27</sup>

Com o fim das guerras, definição da nova estrutura da Igreja Católica Romana a partir do Concílio de Trento, estabelecimento das igrejas provenientes da Reforma, expansão do novo mundo e avanço nas diversas áreas da sociedade humana, o campo religioso toma outra direção: o da missão. Os protestantes se veem compelidos com as mais diversas formas teológicas e bíblicas, pela diversidade de igrejas protestantes. Diante desse fato, sentem a necessidade de comunhão. Nasce, então, não somente de uma igreja protestante e nem da igreja protestante, mas de todos que eram envolvidos na frente missionária e percebiam que a divisão só atrapalhava a expansão do Reino de Deus no meio dos não alcançados, o desejo de (re)organização para enfrentar as atrocidades sociais, divisões entre si, a migração dos povos do velho mundo para a tão desejada oportunidade na América, entre outros fatores.

As demais confissões protestantes foram se organizando. Em 1867, ocorre a formação da comunhão anglicana. Em 1875, é criada a Aliança Mundial de Igrejas Reformadas. Em 1881, os metodistas se agrupam na Conferência Ecumênica Metodista e, em 1905, é constituída a Federação Batista Mundial. Todas foram impulsionadas não somente pelas questões religiosas e mudanças na sociedade moderna, mas também pelo espírito já ecumênico. Em 1923, a Igreja Luterana criou a Federação Luterana Mundial. A Igreja Católica já havia estabelecido as diretrizes no Concílio Vaticano I, ocorrido em 1870, de sua internacionalidade, para enfrentar as mudanças no mundo no campo social, político e econômico e os avanços do individualismo e pluralismo da modernidade. Nele, proclama a infabilidade papal e a sua centralização eclesiástica.

Os luteranos que desembarcam no Brasil em 1823 e 1824, em sua grande maioria, fixam residência em Nova Friburgo - RJ e São Leopoldo - RS e, necessitando de assistência pastoral, chega ao Brasil proveniente da Alemanha o primeiro pastor de confissão luterana em 06 de novembro de 1824 e segue direto para São Leopoldo - RS. No mesmo ano, chega à Nova Friburgo-RJ, o Pastor Friedrich Oswald Suerbronn. Somente em 1890 é que chegam pastores de confissão luterana vindos da região de Missouri, Estados Unidos, estabilizando-se somente em 1904. Estes sob a sigla ICLB, provenientes dos Estados Unidos são organizados nacionalmente sob a liderança de um pastor-presidente e só mantêm os laços com a Igreja Luterana da América. Ela se mantém de maneira reservada diante das propostas ecumênicas,

---

<sup>27</sup> CAIRNS, E. E. *O Cristianismo Através dos Séculos*, p. 325.

por isso não é membro da Federação Luterana Mundial e nem do CMI. Nos eventos ecumênicos, só participa como observadora, inclusive do CONIC. Prova disso foi a rejeição da Declaração da Doutrina da Justificação pela Graça, base total da teologia luterana. Já a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil-IECLB é uma igreja de vocação ecumênica e de preocupação social, por isso mantém relações dialogais e fraternas com a Igreja Católica Apostólica Romana. Pertence à Federação Luterana Mundial, ao Conselho Mundial de Igrejas, ao Conselho Nacional de Igrejas Cristãs e à Coordenadoria Ecumênica de Serviço - CESE. Cooperar, ainda, com a Comissão Mista Bilateral e também em organismo como o Conselho Indigenista Missionário -CIMI e a Comissão Pastoral da Terra - CPT. Vemos, então, na IECLB, um espírito ecumênico e, por ter essa vocação, trabalha desde a criação da Federação Luterana Mundial em prol do diálogo ecumênico e não é diferente o seu empenho em dialogar com a Igreja Católica Apostólica Romana. Já no final do Concílio Vaticano II, a Federação Luterana Mundial e a Igreja Católica Romana estabeleceram contatos para a formação de um grupo misto que se reuniu em agosto de 1965 e abril de 1966 na cidade de Estrasburgo - França, para discutir a questão dos contatos, colóquios e formas possíveis de trabalhos em comum.

As comissões nomeadas pelas igrejas estavam conscientes de que o trabalho realizado não iria encontrar soluções rápidas para questões práticas, mas sim iniciar um diálogo que abrangesse pontos fundamentais que unem as duas igrejas como também separam as duas igrejas. Com esse intuito, a comissão foi convocada pelas autoridades competentes para o estudo sobre o tema “O Evangelho e a Igreja” e, junto da comissão internacional ora convocada, foram convidados também teólogos e peritos nos assuntos que seriam abordados.

Portanto, nos dias 26 a 30 de novembro de 1967, na cidade de Zurique - Suíça, na sua primeira sessão, a comissão debateu sobre o Evangelho e Tradição. Na sua segunda sessão, a comissão se reuniu em Bástad - Suécia, entre os dias 15 a 19 de setembro de 1968, sendo o tema “O mundo e a Igreja”. As duas sessões seguintes realizadas em Nemi - Itália, de 4 a 8 de maio de 1969, e em Genebra - Suíça, de 22 a 26 de fevereiro de 1970, tratando de temas mais eclesiológicos, sendo que a última abordou questões do primado papal e da intercomunhão, já as demais sessões ocorreram em fevereiro 1971 em San Anton - Malta, onde foram concluídos os trabalhos, que recebeu o nome de “Relatório de Malta”<sup>28</sup>.

A comissão mista trabalhou com cuidado, pois sabia que não poderia esgotar o tema proposto, fizeram-no com cautela, aprofundando-se em uns e debatendo outros até certo ponto

---

<sup>28</sup> PORTAL LUTERANOS. *Relatório de Malta: Apresentação*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/relatorio-de-malta-apresentacao>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

para redigir em conjunto o relatório. É necessário levar em consideração que a comissão não foi nomeada para debater controvérsias teológicas ocorrida no século XVI, mas antes avaliar as diferenças para submeter à luz dos mais recentes conhecimentos da teologia bíblica, da história eclesiástica e também da abertura dada pelo Concílio Vaticano II. Isso tornou um conceito-chave para o diálogo ecumênico.

A comissão tinha consciência de suas limitações por conta do tempo e também dos assuntos abordados, como, por exemplo, a infabilidade papal, que foi debatida até certo ponto, mas não mencionada no relatório. Os pontos que não foram discorridos explicitamente durante as sessões são:

- a) a relação de Igreja e Evangelho com os sacramentos;
- b) a relação entre natureza e graça, bem como entre Lei e Evangelho;
- c) a questão do magistério eclesiástico;
- d) as questões mariológicas.

Então, no dia 09 de fevereiro de 1972, a Comissão Mista Internacional apresentou o relatório com equidade às autoridades competentes como resultados de um profundo trabalho das duas igrejas, e recomendou a atenção delas para um estudo aprofundado na esperança de que o trabalho contribua para construir a unidade e desconstruir a separação que perdura há quase 5 séculos. Abaixo, seguem os pontos centrais presentes na conclusão do documento que abrangeu o Evangelho e a Igreja.

a) Evangelho e Tradição:

- a questão do Evangelho;
- a pregação de Jesus e o querigma cristão primitivo;
- o critério da pregação eclesiástica;
- o centro do Evangelho e a hierarquia;
- o problema da doutrina sobre justificação;
- o Evangelho e direito eclesiástico.

b) O Evangelho e o Mundo:

- a importância do mundo para compreensão de Evangelho;
- o significado do Evangelho para o mundo;
- o caráter histórico do Evangelho.

c) O Evangelho e o Ministério Eclesial:

- o ponto de partida comum;
- o valor normativo da origem;
- o desenvolvimento histórico da estrutura da igreja;
- a compreensão da sucessão apostólica;
- para uma nova interpretação da doutrina tradicional do ministério;
- a possibilidade de um reconhecimento mútuo dos ministérios eclesiais.

d) O Evangelho e a Unidade da Igreja:

- a intercomunhão.

A primeira fase de trabalhos da Comissão Internacional, de 1967 até 1972, foi exitosa, avançando nos temas proposto pelas autoridades das duas igrejas. Apesar de os membros da comissão terem mandatos de 4 anos, ela não cessou suas atividades, novos temas foram acrescentados para futuros debates e, assim, a comissão voltou a se reunir de 1973 a 1984, nominando como segunda fase, cujos temas tratados foram:

- a) a Eucaristia;
- b) tudo sob um Cristo;
- c) formas de comunidade;
- d) o Ministério na Igreja.

Em 1986 a 1993, a Comissão Mista Internacional Luterano-Católico, se reuniu e nominada de terceira fase cujo tema debatido foi sobre Igreja e Justificação. Já a de 1995 a 2006 debateu a apostolicidade da Igreja. Os debates foram profícuos e proveitosos após décadas de diálogo entre a Igreja Católica e a Federação Luterana Mundial no dia 31 de outubro de 1999, na cidade Augsburg, sob a presidência do Bispo Luterano Christian Krause e do Cardeal Católico Edward I. Cassidy, que assinaram a tão esperada declaração conjunta sobre a doutrina da justificação da Federação Luterana Mundial e da Igreja Católica Romana, sendo que tanto o Cardeal Walter Casper presidente do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos como o Reverendo Ismael Noko festejaram a assinatura do documento, pois tal fato foi um avanço para a realidade do Ecumenismo entre as denominações cristãs e o selo para a comunhão e a paz.

A declaração conjunta sobre a Doutrina da Justificação pode ser resumida em único parágrafo:

Confessamos juntos: somente por graça, na fé na obra salvífica de Cristo, e não por causa de nosso mérito, somos aceitos por Deus e recebemos o Espírito Santo, que nos renova os corações e nos capacita e chama para as boas obras.

No 499º aniversário da Reforma Protestante e após 50 anos de diálogo ecumênico entre católicos romanos e luteranos, ocorrido em 31 de outubro de 2016, na Catedral de Lund - Suécia, na presença dos Monarcas, Rei Carl XVI Gustaf e da Rainha Silvia, o Papa Francisco e Bispo Munib Younam, presidente da Federação Luterana Mundial, assinaram a declaração conjunta “Do conflito à comunhão”, documento que visa às comemorações dos 500 anos da separação dos cristãos do Ocidente.

Nossa separação tem sido uma imensa fonte de sofrimento e incompreensão; como católicos e luteranos, tomamos uma jornada de reconciliação. Devemos olhar nosso passado com amor e honestidade e reconhecer nossa culpa e pedir perdão. Lamentamos o dano causado mutuamente por católicos e luteranos. Com gratidão, reconhecemos que a Reforma contribuiu para dar papel central à Santa Escritura na vida da Igreja. Não podemos nos resignar à divisão e ao afastamento que a separação provocou entre nós. Temos a ocasião de reparar um momento crucial de nossa história, superando as polêmicas e mau entendimento entre nós.<sup>29</sup>

[...] este momento histórico é uma oportunidade para católicos e luteranos se distanciarem de um passado marcado por conflito e a divisão. Nós nos demos conta de que aquilo que nos une supera com folga o que nos divide. Somos brotos da mesma videira.<sup>30</sup>

O evento ecumênico realizado em Lund para o início das comemorações do 500º ano da Reforma Protestante não foi mais para celebrar a divisão, mas para se perdoar e ao mesmo comemorar o 50º aniversário de diálogo ecumênico católico e luterano desde a formação da comissão mista pós-Vaticano II, trabalho este que amadureceu as relações, gerando a declaração do “Do conflito à comunhão” assinada em Lund. Nela, estão presentes desafios que significam mais oportunidades do que obrigações.

- a) É a primeira comemoração que tem lugar na era ecumênica. Por isso, a comemoração comum é uma ocasião para aprofundar a comunhão entre católicos e luteranos;
- b) É a primeira comemoração na era globalização. Por isso, a comemoração comum deve incorporar experiências e perspectivas de cristãos do Sul e do Norte, do Leste e do Oeste;

<sup>29</sup> Papa Francisco na Catedral de Lund - Suécia, nos 499 anos da Reforma.

<sup>30</sup> Pastor Martin Junge, secretário-geral da Federação Luterana Mundial, na Catedral de Lund - Suécia, nos 499 anos da Reforma.

c) É a primeira comemoração que deve ocupar-se com a necessidade de uma nova evangelização, num tempo marcado pela proliferação de novos movimentos religiosos e o crescimento da secularização em muitos lugares. Por isso, a comemoração comum representa a oportunidade e a obrigação de ser um testemunho comum de fé.<sup>31</sup>

De acordo com a Comissão de Diálogo, “os católicos e luteranos são desafiados a refletirem juntos sobre o significado dos 500 anos da Reforma”<sup>32</sup>. Foram séculos de confrontos e divisão, feridas foram abertas, perseguições e guerras fizeram parte dessa história. O que cabe hoje, após 50 anos de diálogo oficial desde a primeira ocorrência nos idos de 1967 até assinatura da declaração “Do conflito à comunhão”, para as comemorações dos 500 anos de cisma, foi um caminho transcorrido de muitas dificuldades com o único objetivo: o da paz. Quando o Papa Francisco, em audiência no dia 13 de outubro, na sala Paulo VI, na cidade do Vaticano, em que estiveram presentes cerca de mil participantes da peregrinação de luteranos e católicos, ele manifestou a sua alegria em poder ver católicos e luteranos em uma mesma peregrinação ecumênica, peregrinação esta que iniciou na região de Lutero, na Alemanha, e encerrou-se no Vaticano, sede do Bispo de Roma. Nessa ocasião, ele ressaltou:

Demos graças a Deus porque hoje, luteranos e católicos, estão prosseguindo no mesmo que vai do conflito à comunhão. Percorremos juntos um pedaço de estrada importante. Ao longo do caminho, experimentamos sentimentos constantes: dor pela divisão que ainda existe nós, mas também alegria pela fraternidade reencontrada. A sua presença tão alegre e numerosa é um sinal evidente desta fraternidade, e nos dá a esperança de que continue crescendo a compreensão recíproca.<sup>33</sup>

A declaração conjunta corrobora com as declarações do Papa Francisco bem como dos membros da Comissão Luterana Internacional em todos os eventos preparatórios para as comemorações dos 500 anos, colocando uma luz sobre o cisma e mostrando as suas feridas, trazendo, assim, um sentimento de tristeza e de lamento produzido pela incompreensão, mas vencida aos poucos nesses 50 anos de diálogo ecumênico que, diante disso, assume através da declaração conjunta cinco imperativos ecumênicos:

<sup>31</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS E FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Do Conflito à Comunhão: Comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2017*. Relatório da Comissão Luterana - Católico-Romana para a Unidade, p. 13.

<sup>32</sup> WOLFF, E. *A Hermenêutica da Fé Cristã: uma contribuição ao diálogo entre católicos e luteranos no contexto dos 500 anos da Reforma de Lutero*, p. 101.

<sup>33</sup> RÁDIO VATICANO. *Papa a católicos e luteranos: juntos testemunhamos a misericórdia de Deus*. Disponível em: <[http://br.radiovaticana.va/news/2016/10/13/papa\\_aos\\_luteranos\\_juntos\\_testemunhamos\\_a\\_miseric%C3%B3rdia\\_de\\_d/1264871](http://br.radiovaticana.va/news/2016/10/13/papa_aos_luteranos_juntos_testemunhamos_a_miseric%C3%B3rdia_de_d/1264871)>. Acesso em: 28 ago. 2017.



- a) Mesmo que as diferenças sejam mais facilmente visíveis e experienciadas, a fim de reforçar o que existe de comum, católicos e luteranos devem sempre partir da perspectiva da unidade e não da perspectiva da divisão;
- b) Luteranos e católicos precisam deixar-se transformar continuamente pelo encontro com o outro e pelo testemunho mútuo da fé;
- c) Católicos e luteranos devem comprometer-se outra vez na busca da unidade visível, para compreenderem juntos o que isso significa em termos concretos, e buscar sempre de novo esse objetivo;
- e) Luteranos e católicos busquem juntos redescobrir a força do Evangelho de Jesus Cristo para o nosso tempo;
- d) Católicos e luteranos, em sua pregação e serviço ao mundo, devem testemunhar juntos a graça de Deus.<sup>34</sup>

Diante disso, o diálogo católico-luterano continuará amadurecendo para compreender que somos brotos da mesma videira e, como o apóstolo escreveu, fazemos parte do mesmo corpo. Essa consciência precisa ser, a cada dia, arraigada em nossos corações, para que cheguemos à unidade pelo vínculo da paz.

#### 2.4 A COMPREENSÃO DO ECUMENISMO PELO MOVIMENTO PENTECOSTAL

O Movimento Ecumênico e o Pentecostalismo foram dois eventos que marcaram o século XX. Ambos provocaram inquietação no meio cristão, e houve a necessidade de as tradições pararem para analisar e rechaçar ou absorver a ideia. Evidentemente, após análise somada à precaução venceu o sentimento de unidade ensinado pelo Senhor Jesus.

O Movimento Ecumênico teve a sua idealização e debates primeiro nas tradições protestantes e, após, entre as demais, como a Católica Ortodoxa e a Luterana, porém o Movimento Pentecostal, que tem sua origem com Jonathan Edwards e John Wesley, no século XVIII, e Charles Parham, no século XX, sendo que seu desenvolvimento atinge os Estados Unidos como outros países na América Latina, África e Ásia.

No Brasil, o Movimento Ecumênico e o Movimento Pentecostal tiveram o seu início juntos, sendo que o tema acerca do Ecumenismo só foi debatido 50 anos após a fundação do maior grupo pentecostal do Brasil: a Igreja Assembleia de Deus. Na Convenção de 1962, na cidade de Recife, o tema foi debatido, e o Missionário Lawrence Olson e o Pastor Raymond Carlson, ambos americanos, e o Pastor Brasileiro Alcebíades Pereira Vasconcellos alertaram acerca do perigo ecumênico. No final da assembleia convencional, foram escolhidos como membros da comissão para tratar do assunto e, assim, a comissão formada pelos missionários Eurico Bergstén e Lawrence Olson, e representando os pastores brasileiros o pastor

---

<sup>34</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS E FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Do Conflito à Comunhão: Comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2017. Relatório da Comissão Luterana - Católico-Romana para a Unidade*, p. 90-91.

Alcebíades Pereira Vasconcellos, assinaram um documento, em nome da CGADB, contra o ecumenismo<sup>35</sup>.

#### 2.4.1 A origem do Movimento Pentecostal

O Movimento Pentecostal remota desde os séculos passados de maneira fragmentada<sup>36</sup>, sendo explícito a partir de John Wesley, fundador do metodismo, que, no século XVIII, incendiou a Inglaterra com a sua mensagem de santificação produzida pela ação do Espírito Santo na vida do cristão, e cuja mensagem ficou gravada nos corações dos ingleses e produziu um desejo de buscar incessantemente o batismo com o Espírito Santo.

No século vindouro, outro movimento iniciou na Rússia e também na Armênia: o Movimento Armênio registra o fato de um jovem ter recebido o batismo no Espírito Santo e em seguida ser usado por Deus em uma mensagem profética de que os armênios seriam barbaramente destruídos, fato este ocorrido mais tarde com a invasão dos turcos em 1915. A mensagem do menino profeta trouxe divisão para a comunidade, pois uns acreditaram e outros não. Os que acreditaram na profecia se refugiaram na América e, dentre o grupo que se refugiou nos Estados Unidos, havia uma família, a do Pastor Demos Khakarian Junior, que, fixando residência em Los Angeles em 1905, encontrou o Pastor Charles Perhan que havia fundado um seminário, em que 40 alunos matriculados buscavam o batismo com Espírito Santo por crer na promessa feita aos apóstolos, de que este desceria não somente nos tempos apostólicos, mas a todos quantos crerem nessa promessa. O Pastor Perhan, entendendo o interesse das pessoas pela busca do poder do Espírito Santo, abriu mais uma escola em Houston, Texas, e ali recebeu, dentre muitos alunos, um que destoava do grupo por ser filho de um casal ex-escravo, com uma deficiência em um dos olhos (cego) e de postura humilde, cujo nome era William J. Seymour. Aquele aluno *sui generis* se destacava dentre os colegas, pois se interessava profundamente pela evidência sobre o poder do Espírito Santo, iniciando uma pregação totalmente voltada para o revestimento de poder prometido pelo Senhor Jesus aos apóstolos.

O Pastor Seymour, após ser rejeitado pela sua igreja por crer no batismo com o Espírito Santo, passou a se reunir particularmente com mais sete irmãos, que foram batizados com o Espírito Santo, porém ele ainda não consegue ter a experiência, o que não o desanima,

---

<sup>35</sup> ARAÚJO, I. *Dicionário do Movimento Pentecostal Brasileiro*, p. 561.

<sup>36</sup> CONDE, Emilio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*, p. 21.

ao contrário, o torna mais desejoso. Seu movimento aumenta, e todos os que frequentavam as reuniões recebiam o batismo com o Espírito Santo.

Com o crescimento dos irmãos, William Seymour sente a necessidade de alugar um local amplo para que os irmãos pudessem congregar melhor. Assim, alugaram um velho prédio, onde já havia funcionado uma Igreja Metodista Negra, após, fora usado como cortiço e, depois, como estábulo, mas que seria muito útil após uma bela reforma. Nesse momento, a Missão da Fé Apostólica recebeu o seu endereço fixo na Rua Azusa, 312, Centro de Los Angeles - Califórnia.

Rapidamente, a chama do Espírito Santo espalhou-se, contagiando a todos os que se colocaram à disposição de Deus, e muitos grupos foram formados por todo os Estados Unidos. Em Chicago, igrejas de quase todas as denominações foram alcançadas pelo despertamento espiritual, tornando a cidade um centro do Movimento Pentecostal na América e, justamente em Chicago, na Conferência Pentecostal realizada no ano de 1909, os jovens suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg se conheceram<sup>37</sup>. O encontro dos dois oriundos do mesmo país, Suécia, formou uma dupla que seria usada por Deus para contagiar o Brasil e Portugal.

#### **2.4.2 O início do Pentecostalismo no Brasil: Gunnar Vingren e Daniel Berg**

Gunnar Vingren era de origem sueca e pastor da Igreja Batista de origem sueca em Menominee, de Michigan, Estados Unidos. Com a divulgação por parte dos jornais de Los Angeles, Gunnar Vingren sente-se atraído a saber mais sobre o poder do Espírito Santo e, assim, no ano de 1909, em Chicago, Gunnar Vingren recebe o batismo com o Espírito Santo, aos 30 anos de idade. Logo em seguida, com o coração ardendo pela chama pentecostal, retorna à Menoninee, igreja que pastoreava após se formar no Seminário Batista. Lá, começa a pregar sobre o batismo com o Espírito Santo e metade dos membros aceitam a mensagem pentecostal. Todavia, um grupo não concorda e, por isso, a igreja se divide, fazendo com que Vingren fosse obrigado a deixar o pastorado e se mudar para a Igreja Batista Sueca em South Bend, Indiana, que havia se tornado pentecostal.

Daniel Berg conhece o ensinamento sobre o batismo com o Espírito Santo ainda na Suécia, através de seu amigo de infância, o Pastor Lewi Pethrus. Mas foi a bordo do navio que

---

<sup>37</sup> CONDE, Emilio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*, p. 23.

o levou aos Estados Unidos que Daniel Berg recebeu o batismo com o Espírito Santo, aos 25 anos de idade.

Na Conferência Pentecostal de Chicago, conforme já mencionado, Gunnar Vingren e Daniel Berg se conheceram. Após a conferência, Deus ordena a Berg que se sente tocado por Deus a ir se encontrar com o irmão Vingren, “para juntos louvarem ao Seu Nome” e, assim, o jovem Daniel demite-se do seu trabalho de metalúrgico e fixa residência em South Bend, onde Vingren Pastoreava, passando Daniel a frequentar os cultos dela.

Ao passar dos dias, os amigos sentiram o desejo de visitar o irmão Olof Adolf Ulldin e assim o fizeram, realizando cultos de oração em sua casa durante algumas semanas. Em um desses cultos, durante as reuniões, o irmão Ulldin foi tocado por Deus, e sensibilizado convenceu os dois amigos que ambos tinham um chamado para trabalharem juntos no campo missionário em uma terra chamada Pará. Foi-lhes dito, também, que o nível social daquela região era muito simples e que eles deveriam ensinar os fundamentos da doutrina pentecostal àquele povo. Desse modo, em 19 de novembro de 1910, Gunnar Vingren e Daniel Berg, a bordo do navio “Clement”, desembarcam em Belém do Pará - Brasil, cumprindo, assim, a palavra divina que haviam recebido na casa do irmão Olof Adolf Ulldin nos Estados Unidos.

Sem recursos suficientes, eles foram recebidos pelo Pastor Eurico Nelson, que também era sueco e conhecido de Gunnar Vingren, o qual ofereceu o porão da Igreja Batista de Belém para que pudessem residir. Sem saber o idioma local, os dois missionários passavam horas e horas orando, jejuando e lendo a Bíblia e, enquanto não aprenderam o idioma, não havia problemas, pois não tinham a intenção de fundar uma nova denominação.

Para aprender o idioma a fim de se fixar e realizar o trabalho missionário, Daniel Berg foi trabalhar na Companhia de Siderurgia Port Of Pará, passando a sustentar as aulas de idioma de Gunnar, que, durante o dia, as frequentava e, à noite, ensinava Daniel Berg. Após o aprendizado do difícil idioma, Gunnar Vingren e Daniel Berg começaram a propagar o batismo com Espírito Santo, e isso trouxe um desconforto ao seio da igreja, fazendo com que os irmãos batistas rejeitassem a nova doutrina. Então, os missionários saíram da Igreja Batista de Belém do Pará e acompanharam-nos com mais 19 irmãos que aceitaram o batismo com o Espírito Santo. Assim, no dia 18 de junho, os dois missionários entenderam que deveriam fundar a Missão de Fé Apostólica no Brasil e, na madrugada do dia 19 de junho de 1911, as irmãs Celina Albuquerque e Maria de Jesus Nazaré Araújo foram batizadas com Espírito Santo.

Com o início dos trabalhos endereçado na casa do irmão Henrique Albuquerque, eles começaram a sofrer oposição de todos os lados: os líderes de algumas igrejas tradicionais os

acusaram de pregar uma doutrina que não valia para os dias atuais e de trazerem divisão para as igrejas. A Igreja Católica, por sua vez, alertava seus fiéis a não darem ouvidos às pregações dos missionários, acusando-os de praticarem feitiçaria. Assim, o Movimento Pentecostal Brasileiro que iniciava tinha pela frente barreiras, preconceitos e dificuldades em se estabelecer. Gunnar Vingren e Daniel Berg não esmoreceram diante das barreiras, começando pelo idioma e pelo clima tropical. Avançaram no seu objetivo de divulgar a doutrina pentecostal sem uma placa institucional, apenas com o nome de “Missão de Fé Apostólica”, traduzindo, dessa forma, os objetivos de suas pregações.

Após décadas de preconceito, perseguição e desconstrução, o Movimento Pentecostal alcança a sua maturidade e começa a se institucionalizar. Durante as décadas de implantação, os dias não foram de paz e muito menos de Ecumenismo, mas sim de disputas, discórdias e descontentamento – isso até dentro do próprio movimento. As disputas mais acentuadas ocorreram com a chegada dos missionários pentecostais americanos, que, com o espírito de domínio, convencem as lideranças brasileiras que não era mais necessário manterem a igreja sob a liderança e direção da igreja sueca. Dessa forma, na primeira Convenção Geral, ocorrida em 1930, na cidade de Natal, a assembleia decide que a obra missionária seria a partir de então dirigida por brasileiros. Assim, o Pastor Gunnar Vingren, que já havia deixado a Região Norte, em junho de 1924, assumiu o grupo de irmãos na, então, Capital Federal, porém continuava na liderança da igreja no Brasil. Entretanto, na primeira convenção, os suecos perdem a liderança da igreja e ficaram apenas com a liderança da convenção, sendo eleito para presidir a convenção não o Pastor Gunnar, e sim Samuel Nystron. Gunnar Vingren lidera a igreja do Norte desde a sua fundação, deixando-a após 13 anos de trabalho próspero.

No Rio de Janeiro, sob a liderança de Gunnar Vingren e da sua esposa Frida Vingren, a igreja cresce, pois, nesse período, a obra missionária recebia ajuda financeira da Igreja de Filadélfia de Estocolmo, ajuda esta que cessou em 1936, quando passaram a receber auxílio da missão americana. A partir de então, o Movimento Pentecostal começa uma prática selvagem de proselitismo, desviando do ideal da primeira conferência ocorrida em Edimburgo na Escócia em 1910, pois o que se entende da proposta sobre o Ecumenismo realizada em Nova Iorque em 1913 atende ao anseio dos missionários protestantes, porém desvia-se do seu principal objetivo “que todos sejam um”; uma vez que a prática realizada pelo Movimento Pentecostal, a partir do momento em que recebe o apoio financeiro da missão americana, é um proselitismo fundamentalista, acreditando inclusive que o batismo com Espírito Santo era exclusividade das Assembleias de Deus.

O Movimento Pentecostal Brasileiro experimenta, então, um crescimento vertiginoso ainda maior após o Segundo Grande Conflito, pois a população rural migra para a periferia dos grandes centros, ficando à deriva acerca da religiosidade, sendo esta lacuna preenchida pela prática proselitista. Rio de Janeiro e São Paulo são os centros onde o movimento cresce verticalizado, e o crescimento do número de templos e de obreiros é contínuo. Já em 1943, sente-se a necessidade da criação de um seminário. Um dos maiores incentivadores da ideia foi o missionário Lawrence Olson, que, na convenção daquele ano, defendeu a implantação das escolas teológicas. Na Assembleia Geral da CGAD, de 1947, o assunto acerca das escolas teológicas voltou ao debate pelo Pastor Pettersen que defende:

[...] os cursos bíblicos por correspondência criados na Semana Bíblica de 1943 e a um eventual instituto bíblico, achou que os mesmos poderiam significar a quebra desses princípios (de preparação de obreiros), uma vez que fugisse da órbita da igreja local. É de parecer que a convenção apelasse às igrejas no sentido de ampliar as escolas bíblicas já existentes por iniciativa das próprias igrejas, achando viável haver consultas prévias entre campos próximos para não coincidirem essas escolas em tempos iguais. Ele acha conveniente, igualmente, convidar para dirigir essas escolas independentemente de suas nacionalidades.<sup>38</sup>

Mesmo assim, a proposta é rechaçada por muitos pelo medo de tornar-se uma fábrica de pastores, termo usado para desconstruir a ideia. Entretanto, o número ideal de pastores favoráveis à criação de seminários teológicos só veio a tornar-se realidade em 1959 e 1961, com a fundação do Instituto Bíblico de Pindamonhangaba, no estado de São Paulo, e do Instituto Bíblico Pentecostal, no Rio de Janeiro.

Na Assembleia Geral da CGADB de 1962, quanto aos debates sobre Ecumenismo, missões e o uso de rádio, vemos que a Assembleia de Deus não estava alheia aos acontecimentos no mundo religioso, pois 1962 foi um ano de grandes realizações e avanços no campo religioso: a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) iniciava os trabalhos do vigésimo primeiro Concílio Ecumênico na Cidade do Vaticano e, desta feita, com dezenas de observadores protestantes.

Os debates ecumênicos entre os protestantes na América Latina e a adesão de igrejas pentecostais do continente ao Movimento Ecumênico despertou, em alguns pastores assembleianos, naquela Assembleia Geral da CGADB, o debate ecumênico, que, contudo, não prosperou e, assim, o diálogo com as demais tradições cristãs foi totalmente condenável. Mensagens anticatólicas e até mesmo antiprotestantes que, até hoje, se mantêm isoladas até mesmo entre os pentecostais, prova disso foi a convocação para a formação do Credo

---

<sup>38</sup> SILAS, D. (org.) *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*, p. 388.

Pentecostal Assembleiano em 2015, para o qual a CGADB não convidou nenhuma outra tradição cristã pentecostal, apesar de todas as ramificações pentecostais terem sido originadas das Assembleias de Deus.

Nas décadas seguintes, o crescimento acentua-se praticamente em todas as regiões do Brasil e, no final dos anos 80, com crescimento do poderio financeiro e a lacuna deixada pela ICAR na condenação da Teologia da Libertação, o segmento assembleiano dispara e, assim, acirra a disputa pela liderança da CGADB entre os mais antigos. Com o falecimento de duas lideranças pioneiras, Paulo Leivas Macalão, no Rio de Janeiro, e de Cícero Canuto de Lima, em São Paulo, assume a liderança das Assembleias de Deus, Ministério de Madureira, com sede no Rio de Janeiro, o então Pastor Manoel Ferreira. Já na Assembleia de Deus, Ministério do Belenzinho, com sede em São Paulo, assume o Pastor José Wellington Bezerra da Costa. Com a ascensão do Pastor Manoel Ferreira, com formação acadêmica em Direito, realizada na Faculdade de Mogi das Cruzes em São Paulo nos anos 60, quando ainda era pecado estudar, na visão fundamentalista dos pentecostais (ainda hoje há resistência quanto à proposta de seminários e escolas teológicas), na presidência da Assembleia de Deus – Ministério de Madureira, o segmento assembleiano toma outro rumo. Sua formação muda sua concepção acerca do pensamento pentecostal. Com isso, disputa a presidência da CGADB e vence a eleição em 1983. Como presidente da CGADB, Manoel Ferreira também preside a Confederação das Assembleias de Deus Sul-Americana - CADSA e a presidência da Conferência Pentecostal Sul-Americana, ocorrida em São Paulo. Como presidente da CGADB, propôs aos pastores que presidiam os maiores colegiados de Pastores do Brasil (ministérios) que houvesse um consenso e que a cada eleição para a presidência da CGADB ocorresse uma rotatividade sem concorrência, para evitar problemas e divisões, como ocorria em cada eleição. Tal sugestão foi aceita pelos pastores que presidiam então os maiores colegiados. Desse modo, Manoel Ferreira não concorreu à eleição de 1985 realizada no estado de Goiás e, assim, conforme idealizada por ele, a eleição da CGADB ocorreu em clima pacífico e ordeiro. Em 1987, houve uma quebra de acordo por parte do Pastor Alcebíades Pereira Vasconcellos. Devido a isso, o Pastor Manoel Ferreira se retirou do plenário convencional e passou a não atender ao ofício da CGADB, que determinava que os ministros não pudessem ser filiados a duas convenções nacionais. Assim, na primeira assembleia extraordinária da CGADB, ocorrida em 5 de setembro de 1989 em Salvador - Bahia, a CONAMAD foi desligada da CGADB.

Com o desligamento da CONAMAD da CGADB, aquela adquire liberdade para ampliar os discursos e o relacionamento como porta-voz das demais tradições cristãs,

ampliando, assim, o diálogo das questões ecumênicas do pentecostalismo brasileiro. A CONAMAD sempre esteve à frente do diálogo ecumênico quando se refere ao grupo assembleiano, filiando-se à Comissão Pentecostal Latino-Americana (CEPLA), através de suas igrejas filiadas, com o propósito de participar ativamente dos eventos ecumênicos dentro de uma proposta pentecostal, após a fundação desta. É interessante notar que os pentecostais brasileiros são apáticos quanto ao Movimento Ecumênico. Apesar de, desde 1962, o assunto ter entrado em pauta na Assembleia Geral da CGADB, nunca prosperou ou adquiriu força para continuar na pauta da CGADB.

A atuação da CONAMAD no diálogo ecumênico foi enriquecedora. Em 1992, com a prisão de Edir Macedo, Bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, o Pastor Manoel Ferreira percebeu que não havia um órgão supraeclesiástico que representasse os pastores no Brasil e, assim, em 1993, o líder da CONAMAD achou por bem fundar o Conselho Nacional de Pastores do Brasil - CNPB, para que houvesse um órgão representativo dos milhares de ministros evangélicos que não possuíam representatividade junto às autoridades brasileira. A prisão do Bispo Edir Macedo contrariou os pastores brasileiros, pois viam nela uma prática injusta. Dessa maneira, o CNPB iria preencher uma lacuna que havia entre o maior segmento pentecostal e as demais tradições neopentecostais, fortalecendo o vínculo e, ao mesmo tempo, construindo um amplo debate com o Governo Federal quanto ao pleno funcionamento e à liberdade dos mais variados segmentos neopentecostais.

Cumprindo os objetivos de diálogo do CNPB, o Pastor Manoel Ferreira visitou o então Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Salles, no Palácio Episcopal do Sumaré, visita esta com o propósito de dirimir questões políticas severas, como a ascensão de candidatos evangélicos a cargos majoritários, o que produzia, entre as demais religiões, certa preocupação com perseguições. Na reunião, o Pastor Manoel Ferreira, presidente do CNPB e da CONAMAD, deixou claro a Dom Eugênio Salles que tanto o CNPB como também a CONAMAD só se disporia a ajudar candidatos que mantivessem o discurso de paz, respeito e manutenção dos projetos sociais vinculados às instituições religiosas, independente do credo.

Em 2006, Pastor Manoel Ferreira é eleito Deputado Federal pelo estado do Rio de Janeiro e promove um diálogo dentro do Congresso Nacional com os representantes das mais diversas religiões, culminando seu empenho ecumênico com a realização do Festival Global da Paz, ocorrido em Brasília em dezembro de 2008. O Pastor Manoel Ferreira, como Deputado Federal, discursa em outubro de 2008 no Plenário da Câmara para prestar conta do evento que ocorreria em dezembro, com o objetivo de propagar a paz, no qual estariam



presentes representações de vários países, visando provar que é possível a convivência pacífica entre os homens mesmo sendo de confissões religiosas diferentes.

Gostaríamos de, mais uma vez, exaltar o magnífico trabalho realizado pela Federação para a Paz Universal, a grande aliança global que se vem firmando em torno da construção de um mundo de paz e harmonia, fraternalmente unido em nome de Deus. A Federação para a Paz Universal é uma instituição ligada à ONU, com sede em Nova York, Estados Unidos. A Federação para a Paz Universal busca estabelecer laços cada vez mais consistentes entre as diversas religiões cristãs, para um dia alcançar o sonho maior da Igreja da Unificação. Por outro lado, vem trabalhando incessantemente em favor do diálogo entre todas as crenças, na certeza de que o poder e o amor de Deus transcendem denominações, culturas e credos, e devem constituir a busca primordial de todas as civilizações. É com muita alegria e fé, pois, que assistimos ao sucesso crescente das atividades da Federação, ao redor do globo.<sup>39</sup>

Esse evento trouxe descontentamento entre inúmeros pastores da própria CONAMAD, pedindo, assim, a sua saída da presidência por heresias, por entenderem que o Pastor Manoel Ferreira se juntou com outros líderes que não professam o mesmo credo, não coadunando com a nossa fé pentecostal. Com esse episódio, o Pastor Manoel Ferreira recuou, porém continua mantendo o diálogo com menos intensidade. Ou seja, a compreensão acerca do Ecumenismo pela Assembleia de Deus está aquém da realidade, pois esta compreende o Ecumenismo como relações fraternas e não o debate eclesiológico e muito menos o teológico, assim como o diálogo inter-religioso também se encontra muito distante da realidade assembleiana.

---

<sup>39</sup> Parte do discurso realizado em 06 de outubro de 2008 na Câmara Federal.

### 3 O ECUMENISMO NA COMPREENSÃO CATÓLICA

Do início do Movimento Ecumênico na forma hoje conhecida, até meados do século XX, a Igreja Católica não demonstrou simpatia com a sua proposta. Na postura católica de resistência ao Ecumenismo, fatores culturais alimentadores do preconceito mútuo entre católicos e protestantes, mesclavam-se com fatores teológicos, como a concepção de igreja e de sacramentos. Pesava o fato de o Ecumenismo ter origem no meio protestante, com as marcas eclesiológicas e espirituais desse, e a conseqüente concepção de unidade na fé compatível com uma diversidade institucional na igreja, o que se contrapõe à tendência uniformista do Catolicismo.<sup>40</sup>

O padre Elias Wolff expõe, na sua escrita, a compreensão católica acerca do Ecumenismo a partir do século XX, porém já existiam, desde século XIX, as primeiras instituições ecumênicas. Johann Adam e John Henry Newmann propuseram uma concepção de unidade eclesial. Newmann explicita a estrutura sacramental da Igreja, cuja eclesiologia baseia-se na noção da santidade, vitalidade e concreção mística, porém o trabalho significativo acerca do Ecumenismo de visão católica foi realizado por Yves Congar, cuja perspectiva sintonizava com outros teólogos, como Karl Rahner, Hans Urs Von Balthasar e Jean Daniélou. Estes contribuíram muito para o desenvolvimento da teologia ecumênica dentro da Igreja Católica, fato concretizado no Concílio Vaticano II.

Outros momentos isolados acerca do Ecumenismo dentro da Igreja Católica foi a iniciativa do Papa Leão XIII, que, na sua breve “*Providae Matris*”, 1895, recomendou uma Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos e, em 1897, na sua Carta Encíclica “*Divinum Illud Munus*”, ele valoriza a oração da unidade, a qual precisava de amadurecimento para que pudesse gerar a verdadeira unidade dos cristãos. Outro fato foi a ação do Papa Pio X de conceder em 1909 a sua benção oficial para a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, mas foi em Bento XV que a Semana da Oração pela Unidade dos Cristãos tornou-se definitiva na Igreja Católica. Papa Pio XII, em 1943, reiterou na sua Carta Encíclica “*Mystici Corporis*” que a Semana da Oração seguia o exemplo de Jesus, quando orou pelos discípulos “que todos sejam. um”. Então a data tornou ainda mais significativa quando o Papa João XXIII anunciou o Concílio no dia 25 de janeiro de 1959, coincidindo com o encerramento da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos. É lógico que o caminho trilhado até o anúncio e a realização do Concílio Vaticano II, o mais ecumênico de todos, não foi tarefa fácil para os defensores do diálogo e da unidade. As dificuldades foram superadas pelo caminho da compreensão e consciência.

---

<sup>40</sup> WOLFF, E. *Vaticano II: 50 anos de Ecumenismo na Igreja Católica*, p. 23.

A participação na Semana da Oração pela Unidade dos Cristãos e também do denominado Ecumenismo espiritual, cujo movimento remete ao século XIX e presente em muitos lugares, sobre o qual citamos Vicente Pallotti e Luís Orione, foi importante na renovação pastoral em Roma, assim como Adolfo Kolping e o Bispo Dom Ketteler de Mongúcia, ambos comprometidos com o Ecumenismo social, apoiando e promovendo a oração pela unidade dos Cristãos. Mas para todas essas investidas que partiam de grupos isolados, o Ecumenismo era visto pela Santa Sé como um pensamento protestante, e isso não coadunava com a estrutura da Igreja Católica Romana, pois o preconceito alimentado por séculos entre protestantes e católicos, os fatores teológicos e também a concepção de igreja e dos sacramentos não estavam unificados. O Ecumenismo era visto pela Igreja Católica como um movimento gerado pelos protestantes e assim a sua estrutura partia da cultura protestante em relação à eclesiologia e à espiritualidade. Isso contrastava com a Igreja Católica, que possuía uma concepção de uniformidade.

Portanto, o Movimento Ecumenista não era bem-vindo no arraial católico e por muito tempo o termo era compreendido como uma teoria que brotou do meio protestante para alcançar a unidade da igreja cristã, mas para os católicos ele era apenas uma prática da conservação da fé católica. A enciclopédia aqui consultada definia o termo da seguinte forma:

No sentido próprio, Ecumenismo é a teoria mais recente que brota dos movimentos interconfessionais, especialmente protestantes, para alcançar a unidade das igrejas cristãs [...] para os católicos são proibidas as vias do Ecumenismo no sentido originário do termo.<sup>41</sup>

Em 1928, os católicos foram proibidos de participar do Movimento Ecumênico e o Papa Pio XI chamou aqueles que participavam do Movimento Ecumênico de “*panchristiant*”, na sua Encíclica “*Mortalium Animos*”, e ainda afirmou que a Sé Apostólica jamais poderá participar ou ajudar qualquer evento relacionado com o Ecumenismo. O Santo Ofício, no seu decreto de 8 de julho de 1928, respondeu à consulta acerca da permissão de católicos romanos participarem do Movimento Ecumênico e no seu decreto a resposta para tal questão foi: “*non licet*”. O próprio magistério católico rejeitou inúmeras vezes convites para participar de reuniões ou conferências que marcaram o nascimento de instituições que fortaleceram e sedimentaram a existência do Movimento Ecumênico. Dentre tantas, citaremos a Conferência de Edimburgo, em 1910, e, em 1925, por ocasião da fundação dos organismos “Vida e Ação” e “Fé e Constituição”, em 1927, havendo ainda a do CMI em 1948. Apesar de inúmeros

---

<sup>41</sup> WOLFF, E. *Vaticano II: 50 anos de Ecumenismo na Igreja Católica*, p. 24.

sacerdotes terem participado, eles foram como jornalistas e não como padres ou como representantes da Santa Sé.

As iniciativas e as dificuldades acabaram por sedimentar o caminho para o que viria a ser o terreno preparado do Ecumenismo na Igreja Católica Romana. Isso trouxe maturidade, sentimento de diálogo, respeito, cooperação e um desejo de convivência pacífica. Assim, ocorre a primeira iniciativa do magistério católico no episcopado de Pio XII, para a entrada no Movimento Ecumênico. Na instrução do Santo Ofício no dia 20 de setembro 1949 através da “*Ecclesia Catholica*”, ele diz:

Em diversas partes do mundo, quer em virtude dos acontecimentos exteriores e da mudança das disposições dos fiéis, o desejo de que todos os que creem em Cristo Senhor Nosso voltem à unidade, tornou-se mais vivo de dia para dia, sob inspiração da graça do Espírito Santo, no coração de muitos homens separados da Igreja Católica.<sup>42</sup>

O Papa Pio XII, através do magistério católico, impulsiona o movimento que já havia ganhado terreno em muitos lugares dentro da Igreja Católica e que agora já começa a ganhar quando, no mesmo documento, “*Ecclesia Catholica*”, é recomendado também aos bispos a manutenção da chama ecumênica:

Não devem somente velar diligente e eficazmente por todo esse movimento, mas também promovê-lo e dirigi-lo com prudência, primeiramente para ajudar os que procuram a verdade e a verdadeira igreja, depois para afastar dos fiéis os perigos que resultam facilmente da atividade desse movimento.<sup>43</sup>

O documento “*Ecclesia Catholica*” traz uma alegria a todos os ecumenistas, porém recomenda cautela em relação ao movimento. Ela foi um estímulo aos defensores do diálogo ecumênico católico e, ao mesmo tempo, arejou e descortinou o ambiente católico, encorajando, assim, o magistério após 20 anos, desde a “*Ecclesia Catholica*”, do Papa João XXIII, amadurecido pelas suas experiências de diálogo, adquiridas durante a carreira episcopal, como visitador apostólico de 1925-1935, delegado apostólico de 1935-1944, e como núncio apostólico de 1944-1953. No exercício das funções diplomáticas destacadas, João XXIII exerceu com grande espírito conciliador, pois agia de maneira simples e sincera, inclusive agindo de maneira corajosa na salvação dos judeus no Segundo Conflito Mundial. Desde da sua experiência diplomática, Papa João XXIII possuía maturidade para tomar a decisão acerca do Ecumenismo como ninguém e, assim, no dia 29 de janeiro de 1959, com

---

<sup>42</sup> WOLFF, E. *Vaticano II: 50 anos de Ecumenismo na Igreja Católica*, p. 28

<sup>43</sup> *Op. cit.*

três meses da sua eleição, o Papa João XXIII convoca o Concílio Vaticano II com a finalidade de promover a unidade dos cristãos como objetivo principal. Após comunicar os cardeais de sua intenção, ele pronuncia: “Renovamos o nosso convite aos fiéis das comunidades separadas para também elas nos acompanharem amavelmente nesta busca da unidade e de graça à qual tantas almas aspiram de todos os pontos da Terra”<sup>44</sup>.

Em 1960, o Papa João XXIII, cria o Secretariado para a Unidade dos Cristãos, cuja finalidade era de ajudar a preparar o Santo Concílio Vaticano II, tornando-o um concílio de dimensão ecumênica. Foram convidados como observadores os ortodoxos, anglicanos e protestantes para participarem do concílio. E, no mesmo caminho do espírito ecumênico, em plena preparação para o Santo Concílio Vaticano II, a posição da Santa Sé começa a sofrer alteração, as janelas da Igreja começam a serem abertas e um renovo do Espírito começa a soprar. Aquilo que parecia tão distante ou quase impossível de acontecer começa a tomar forma e, em 1961, em Nova Delhi - Índia, o Vaticano envia uma delegação oficial por conta da Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas. E sete anos após a Conferência da Índia, em 1968, na cidade de Upsala - Suécia, retira as expressões antisemitas da liturgia na sexta-feira santa. Igualmente, no período entre as duas assembleias do CMI, ocorrem as assembleias daquele que viria a ser o maior concílio ecumênico da história da igreja, o Concílio Vaticano II.

No dia 11 de outubro de 1962, após três anos de preparação, o Papa João XXIII abre a reunião com o pronunciamento na presença dos 1041 bispos europeus, 956 bispos americanos, 379 bispos africanos, mais de 300 bispos asiáticos, 379 bispos italianos e também peritos e convidados das outras tradições. O teor do discurso de abertura já dava ares ecumênicos em todas as suas esferas.

Alegra-se a Santa Mãe Igreja, porque, por singular dom da providência divina, amanheceu o dia tão ansiosamente esperado em que solenemente se inaugura o Concílio Ecumênico Vaticano II [...]. Todos os concílios celebrados na história, tanto os 20 Concílios Ecumênicos, como os inúmeros provinciais e regionais, [...] testemunham claramente a vitalidade da Igreja Católica e constituem pontos luminosos da sua história. [...] à iniciativa do grande acontecimento que agora se realiza, a simples título de documentação histórica, afirmar o nosso testemunho humilde e pessoal do primeiro e imprevisível florescer no nosso coração e nos nossos lábios da simples palavra «Concílio Ecumênico» [...] dia 25 de janeiro de 1959 [...]. Foi algo inesperado: uma irradiação de luz sobrenatural, um grande fervor que se despertou, de repente, em todo o mundo, na expectativa da celebração do concílio. O que mais importa ao Concílio Ecumênico é [...]: que o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz. O concílio que agora começa, surge na Igreja como dia que promete a luz mais brilhante.<sup>45</sup>

<sup>44</sup> WOLFF, E. *Vaticano II: 50 anos de Ecumenismo na Igreja Católica*, p. 29.

<sup>45</sup> SANTA SÉ. *Discurso de Sua Santidade Papa João XXIII na abertura solene do SS. Concílio*. 1962.

Com o discurso encerrado, os presentes se encheram de esperança, pois o concílio não se restringia a um círculo fechado de teólogos, mas sim de uma “assembleia com objetivo de tornar a Igreja presente no mundo e a sua mensagem sensível à razão e ao coração do homem, engajado na revolução técnica do século XX”<sup>46</sup>. Em nenhum momento, a História pode deixar de lado a importância da figura do Papa João XXIII, na idealização e realização do Santo Concílio Vaticano II. Sua atuação e disposição em realizar o concílio foi fundamental para arejar e fundamentar o pensamento acerca do Ecumenismo que já vinha ocupando espaço na Igreja Católica Romana. Sem a sua atuação, possivelmente o Movimento Ecumênico não teria a desenvoltura que possui hoje dentro e fora da Igreja Católica. Lamentavelmente, ele veio a falecer antes da conclusão do seu ideal, porém o seu substituto Papa Paulo VI continuou com as suas iniciativas.

### 3.1 O DIÁLOGO ECUMÊNICO A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II

O desejo ecumênico no meio do clero católico não foi a partir do Concílio Vaticano II, como já dissertei em outra sessão, mas iniciou-se com Yves Congar, em 1937, que publica uma obra intitulada “Cristãos desunidos: princípio de um Ecumenismo católico”<sup>47</sup>. Congar foi o primeiro a dar atenção para o Movimento Ecumênico que se alastrava por todos os cantos do mundo e também foi o primeiro a fazer a correção quanto ao tratamento dado até então aos irmãos de outras tradições, que eram tratados como hereges e, na sua obra, passam a ser chamados de “irmãos separados”, terminologia que passou a ser difundida a partir de então. Outros nomes foram enfileirando-se ao Movimento Ecumênico, como o Arcebispo Alemão Lorenz Jaeger que, juntamente com o Bispo Luterano Wilhelm Stählin, criou um grupo de trabalho em 1946 para a prática do Ecumenismo. Tal construção, contudo, não foi da noite para o dia, mas sim um longo caminho percorrido desde o século XIX, culminando com a maturidade de João XXIII e o desejo de inúmeros teólogos de influência no meio católico do Concílio Vaticano II.

O tempo era propício para a mudança e quebra de paradigmas. Os protagonistas preparam bem o terreno para que o movimento fosse aderido pela Igreja Católica Romana e, assim, assumir de vez a sua posição no ambiente mundial da fé cristã. Ela não poderia mais se esquivar de tal responsabilidade e também não poderia deixar a lacuna e muito menos assumir

---

Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf\\_j-xxiii\\_spe\\_19621011\\_opening-council.html](https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html). Acesso em: 28 ago. 2017.

<sup>46</sup> PIERRARD, P. *História da Igreja*, p. 272.

<sup>47</sup> BRAKEMEIER, G. *Preservando a unidade do Espírito no Vínculo da Paz*, p. 50.

uma postura antiecumênica diante dos demais pontos que corroboravam com a existência do movimento, são eles:

- a) a exegese bíblica conjunta. A Bíblia, quando lida seriamente, sempre se revelou como promotora da unidade;
- b) a pesquisa sobre Lutero por parte dos católicos, o que redundou em revisão da imagem distorcida em vigor no passado;
- c) o movimento litúrgico na Igreja Católica Romana;
- d) os diálogos interconfessionais, precedentes ao Concílio Vaticano II.<sup>48</sup>

Diante do momento propício, como o próprio Papa João XXIII declarou no seu pronunciamento de abertura do Concílio, o ato de convocar o Santo Concílio foi uma prerrogativa unilateral dele por ser herdeiro do trono petrino. Este criou, imediatamente, na Cúria Romana, o “Secretariado para a Unidade dos Cristãos”, pois queria uma atualização da Igreja frente às mudanças radicais no mundo contemporâneo, e isso abrangia não somente a adesão ao Movimento Ecumênico como também uma renovação da Igreja. No decreto chamado “*Unitatis Redintegratio*”, o Papa João XXIII fez o pronunciamento oficial sobre o movimento e, assim, o Ecumenismo amplia a sua área de atuação, abrindo as portas com a participação da Igreja Católica, a partir de alterações em conceitos e interpretações.

- a) O Concílio, ao referir-se à Igreja, privilegiou o conceito “povo de Deus” em lugar do tradicional “corpo de Cristo”, sem que este fosse suprido. Ora, o povo de Deus é mais abrangente do que o conjunto de membros de uma instituição eclesial;
- b) O concílio afirmou que a Igreja de Cristo “subsiste” na Igreja Católica Romana, dando a entender que ela poderia subsistir também em outras Igrejas. Não identidade entre Cristo e a Igreja, e sim apenas analogia;
- c) É reconhecida uma corresponsabilidade de católicos nas cisões da Igreja havidas no passado;
- d) Afirma-se uma “hierarquia de verdades”, ou seja, distinguem-se entre verdades centrais e outras mais periféricas. O culto aos santos, por exemplo, não teria o mesmo peso como doutrina da justificação por graça e fé. Isso facilita o entendimento ecumênico;
- e) Admite-se haver também fora da estrutura da Igreja Católica “elementos de santificação e de verdade”. Assim o constata a Constituição Dogmática “*Lumen Gentium*”. Portanto, começa a tornar-se permeável o exclusivismo católico-romano. O batismo e a fé criam comunhão, embora imperfeita, com a Igreja Católica, exigindo o reconhecimento mútuo como irmãos e irmãs em Cristo;
- f) Constata-se que a catolicidade da Igreja de Jesus Cristo ainda não alcançou a plenitude, enquanto não removidas as rupturas em seu corpo, sem a “Reintegração da Unidade”, pois sofre prejuízo a qualidade católica da Igreja. Tarefa do Ecumenismo é exatamente a recuperação da mesma. A integridade da Igreja exige a reunificação de todos os seus membros.<sup>49</sup>

---

<sup>48</sup> BRAKEMEIER, G. *Preservando a unidade do Espírito no Vínculo da Paz*, p. 50.

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 53.

É evidente que a abertura ao Ecumenismo da Igreja Católica Romana demorou a absorver aquilo que já estava se alastrando por todos os cantos do mundo, mas, a partir do momento em que a compreensão irrompeu a desconfiança e o medo, esta o abraçou com alegria e com entusiasmo e, na medida em que se desenrolava o Santo Concílio, ocorria uma manifestação de vitalidade e de grande fertilidade no meio eclesiástico católico e as demais tradições cristãs se sentiam contagiadas pelo desenrolar dos debates e das conclusões de cada sessão, apesar de Decreto “*Unitatis Redintegratio*”, não ser um documento conclusivo conforme Julio de Santa Ana: “Tem, entre outros méritos, o de ser um texto que abre caminhos de reflexão, que se projeta para novas tarefas.”<sup>50</sup>.

Todavia, a atmosfera ecumênica no meio cristão em todo o mundo foi alterada. O sentimento de unidade e paz tornava-se cada vez mais visível e aquele medo, preconceito e desunião a cada sessão ia desaparecendo. A conclusão que se chegava era que o Santo Concílio Vaticano II tinha de acontecer, conforme o Papa João XXIII, em suas palavras, relatou: foi algo do Espírito que o impulsionou a fazer a convocação e os resultados das sessões, os relatórios apresentados concluíam que “sem o concílio, de fato, a caminhada ecumênica teria sido outra.”<sup>51</sup>.

No dia 7 de dezembro de 1965, o Papa Paulo VI, herdeiro dos frutos da iniciativa do seu antecessor Papa João XXIII, faz o discurso de encerramento daquele que seria o renovo da Igreja, um novo caminho a ser trilhado. No discurso de encerramento, Papa Paulo VI discorre:

Concluimos hoje o Concílio Ecumênico Vaticano II e concluimo-lo na plenitude do seu vigor e da sua eficiência. [...] Este nosso concílio deixará à posteridade a imagem da Igreja que esta aura representa, assim repleta de pastores que professam a mesma fé, e respiram a mesma caridade; que estão unidos pela comunhão de oração, de disciplina, de entusiasmo; como isto é maravilhoso – todos desejarem uma só coisa: oferecer-se com Cristo, nosso mestre e Senhor, pela vida da Igreja e pela salvação do mundo.<sup>52</sup>

Tal discurso também revelou a tenacidade daquilo que foi o concílio: após as sessões e a sua abrangência em cada paróquia, diocese e arquidiocese, o sentimento era de que a Igreja não ficaria inerte após o evento e a sua atuação se revelaria através dos leigos consagrados, dos padres, dos bispos e dos arcebispos. Logo após o seu encerramento, onde os horizontes

---

<sup>50</sup> SANTA ANA, J. H. *Ecumenismo e libertação*, p. 89.

<sup>51</sup> *Ibidem*, p. 52.

<sup>52</sup> SANTA SÉ. *Discurso do Papa Paulo VI na última sessão pública do Concílio Vaticano II*. 1965. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651207\\_epilogo-concilio.html](https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651207_epilogo-concilio.html)>. Acesso em: 28 ago. 2017.



eclesiológicos da Igreja foram ampliados a partir do decreto conciliar, levando o estreitamento de relação através de inúmeros instrumentos entre a Santa Sé e as igrejas protestantes e ortodoxas, o primeiro passo foi a criação de Comissão Mista de Teólogos Católicos e Teólogos Protestantes e Ortodoxos, estes foram nomeados pelo CMI e que desde então vêm trabalhando sobre temas doutrinários.

Vê-se que o Concílio Vaticano II não criou um novo modelo de Ecumenismo, mas sim um Ecumenismo visto de uma forma diferente, não de fraternidade, mas de unicidade. Juan Bosch Navarro explicita a forma ecumênica católica, que:

Não se trata de princípios de Ecumenismo católico, mas dos princípios católico do Ecumenismo. Em outras palavras, a Igreja Católica reconhece que não há um Ecumenismo Católico em contraposição a um Ecumenismo Protestante ou Ortodoxo. Há um único Movimento Ecumênico, ao qual vão aderindo as diferentes igrejas, cada uma a partir de sua própria índole e de suas posições doutrinárias.<sup>53</sup>

O vento do renovo começa a assoprar e a partir de 1968, na assembleia do CMI, na Suécia. Para este evento, a Igreja Católica já envia 12 teólogos para participarem efetivamente da comissão de “Fé e Ordem”, não como observadores, mas como membros efetivos. O ponto alto dos frutos do Concílio foi a visita do Papa Paulo VI, em 1969, na sede do conselho em Genebra, e, posteriormente, a do Papa João Paulo II, em 1984. Nesse contexto, multiplicou-se o número de frentes de diálogo internacionais. As Igrejas Ortodoxas tiveram primazia, seguidas pela Igreja Anglicana, Luterana, Reformadas e as livres.

Mas o vento do Espírito não ficou só na Europa, espalhando-se, também, em todas as partes do mundo. Na América Latina, ocorreu, três anos após o Concílio Vaticano II, a Conferência Episcopal Latino-Americana em Medellín - Colômbia, onde os bispos católicos, sob o renovo proporcionado pelo concílio, trabalharam com afinco, implantando as novas diretrizes na Igreja da América Latina, resultando no desatrelamento da Igreja Católica Romana do seu histórico compromisso com as elites dominantes e revelando uma igreja preocupada com os pobres. As religiões não cristãs também foram contempladas com o decreto “*Nostra Aetate*”, inaugurando um novo caminho de diálogo inter-religioso.

Portanto, a Igreja Católica Romana, que era resiliente com o Movimento Ecumênico, passa a ser uma das promotoras não somente do diálogo com tradições cristãs, mas também com as tradições não cristãs, tudo para promover a paz entre os povos. Lição aprendida após o sofrimento causado pelos conflitos mundiais e pelos cismas desde os tempos mais antigos.

---

<sup>53</sup> BOSCH NAVARRO, J. *Para compreender o Ecumenismo*, p. 149.

Todos esses eventos causaram feridas e tristezas, mas o Concílio veio como um óleo que alivia e cicatriza as feridas.

### 3.2 A ATUAÇÃO PONTIFÍCIA NO ECUMENISMO A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II

O Concílio Vaticano II colocou o Movimento Ecumênico no centro da consciência das tradições cristãs e também das não cristãs. A partir do decreto “*Nostra Aetate*”, a iniciativa do papa de convocar o concílio e de convidar observadores ortodoxos, anglicanos e protestantes trouxe um refrigério após séculos de separação dos cristãos e perseguição dos não cristãos. O fato de convidar os observadores foi uma demonstração de pautar novas relações com o mundo plural e suas mudanças, fato que só ocorreu pela experiência do papa João XXIII, quando arcebispo, atuou como visitador apostólico na Bulgária, durante 9 anos. Trabalho este que buscou realizar como missão de paz, principalmente nas relações com os muçulmanos e ortodoxos. Visitou o patriarca de Constantinopla Basílio III e declarou que a unidade exige “ a caridade, mais do que a discussão teológica”. Depois, atuou como delegado apostólico na Grécia e na Turquia e como núncio na França, isto é, todas essas funções contribuíram para uma maturidade naquilo que realmente necessitaria ser usado para colocar em prática o diálogo ecumênico.

Com a morte do Papa João XXIII, Paulo VI, entendendo que a divisão é um entrave na propagação do evangelho do Senhor Jesus, cria dificuldades dentro do Cristianismo como também na humanidade, mantém no mesmo trilho todas as frentes idealizadas pelo seu antecessor e caminha na sedimentação do diálogo.

Em pleno concílio e sob sua influência, Papa Paulo VI, sem convite oficial, viaja a Israel, sentindo o desejo de orar mais para que o concílio se encerre dentro do seu objetivo. Ele surpreende os padres presentes na segunda sessão em 4 de dezembro de 1963, anunciando a viagem a Israel, mesmo sem reconhecê-lo como Estado. Um mês depois, desembarcava em Israel e caminhava pelas ruas estreitas da Via Dolorosa e pelo Monte das Oliveiras, reunindo-se na tarde do dia 5 de dezembro com o patriarca ortodoxo Atenágoras I de Constantinopla, evento que não ocorria desde 1439. Quatro anos após o encerramento do concílio, o Papa Paulo VI dirigiu-se a Genebra em 10 de junho de 1969, onde realizou, pela primeira vez, uma viagem oficial como Sumo Pontífice para a sede do Conselho Mundial de Igreja, fato este que surpreendeu a todos e viram na figura de Paulo VI o desejo de construir um caminho de paz e comunhão.

Com a morte de Paulo VI, é eleito o polonês Karol Józef Wojtyła, o Papa João Paulo II, que, na mesma direção, segue com o seu carisma, jovialidade e experiência da vivência de um mundo comunista. Ele atua incansavelmente nos organismos do Movimento Ecumênico da Igreja Católica, fortalecendo os diálogos bilaterais e ainda publicou a encíclica sobre o Ecumenismo, “*Ut Unum Sint*”, onde afirma que os cristãos devem professar juntas as mesmas verdades.

Juntamente com todos os discípulos de Cristo, a Igreja Católica funda, sobre o desígnio de Deus, o seu empenho ecumênico de reunir a todos na unidade. De fato, a Igreja não é uma realidade voltada sobre si mesma, mas aberta permanentemente à dinâmica missionária e ecumênica, porque enviada ao mundo para anunciar e testemunhar, atualizar e expandir o mistério de comunhão que a constitui: a fim de reunir a todos e tudo em Cristo; ser para todo o sacramento inseparável de unidade.<sup>54</sup>

Além do diálogo ecumênico, João Paulo II também trabalha pelo diálogo inter-religioso com os encontros de líderes das religiões, em Assis, nos anos de 1986, 1996 e 2002, e, em Roma no ano do jubileu em 2000. Realiza uma visita a Israel, reúne-se com o Grão Rabino Chefe Ashquenazita de Israel e o Rabino Meir Lau, peregrina até o Muro das Lamentações e se solidariza com os sobreviventes do Holocausto, além de promover o reatamento de relações diplomáticas entre Israel e a Santa Sé. Sua morte em 2005 trouxe um sentimento de orfandade na família ecumênica.

Após a morte do Papa João Paulo II, é eleito o Papa Bento XVI. Sua atuação quanto ao Movimento Ecumênico é tímida e não houve nenhuma alteração no diálogo ecumênico e nem no diálogo inter-religioso em comparação aos antecessores. Seus pronunciamentos e gestos perdem força e visibilidade para atitudes resistentes ao Ecumenismo.

Após a sua renúncia, é eleito o Arcebispo de Buenos Aires, cardeal jesuíta, Jorge Mario Bergoglio. Seu dinamismo e entusiasmo contagiam os presentes, e sua trajetória ecumênica é marcada desde os tempos quando ainda era padre e quando arcebispo de Buenos Ayres, posto que construiu um relacionamento estreito de diálogo com o rabino Abrahan Skorka e acolheu em sua residência um grupo de rabinos para uma refeição Kosher.

No curto tempo de seu pontificado, já podemos ver o que veio fazer em relação ao diálogo ecumênico: sua atuação, seu discurso e seu gesto têm deslumbrado a família ecumênica, pois tem construído um ambiente favorável para o Ecumenismo. Na sua primeira exortação apostólica, afirma que “uma atitude de abertura na verdade e no amor deve

---

<sup>54</sup> JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Ut Unum Sint*. 1995. Disponível em: < [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_25051995\\_ut-unum-sint.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25051995_ut-unum-sint.html). Acesso em: 28 ago. 2017.

caracterizar o diálogo com os crentes das religiões [...]. Esse diálogo inter-religioso é condição necessária para a paz no mundo e, por conseguinte, é um dever para os cristãos”<sup>55</sup>.

Suas experiências ecumênicas levaram, no início do seu pontificado, inúmeros representantes de diversas igrejas e líderes de diversas tradições religiosas a encontrar em Papa Francisco um gesto de amor e de diálogo. Este recebeu-os em audiência na Sala Clementina no Palácio Apostólico do Vaticano e discursou afirmando que: “Desejo assegurar minha firme vontade de prosseguir com o diálogo ecumênico”<sup>56</sup>.

Sua atuação tem sido exponencial nesse objetivo do diálogo ecumênico, posto que tem trabalhado incansavelmente em todas as frentes do movimento, iniciado no Concílio Vaticano II. Ele tem desempenhado com alegria a construção da “*Oikomeine*”. Seu lema tem sido a unidade, por conta disso, enviou uma carta pelo Cardeal Kurt Koch, delegado católico para assembleia do CMI, iniciada em 4 de outubro de 2013, na cidade de Seul - Coreia, afirmando:

Asseguro-vos o meu grande interesse pastoral pelas deliberações da assembleia e confirmo de bom grado o compromisso da Igreja Católica em dar continuidade à sua longa cooperação com o Conselho Ecumênico das Igrejas.<sup>57</sup>

Nos seus pronunciamentos, tem exortado para a comunhão e a paz entre os homens cristãos, pois somos “peregrinos e peregrinamos juntos”. O caminho que trilhamos não pode fechar o nosso coração para os companheiros de estrada, mas sim abri-lo sem medo. A divisão entre os cristãos é um contratestemunho. Por essa razão, é urgente a busca pela unidade. Por isso, o Ecumenismo deve fazer parte da consciência do cristão, e todos os que professam a fé no filho de Deus têm responsabilidade na divisão como também na busca pela sua superação.

### 3.3 O DIÁLOGO COMO CAMINHO DA PAZ

Não existe nenhuma justificação, nem teológica, nem espiritual, nem bíblica para a existência de uma pluralidade de igrejas separadas nesse caminho e que se excluem mutuamente uma das outras internas e, portanto, externamente. Nesse sentido, uma pluralidade de igrejas significa uma pluralidade de senhores, uma de espíritos, uma pluralidade de deuses. Não há dúvida de que, enquanto a cristandade for formada por igrejas diferentes que se opõem mutuamente, ela estará negando na prática o que confessa teologicamente: a unidade e singularidade de Deus, de Jesus Cristo e do Espírito Santo. Pode haver boas razões para existir essas divisões. Pode haver sérios obstáculos para que elas sejam eliminadas. Pode haver muitos motivos para explicar essas divisões e para mitigá-las. Mas tudo isso não altera o fato de que toda a divisão é, como tal, um profundo enigma, um escândalo.<sup>58</sup>

<sup>55</sup> WOLFF, E. *Vaticano II: 50 anos de Ecumenismo na Igreja Católica*, p. 30.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 31.

<sup>57</sup> *Op. cit.*

<sup>58</sup> SANTA ANA, J. H. *Ecumenismo e libertação*, p. 72.

Em um momento em que o Cristianismo é desafiado pelas transformações sociais, tecnológicas e pelo avanço da perseguição religiosa em várias partes do globo, é preciso refletir e seguir o caminho contrário às cisões e à unilateralidade. Essa necessidade de encontro e diálogo nos levará ao encontro da solidariedade, da compreensão e da ajuda mútua, proporcionando, assim, o caminho da paz e um novo horizonte para a fé cristã. Essa foi a visão do Papa João XXIII na convocação do Concílio Ecumênico do Vaticano II em 1959, atitude esta que arejou a Igreja e a fez sentir o fluir de um Novo Pentecostes. No lugar dos inimigos hereges, passou a chamar de “irmãos separados” aqueles advindos de outras tradições, atitude que culminou em novas perspectivas de diálogo e no fim das disputas e guerras “santas”.

Desde os tempos das discussões sobre a Tese de Ário, a Igreja entendeu que era necessário o diálogo e, nesse sentido, ocorreu o primeiro Concílio Ecumênico em 325, na cidade de Niceia, sob a liderança do imperador Constantino. As igrejas cristãs, tanto do Oriente como do Ocidente, compareceram, representadas pelos bispos, o que culminou na condenação das ideias arianas. A partir dessa experiência, a Igreja experimentou o caminho do diálogo como uma via que dá acesso à paz e à unidade. Isso perdurou até o primeiro cisma em 1054 e, após, com a Reforma Protestante, levando a uma experiência amarga da separação e do não diálogo.

O diálogo tornou-se necessário a partir do sentimento de mútua ajuda entre os protestantes para enfrentar a diversidade do mundo e a evangelização de âmbito geral e irrestrito. Essa ideia parte de William Carey, pai das missões modernas, que propôs a união entre os cristãos protestantes para a evangelização de um mundo cada vez maior e extenso na sua geografia. O primeiro momento da ideia de William Carey seria uma unidade com um único objetivo: o de dar corpo ao Movimento Protestante no que tangia à missão e, assim, todas as frentes missionárias seriam atendidas, isto é, uma tradição não se confrontaria com a outra, o que promoveria uma evangelização progressiva e pontuada. Nessa perspectiva, os grupos protestantes de diversas confissões começaram a aderir à ideia. Debates e reuniões fraternas tiveram início. Em 1806, Carey propôs a primeira reunião entre as diversas tradições para o ano de 1810 e a cada dez anos um novo encontro. Essa proposta foi feita via carta ao secretário da Sociedade Missionária Batista, Andrew Fuller, que era amigo de Carey. Em um primeiro momento, Andrew Fuller não aceitou a ideia com entusiasmo e ainda comentou: “é mais um sonho do irmão William Carey”<sup>59</sup>. Andrew Fuller era cético no que tangia à união das

---

<sup>59</sup> SANTA ANA, J. H. *Ecumenismo e libertação*, p. 221.

diversas tradições protestantes para o campo missionário, porém quando os enviados chegavam ao campo de trabalho sentiam essa necessidade de união, e o irmão entendeu que isso só ocorreria partir de encontro proporcionando o diálogo. Assim, a cada missionário enviado por agências diferentes, estes sentiam necessidade do diálogo para o desenvolvimento da missão. Nesse contexto, foi se desenvolvendo durante o século XIX essa consciência, manifesta em várias reuniões internacionais, que se alicerçaram em conferências missionárias internacionais. A grande Conferência Missionária Internacional ocorreu em 1910, mas, para que esta desse certo e alcançasse o seu alvo, ocorreram antes outras reuniões em menor escala em 1888 e 1900, dando uma dimensão no que seria a Conferência de 1910.

A Conferência de 1900 já sentia entre os seus participantes o desejo de um diálogo “ecumênico” entre as igrejas cristãs protestantes. Dentre os participantes, estava um dos pioneiros do Movimento Ecumênico do século XX, John Raleigh Mott, Nobel da Paz em 1946, liderando o Comitê da Juventude. O objetivo das reuniões que antecederam a grande conferência era uma campanha evangelística que tomasse todo o mundo habitável de forma unida, pois a evangelização só poderia alcançar o seu objetivo se fosse comum a todos e não de forma isolada.

Desde o sonho do irmão Willian Carey, conforme definiu Andrew Fuller, o objetivo do diálogo era a comunhão para evangelização, uma vez que a fragmentação em inúmeras igrejas pequenas não testemunhava a unidade que o nome do Senhor Jesus proporcionava, e isso acabava levantando questionamentos para os ouvintes cristãos protestantes. Tal realidade não contribuía com o crescimento das missões, ao contrário, produzia dificuldades de entendimento no que tange à unidade, uma vez que o nome de Cristo gerava por si mesmo unidade e não separação como estava ocorrendo com as igrejas protestantes, pois se apresentava numa situação inferior à da Igreja de Corinto.

Consideremos, então, que o Movimento Ecumênico iniciado no século XIX, com o objetivo evangelístico, não coaduna com a recomendação do Senhor Jesus: “que eles sejam um”<sup>60</sup>, isto é, algo que diz respeito somente à fé cristã. A reação negativa da divisão das igrejas cristãs protestantes demonstrava que os responsáveis pelas agências missionárias desconheciam a realidade dos trabalhos no campo. Entendemos desse modo, a observação de Andrew Fuller de estigmatizar a proposta de Willian Carey, como mais um sonho. O objetivo de Willian Carey era justamente acabar com a divisão no campo missionário e, assim, criar uma frente fraterna para que o mundo habitado fosse evangelizado. Essa união tinha como

---

<sup>60</sup> SANTA ANA, J. H. *Ecumenismo e libertação*, p. 221.

objetivo somente o âmbito missionário e não as respectivas instituições. O que parece na proposta de Willian Carey era um respeito apenas pelo espaço geográfico, uma vez que a teologia das diversas tradições protestantes possuía a mesma interpretação e não uma união como comunidade única e de um mesmo propósito. O que entendemos era de uma parceria de boa vizinhança política e não de cooperação, comunhão e de unidade, conforme desejou o Senhor Jesus.

O diálogo não deve se abster do seu objetivo, ainda que o ambiente seja hostil ao propósito, pois existem inúmeras tradições protestantes que são contrárias ao diálogo ecumênico, pois desconhecem o histórico da proposta ecumênica e estas resistências se encontram, hoje, principalmente no meio pentecostal e neopentecostal.

#### 3.4 O ECUMENISMO EM DIÁLOGO PARA COMPREENDER O OUTRO

O diálogo ecumênico é compreendido como experiência cristã e praticado desde o desejo do pai das missões modernas, Willian Carey, cuja experiência vivida por diversas tradições cristãs protestantes construiu caminhos que foram realizados através de etapas que serviram de experiências, derrubando as resistências entre as diversas tradições cristãs, inclusive a da Igreja Católica Romana, que, no Concílio Vaticano II, convocado em 25 de dezembro de 1961 pelo o Papa João XXIII, tratou no Concílio sobre o Ecumenismo através do Decreto “*Unitatis redintegratio*”<sup>61</sup>.

Essa decisão do Papa João XXIII demonstra a relevância do diálogo, pois somente dessa forma poderemos compreender o outro que é da mesma tradição, e isso nos leva a compreender a importância do diálogo, pois assim teremos um instrumento de entendimento da nossa fé, e este entendimento nos fará compreender como reconstruir nossa catolicidade, que é a essência da Igreja.

A relevância do diálogo vai nos levar à compreensão da interpretação da fé e da vida cristã de cada tradição, isso nos levará a uma maturidade de entendimento indispensável para o diálogo, pois somente através deste é que os interlocutores não correrão o risco de equívocos em relação à essência da fé do outro. Para isso, o outro precisa estar convicto da

---

<sup>61</sup> Promover a restauração da unidade entre todos os cristãos é um dos principais propósitos do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II, pois Cristo Senhor fundou uma só e única Igreja. Todavia, são numerosas as comunhões cristãs que se apresentam aos homens como a verdadeira herança de Jesus Cristo. Todos, na verdade, se professam discípulos do Senhor, mas têm pareceres diversos e caminham por rumos diferentes, como se o próprio Cristo estivesse dividido. Esta divisão, porém, contradiz abertamente a vontade de Cristo, e é escândalo para o mundo, como também prejudica a santíssima causa da pregação do evangelho a toda a criatura.

sua fé em Jesus Cristo e conhecer os fundamentos da fé, da doutrina e da estrutura eclesial. A partir de então, passaremos a superar inúmeros pontos de divergência que nos separam apenas por interpretações culturais, que acabam ofuscando o real entendimento da fé e a compreensão de seus fundamentos. Assim, entendemos que a compreensão do outro parte do pressuposto de entendimento da estrutura e teor cultural onde encontraremos a essência cristã, então poderemos iniciar o diálogo ecumênico na essência da palavra.

O Ecumenismo não é um movimento que deseja converter cristãos, mas unir na sua diversidade e prática da igreja cristã no mundo, isso só será possível se atentarmos para a relevância do diálogo ecumênico. Este possui o objetivo de conhecer o outro para que a fé e a essência do Cristianismo sejam conhecidas em todo o mundo, pois o desejo do Senhor Jesus foi que sejamos um: a unidade desejada pelo Senhor Jesus não é a fusão de culturas ou costumes e sim o encontro das tradições diversas, porém portadoras de uma única essência. Não é um encontro de igrejas para tripudiar uma sobre a outra, mas sim a troca de experiências da fé, para, assim, assim conhecer a sua história, a sua caminhada evolutiva na fé e seus valores a partir dessa experiência de diálogo ecumênico.

Compreender o outro é dialogar, conhecer, conviver, superar diferenças e trocar experiências, isso significa que podemos romper as barreiras construídas ao longo dos séculos a partir de disputas e incompreensão, o que levou ao rompimento e ao esfacelamento do corpo místico de Cristo, o qual, desde o início, recomendou que fôssemos um. A recomendação do Senhor Jesus não foi uma mera recomendação aos apóstolos e assim à Igreja Cristã, pois, durante o seu ministério, Ele presenciou durante o seu ministério terreno a fragmentação e disputas entre os diversos grupos religiosos dos judeus. A desunião é algo ruim e negativo, pois separa as pessoas, os povos e as nações inteiras, quando falta o diálogo e a compreensão entre si.

Essa ausência de diálogo que perdurou por séculos e só entra em pauta quando os protestantes com interesse de expandir a evangelização entre os povos detectam que, em vez de avançar, estavam confundindo, desacreditando a própria mensagem de salvação. William Carey entende que a evangelização dos povos pelos protestantes só poderiam produzir se eles se unissem com o mesmo propósito e discurso. Entendemos isso quando Carey escreve para Andrew Fuller, então secretário da Sociedade Missionária Batista, em 1806. Nessa carta, o “pai das missões modernas” propõe um encontro a cada dez anos na esperança em que todos os povos não alcançados recebam a mensagem do evangelho de Cristo. A ideia não foi recebida com vigor conforme proposto por William Carey, mas nos leva a entender a necessidade do diálogo entre as diversas tradições para uma única missão: a pregação do



verbo de Deus. Essa necessidade nasce no campo missionário, o que traduz as dificuldades encontradas para propagação do evangelho entre as diversidades de culturas, costumes e religiosidades.

No entanto, a compreensão do outro só ocorrerá a partir do diálogo, que nos levará a discernir a verdadeira identidade, conhecer o pensamento do outro, entender a sua história e, assim, superar as diferenças e vencer os desafios que a evolução produz, conhecendo, dessa forma, verdadeiros valores que se desenvolverão com a relação construída a partir do diálogo, pois o Ecumenismo só terá valor se, além de construir, produzir verdadeiros fundamentos de comunhão e trabalho comum, porque só assim teremos sintonia, fraternidade, amor, compreensão e o verdadeiro encontro com Cristo, uma vez que essa é a sua vontade: “todos sejam um”.

### 3.5 A COMPREENSÃO CATÓLICA PARA O DIÁLOGO ECUMÊNICO

O Ecumenismo proposto pelos protestantes no século XVIII trouxe desconfiança para a Igreja Católica. Em primeiro momento, ele era visto pelo clero como um movimento de divisão e concorrência quanto ao genuíno Cristianismo. Apesar de não ser essa a proposta feita por Willian Carey, foi impregnado pelos mais radicais como um movimento estranho para a Igreja Católica, uma vez que ela e, também, a Igreja Ortodoxa não foram convidadas para participar das entidades que começaram a se formar. Ele era visto com desconfiança e até mesmo com certa hostilidade, pois a proposta era de união fraterna e não de unicidade dos cristãos, tendo ficado de fora o maior grupo cristãos do mundo: a Igreja Católica. Tal atmosfera permaneceu até o pontificado do Papa João XXIII.

Nessa reflexão, não podemos deixar de citar a forma de governo da Igreja Católica Romana, até por ser antiga e passar por inúmeras situações e conseguir chegar ao século XV com uma forma rígida, conservadora e sem aceitar qualquer tipo de contradição, isto levou-a a agir com cautela e até com muita desconfiança sobre a proposta do diálogo ecumênico proposto pelos protestantes. É certo que a hegemonia da Igreja Romana na Idade Média e após a Reforma Protestante fez com que agisse com certa desconfiança qualquer movimento que surgisse sem a sua jurisdição, principalmente uma proposta que não a incluía. Tal atitude deve-se ao posicionamento da Igreja Romana após a Contrarreforma, a qual criou dogmas que trouxe para dentro do Catolicismo uma resistência para qualquer discurso “herético” e que oferecesse perigo de distorção dos fundamentos do Cristianismo. Evidentemente, essa visão não retratava a visão de todos os fiéis católicos. Assim, a prática da intolerância não permitiu

à Igreja Católica uma resposta adequada quanto ao Movimento Ecumênico proposto pelos protestantes do século XVIII. Precisamos compreender que a cultura construída pela experiência produzida pela Reforma, pela Contrarreforma e, também, pela decisão necessária tomada quanto às ciências, à cultura e às revoluções, justificam a atitude da Igreja Romana quanto ao Movimento Ecumênico, principalmente por sua responsabilidade adquirida pelo tempo de existência e responsabilidade com o depósito da fé, “*depositum fidei*”<sup>62</sup>. Dessa forma, as decisões teriam de ser vagarosas e com muita prudência, o que gerou uma característica de intransigência e de unilateralidade: imagem esta que mudou a partir do Santo Concílio Vaticano II, bem como com as contribuições de padres, como Congar, Daniélou, Rahner e Chenu, entre outros.

O Ecumenismo após a resistência começa a tomar espaço entre os membros do clero e sua compreensão desperta um novo horizonte no coração de muitos dentro da Igreja Católica. Essa posição começa a criar caminho para uma proposta ecumênica não de fraternidade idealizada por Carey, mas sim um Ecumenismo de unicidade e catolicidade, pois, na Conferência de Edimburgo, o Ecumenismo foi tido como um instrumento para facilitar as ações evangelísticas entre os não alcançados; já em Lausanne, a compreensão dimensionou a questão da unidade, trazendo à baila a introdução do diálogo teológico entre as igrejas. Portanto, o Ecumenismo não se resumia somente ao âmbito das sociedades missionárias e das ações fraternas, ele exigia muito mais.

Na compreensão dos teólogos católicos, o Ecumenismo exigia reflexões teológicas diante do corpo doutrinário de cada tradição, foi onde a conferência de Lausanne se aprofundou em assuntos eclesiológicos como unidade na fé e constituição eclesiológica. Acerca dela, escreveu Yves Congar:

[...] a Conferência de Lausanne - Suíça sustentava-se necessariamente sobre o pressuposto de que a Igreja de Cristo una não está atualmente realizada e dada, pois todos os grupos cristãos que têm núcleo de substância eclesiásticas doutrinas, em certa medida, e sempre imperfeitamente a Igreja de Cristo, cuja dogmática seja a verdadeira, simples e totalmente, mas que certos números de artigos fundamentais se impõem e devem ser aceitos, deixando outros como crenças respeitáveis, sim, mas variáveis e facultativas. Ora, isto é, o que a Igreja Católica não pode aceitar: ela é a igreja uma esposa única e fiel de Cristo; ela crê na eficácia da oração e na vontade do seu Senhor; Ela está segura de que a Igreja do Senhor existiu e existe, indefectivelmente por sua graça.<sup>63</sup>

<sup>62</sup> PACOVINO, L.; MANCUSO, V. *LEXICON*: Dicionário Teológico Enciclopédico, p. 181-182.

<sup>63</sup> VAQUERO, J. S. *Ecumenismo*: manual de formación ecuménica, p. 74.

O caminho agora proposto, para ser construído, não seria fácil, pois exigiria uma convivência de fé, de vida em comunidade e de mudanças, isso exigia uma maturidade que precisaria ser trabalhada no cotidiano das comunidades. Evidentemente, essa proposta não seria nenhuma novidade, mas sim um retorno de experiências ocorridas na vida da Igreja. A partir de então, a proposta da Igreja Católica passou ser de unicidade e não de fraternidade. Esse ideal católico não seria de fácil compreensão, pois a desconfiança dos protestantes e também dos católicos mais radicais iria atravancar o diálogo entre a diversidade de grupos cristãos no mundo. Então, necessitaria de eventos que promovessem os encontros e também o convívio das tradições, para que, assim, fosse construído um relacionamento para compreensão.

Não podemos deixar de ressaltar que o Movimento Ecumênico não nasceu de uma vontade humana, mas sim de uma ação do Espírito, que, com sua atuação em forma de brisa, foi soprando até se tornar um vento no Concílio Vaticano II, como no dia de Pentecostes. Do início do movimento até a metade do século XX, o Ecumenismo foi amadurecendo até reverter a posição da Igreja Católica Romana, que, no início, resistia à ideia. O que podemos analisar, nessa resistência católica, são as divergências quanto ao movimento cultural, a revolução científica, a valorização exacerbada do humanismo e o próprio preconceito de se reunir com aqueles que se separam da verdadeira Igreja. Essa situação foi trabalhada desde o começo do movimento idealizado pelo pai das missões modernas e, agora, após quase 100 anos do ideal de Willian Carey, a Igreja Católica começa a ceder à ideia ecumênica.

Após a Segunda Guerra Mundial, o movimento se fortalece ainda mais e, dessa forma, começa a levantar os pontos de difícil compreensão como: a concepção da eclesiologia, dos sacramentos e da cátedra de Pedro. É evidente que haverá mais outros pontos divergentes, mas estes, por si só, já tornaram o movimento estagnado para ambos os lados se não houvesse uma força de vontade de inúmeros padres já citados e que entendiam que o movimento era o início do sopro do Espírito “para que todos seja um”. A visão católica, apesar de inúmeros padres entenderem como sopro do Espírito, resistiu frontalmente à natureza, aos objetivos e aos ideais do Ecumenismo. Inclusive o próprio termo “Ecumenismo” não era compreendido pelos católicos como no seu próprio meio. Anteriormente, o Papa Leão XIII já havia proibido a participação dos católicos da Semana de Oração para a União dos Cristãos e, em 1928, o Papa Pio XI, na Encíclica “*Mortalium Aminos*”, chama os ecumenistas de *panchristiani* e declara que “a Sé Apostólica não pode, de modo algum, participar das suas reuniões, e de

nenhum modo os católicos podem ir ou ajudar tal tentativas”<sup>64</sup>. Assim, no início do século XX, o Movimento Ecumênico sofre resistência por parte da Santa Sé, mas não há desistência dos envolvidos, apenas esforço e luta para não fazer parte de nenhuma reunião, posto que os católicos não podiam cooperar com tal movimento.

No início do ideal ecumênico, tanto a Igreja Ortodoxa como a Igreja Católica foram deixadas de lado, mas, com o tempo, isso foi mudando e, logo, a Igreja Ortodoxa passou a participar ativamente do movimento. Já a Igreja Católica não aceitou os convites realizados pelo organismo que trabalhava pelo ideal ecumênico. Desde a Conferência de Edimburgo, em 1910, foram criadas instituições congregadoras de várias igrejas, como a “Vida e Ação” em 1925, “Fé e Constituição”, em 1927, e a criação do Conselho Mundial de Igrejas, em 1948, todos os convites foram rejeitados. Só em 1961, em Nova Délhi, o Vaticano enviou representante, mas aí já estava dentro da realização do Concílio Vaticano II, cujo teor das assembleias seria justamente o ideal ecumênico. Em 1968, na Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas, ocorrida em Upsala, foi enviado uma delegação oficialmente. Endentemos que, desde os primórdios do Ecumenismo, a brisa soprada pelo Espírito tomou forma no Concílio Vaticano II, no qual, corajosamente, o Papa João XXIII absorveu aquilo que seria um Novo Pentecostes dentro da Igreja. As janelas foram abertas e, durante as assembleias conciliares, os santos padres puderam sentir um *aggiornamento* da Igreja, criando uma perspectiva de futuro próspero e maturidade com a sociedade, com as outras tradições cristãs e religiões não cristãs.

Tais mudanças, cabe salientar, não ocorreram da noite para o dia e muito menos através de uma decisão unilateral do Papa João XXIII, mas de um longo caminho desde o ideal de propor a Semana da Oração em Prol da Unidade dos Cristãos pelo Padre Ignatius Spencer, que havia sido anglicano e converteu-se à fé católica romana. Na sua visita à Universidade Inglesa Oxford, compartilhou sua ideia com o John Henry Newman, que, mais tarde, se tornaria cardeal. Este, por sua vez, não obteve apoio em um primeiro momento dos bispos católicos, mas sim da Associação para a Promoção da Unidade do Cristianismo, instituição que pode ser considerada a primeira a ser criada para esse fim. O objetivo da associação foi de unir todas as tradições, tanto protestantes, como católicos romanos e ortodoxos. Apesar de a ideia ser de grande valia, em 1864, Roma proíbe os católicos de participarem dessa associação. Somente em 1895, o Papa Leão XIII institui a novena de Pentecostes com o propósito de acelerar a união dos irmãos separados. É interessante notar

---

<sup>64</sup> WOLFF, E. *Vaticano II: 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica*, p. 24.

que os esforços para a unidade dos cristãos foram sempre impulsionados pelo desejo de unidade fraterna com a unicidade do corpo místico de Cristo.

Alguns protestantes, todavia, insistem com uma união apenas fraterna entre os próprios protestantes, posicionamento que vemos na Semana de Oração da Aliança Evangélica, fundada em 1846, uma prática anticatólica até hoje.

Por outro lado, o Reverendo Spencer Jones defende a unidade em torno do papa, atitude esta detectada pelo padre Couturier<sup>65</sup> da Diocese de Lyon, que propõe a alteração na fórmula da Oração pela Unidade dos Cristãos, pois entendia que seria um obstáculo para o não católico que não considerava a herança petrina.

Segundo Júlio de Santa Ana, o esforço na unidade dos cristãos por parte da Igreja Católica Romana possui um empenho maior. A partir do Concílio Vaticano II, detectamos os inúmeros esforços e, também, a criação de órgãos que buscavam promover a unidade da fé. A exemplo disso, a experiência do padre Couturier do diálogo permanente com outras tradições levou-o a construir uma compreensão do outro e corrigir o que poderia estar atrapalhando a construção da unidade. Evidentemente, não foi somente a experiência do padre Couturier, mas outras experiências posteriores às grandes guerras que lutaram contra a violência e as inúmeras formas de injustiças. Tais fatos fortaleceram ainda mais a necessidade da criação de entidade responsável permanentemente preocupada com o propósito do Ecumenismo e da paz, bem comum a todos.

---

<sup>65</sup> SANTA ANA, J. H. *Ecumenismo e Libertação*, p. 80.

#### 4 A PRÁTICA DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO PARA A CONSTRUÇÃO DA PAZ

A prática do diálogo inter-religioso, no contexto atual, ainda soa como um ato subjetivo para uma busca superficial de convivência em um mundo tão globalizado e plural, porém essa necessidade de diálogo precisa ser aprofundada, para que, realmente, possamos desfrutar da paz justa, pois, sem justiça, não há paz. O diálogo não pode ser apenas de vista ou superficial, mas debatido e compreendido. Se não houver compreensão do outro, os conflitos de ideias no campo religioso, político e social levarão inevitavelmente a uma discordância e resultarão em conflitos. Por esse motivo, o diálogo responsável se faz necessário, para que possamos conhecer suas práticas e representações. Essa compreensão é partilhada por Hans Kung, na sua obra “Religiões do Mundo”, ele indaga a necessidade de contribuição para uma ética mundial e de entendimento dos pontos divergentes e comuns, para alcançar um empenho pela paz mundial, e frisa:

Não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões, se não existir diálogo entre as religiões. Não haverá diálogo entre as religiões, se não existirem padrões éticos globais. Nosso planeta não irá sobreviver se não houver um *ethos* global, uma ética para o mundo inteiro.<sup>66</sup>

O século XX foi inaugurado com o seu Primeiro Conflito Mundial, herança produzida pela falta de diálogo e de compreensão na sociedade humana, produzindo uma dor incalculável naquela geração e, com o seu final, a triste realidade da ganância dos vitoriosos do conflito, desencadeando o segundo embate e, dessa vez, a perda humana foi incalculável. No final da barbárie, só restou a fé. A partir de então, a necessidade de compreensão passou a fazer parte do homem, pois as experiências anteriores só trouxeram perda e destruição. Com essas anomalias no seio da sociedade, o Cristianismo passou a ser peça fundamental para a geração pós-conflito. Nesse ínterim, coube a questão: como reunir tal geração diante de um pluralismo crescente? A saída para esse questionamento é respondida justamente nas palavras de Edward Said, nascido em Jerusalém e exilado nos Estados Unidos por conta da fuga de seu pai diante da obrigatoriedade em servir o exército turco. Seu pai retorna para a Palestina após obter cidadania americana e ser um próspero comerciante, instala-se no Egito, e Said recebe estudos em escolas inglesas que desconhecem a cultura árabe, o que, às vezes, até desconstrói a sua cultura. Diante dessas experiências, Edward Said afirma que a desconstrução da cultura, religião ou costume, cria disputas e, quando estabelece limites, elimina as possibilidades de

---

<sup>66</sup> KÜNG, H. *Religiões do Mundo: em busca dos pontos comuns*, p. 366.

uma globalização saudável, na qual todos poderiam conviver com um sentimento de comunidade, compreensão, simpatia e esperança<sup>67</sup>.

Diante da pluralidade, surge a necessidade de superar, neste mundo globalizado a partir do Capitalismo, uma cultura de conquista que impera e quer dominar todas as sociedades. Deparamo-nos, então, com o desafio de ver o diálogo inter-religioso como ferramenta para conhecer o outro, porém necessitamos de maturidade para realizar a abertura que depende da perda do medo, derrubando, assim, as barreiras do desconhecido e, às vezes, até ignorado.

A busca do diálogo a partir de uma maturidade para construir um mundo de paz com uma pluralidade de religiões, culturas e costumes necessita de tomada de decisão e ação, pois, diante da riqueza das culturas, revelada a partir da quebra de fronteiras pela tecnologia, faz-se necessária uma interação através de atividades para conhecer o desconhecido, pois só assim poderemos construir um mundo plural em um mundo de paz. As divergências encontradas no campo religioso trazem uma disputa no terreno da multiplicidade das religiões, e isso tem levado alguns segmentos ao confronto e à intolerância. Nesse caso, o diálogo traria luz àquilo que está escuro aos nossos olhos, e isso proporcionaria interação e descoberta de credos e de uma nova concepção acerca do sagrado.

O diálogo irá visar uma prática de conhecimento, interação e experiência a partir daquele que se dispuser a dialogar entre as comunidades religiosas que se propõem a essa abertura dialogal. Entendemos que não é tarefa fácil, então necessitaríamos de um desarme, pois o diálogo não é para a prática proselitista e sim de conhecimento e experiências do desconhecido, trazendo informação através da qual irá nos deparar com formas diferentes do sagrado, proporcionando uma riqueza de formas próprias e verdades vistas de outro ângulo, éticas tão comuns para uns e tão desconhecidas para outros, práticas que produzem respeito, justiça e paz e que, para outros, são apenas histórias fantasiosas. O diálogo elimina os obstáculos e constrói pontes, calor humano e respeito.

A busca por essa prática só será possível quando todos buscarem por uma ética comum a todos os homens, assim, a sociedade pluralista vivenciará tempos dignos da sociedade humana, criação do próprio Deus. Isso não pode ser tratado como utopia, uma vez que o próprio Cristo quebrou preconceitos e paradigmas para se autorrevelar. Sua atuação quanto à mulher samaritana no poço de Jacó e também o pedido da mulher sírio-fenícia são

---

<sup>67</sup> SAID, E. W. *Reflexões sobre exílio e outros ensaios*, p. 336.

cenas no ministério de Jesus que nos deixam um exemplo da prática do diálogo e da maturidade do amor de Deus.

O diálogo trará luz às diversas concepções, porém inúmeras com a mesma essência, derrubando, assim, o fundamentalismo e o medo de desconstruir as suas próprias convicções ou o seu sagrado. Esse caminho só poderá ser construído, segundo Paul Knitter, quando nos consideramos vizinhos uns dos outros. Ele afirma que:

[...] da urgência de um diálogo inter-religioso, da urgência [...] de respeitar os fiéis de outras religiões, de aprender com eles e de cooperar com eles, nascem três exigências ou imperativos éticos que o mundo contemporâneo apresenta aos cristãos e os fiéis de outras religiões [...]. Então, sugiro que se considere que este mundo globalizado, mas ameaçado, está convidando as pessoas religiosas a serem: 1) mútuos vizinhos inter-religiosos; 2) mútuos pacificadores religiosos; 3) peregrinos inter-religiosos juntos a cada de nós.<sup>68</sup>

Então, devemos compreender que o diálogo inter-religioso, nesse mundo plural, é um fato inevitável para a produção de justiça e paz, pois a presença crescente de diversidade religiosa no mundo é uma realidade incontestável e, com o avanço da tecnologia, as culturas, os costumes e as religiosidades outrora desconhecidas tornaram-se expostas a todos. Suas raízes e fundamentações mostram consistência e vitalidade, daí a necessidade da prática do diálogo para que possamos acessar mais a fundo tais concepções do sagrado e, assim, construirmos um caminho de paz e convivência fraterna, pois o diálogo não propõe uma conversão ao modo de vida do outro, mas uma relação de compreensão e paz.

Após os conflitos, a sociedade se vê ancorada somente pela esperança produzida pela fé, e essa responsabilidade pertence totalmente às religiões, o que trouxe uma necessidade de maturidade para encarar a derrubada das fronteiras, ora pela globalização patrocinada pela tecnologia, ora pela economia, situações que precisam de atenção para não cairmos novamente em disputas e domínios que sempre levam ao conflito. Diante disso, Hans Kung afirma que o diálogo para a paz é fundamental, pois, sem ele, os conflitos são inevitáveis, cabendo-nos escolher entre: “a rivalidade entre as religiões, o choque de culturas, a guerra de nações, ou o diálogo das culturas e a paz entre as religiões, como condição para a paz entre as nações”<sup>69</sup>.

O século XXI está sendo construído pela diversidade, isso traz uma responsabilidade ainda maior para a promoção da paz, pois, diante de tão grande pluralismo, o desafio é

<sup>68</sup> KNITTER, P. *O mistério último é sempre maior*. Instituto Humanitas - Unisinos, 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/505638-o-misterio-ultimo-e-sempre-maior-artigo-de-paul-knitter>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

<sup>69</sup> TEIXEIRA, F.; DIAS, Z. M. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte do impossível*, p. 119.



desconstruir a manutenção de posicionamento de teoria e expandir a compreensão religiosa. O caminho a percorrer não é um acesso livre, mas de obstáculos e desafios que, ao final, proporcionará uma convivência de compreensão e de paz. Faustino Teixeira enumera cinco eixos para a realidade do diálogo, e isso implica na partilha da vida, do aprendizado, da experiência e do conhecimento:

- a) a consciência da humanidade;
- b) a abertura ao valor da alteridade;
- c) a fidelidade à própria tradição;
- d) a busca comum da verdade;
- e) a *ecumene* da compaixão.<sup>70</sup>

Somente com a prática desses eixos é que poderemos compreender a essência do diálogo, e as pessoas inseridas no contexto demonstrarão raízes na fé, bem como do seu compromisso com princípio da sua confissão, porém teremos de estar abertos para o aprendizado de novas possibilidades e compreensão do diferente.

O mundo multifacetado nos leva a compreender a necessidade do diálogo, a partir das experiências nas diversas modalidades. Essa necessidade de se manter interagindo é marca da pluralidade, por isso o diálogo inter-religioso está cada vez mais inserido no contexto do mundo. A prática se dá devido à transformação da multirreligiosidade da sociedade plural. Esse pressuposto parte da verdadeira compreensão dos fenômenos que ocorrem nesta sociedade sem fronteiras e acaba influenciando diretamente a sociedade como um todo. O diálogo traz luz àquilo que está obscuro ou oculto, ele faz parte da natureza humana, pois busca a unidade através da absorção ou compreensão das diferenças. Por si só, a sociedade é um casulo de diferenças, e isso a torna em movimento constante para a compreensão de si mesma, colocando o diálogo como tradutor dessa diversidade.

A vocação do diálogo tende a buscar a unidade e a reciprocidade, mas precisa resguardar as diferenças, pois só assim poderemos ter uma relação dinâmica e saudável, proporcionando a descoberta da semelhança e da diferença. Os interlocutores desfrutarão dessa dinâmica rica de abertura e enriquecimento mútuo. Nesse panorama é que no diálogo inter-religioso tudo ganha forma e sentido, numa incessante busca de compreensão. Este tende a ter uma peculiaridade, pois se trata de um conjunto de ideias relacionadas à religião, que,

---

<sup>70</sup> TEIXEIRA, F. *O diálogo entre as religiões*, p. 3.

inúmeras vezes, é herdado, o que dificulta no que tange ao diálogo, pois os ensinamentos são cristalizados, tornando-se quase que invioláveis. Todas as religiões milenares possuem essas características, daí o porquê da necessidade da interlocução, para que possamos, em um mundo plural, alcançar o conhecimento do outro sem perder a essência, pois esta não é proposta do diálogo – converter o outro – mas sim compreender. Hans-Georg Gadamer afirma isso ao dizer:

a arte de compreender, não é necessariamente estar de acordo com o que ou quem se compreende, nem romper com as próprias convicções fundamentais, mas é um exercício essencial de recolher para deixar valer o outro.<sup>71</sup>

O diálogo, então, pode ser compreendido como um intercâmbio de informações, de dons e de enriquecimento daquilo que era desconhecido, mas, para isso, o outro precisa estar cômico em se deixar transformar pelo outro, pois esta é a máxima do diálogo inter-religioso. O diálogo traduz uma relação de novas perspectivas quanto aos pensamentos religiosos, e isso é uma riqueza substancial, pois demonstra a maturidade da relação com a diversidade. A paz será possível quando houver uma abertura à mútua transformação. Esse objetivo dialogal propõe um desafio complexo e trabalhoso, mas imprescindível para as confissões religiosas não cristãs. Já a ausência deste trará fragilidades, construirá um terreno de discórdia, separação e incompreensão, promovendo um atraso quanto ao crescimento e à paz.

Raimon Panikkar, teólogo católico, após estudar filosofia indiana em uma universidade hindu, ressalta que não há possibilidade de conhecer outras religiões sem diálogo. Na mesma linha de pensamento, está o padre Hans Kung quando se refere ao Islã. Panikkar entende que determinadas tradições só serão compreendidas quando concederem abertura ao seu universo religioso e, assim, poderão dividir as experiências com o outro. Consequentemente, irão construir uma compreensão fundamentada, produzindo conhecimento e derrubando barreiras. Todavia, se não ocorrer a abertura, esta produzirá um endurecimento e não terá como conhecer o outro e nem a sua própria religião.

Para praticar o diálogo, é necessário haver cortesia, hospitalidade, abertura no coração e atenção para que seja produtivo, dando espaço para que aja uma justa avaliação por parte de ambas as tradições. Não pode haver proselitismo e nem tentativa de convencimento do outro, mas sim de compreensão e entendimento. É certo que não é um caminho fácil de percorrer, porém Panikkar recomenda:

---

<sup>71</sup> TEIXEIRA, F.; DIAS, Z. M. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte do impossível*, p. 125.

o diálogo religioso requer uma atitude de busca profunda, uma convicção de que estamos caminhando em solo sagrado, de que arriscamos nossas vidas. Não se trata de uma curiosidade intelectual nem de uma bagatela, mas de uma aventura arriscada e exigente. Faz parte daquela peregrinação pessoal para a plenitude de nós mesmos, que se obtém ultrapassando as fronteiras de nossa tradição, escalando e penetrando nos muros daquela cidade onde não há templo, porque a iluminação é uma realidade, como se diz na última das escrituras cristãs (Ap 22,5).<sup>72</sup>

O diálogo inter-religioso precisa ser compreendido para tornar-se plausível e real, pois a sua atuação traz preocupação e medo, é algo ainda desconhecido. Muitos acreditam que o diálogo será para abrir mão das suas convicções religiosas ou absorver novos dogmas ou regras de fé. É claro que nenhuma interpretação continuará ileso diante das exposições do pensamento e compreensão, e é justamente isso que provoca incertezas e inseguranças em muitos diante de um mundo cheio de possibilidades e de interpretações. Por esse motivo é que a prática do diálogo inter-religioso como objeto de produção da paz, de convívio e harmonia é necessária e importante, principalmente após os conflitos mundiais, pois a sociedade busca incessantemente caminhos para a paz.

#### 4.1 A COMPREENSÃO DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E O DIÁLOGO ENTRE RELIGIOSOS

A compreensão do diálogo inter-religioso exposto no texto pesquisado demonstra qual o seu objetivo em uma visão da coletividade em comum. Seu intento nos leva a considerar que seus elementos são semelhantes ao diálogo ecumênico, porém com uma diferença, que é a sua pluralidade quanto ao sagrado. A necessidade de entender o que é “diálogo inter-religioso” e “diálogo entre religiosos” demonstra a diversidade da compreensão quanto aos termos, pois um é definido pela prática e pelo trabalho de entender o outro quanto aos pontos das doutrinas ou dogmas e nos temas teológicos. Assim, tal diálogo irá colocar uma luz sobre o pensamento religioso de ambos, trazendo uma interação de compreensão um do outro<sup>73</sup>. A possibilidade de conhecer um ao outro é que traz incertezas para os grupos mais fundamentalistas, pois temem que o caminho já trilhado possa desmoronar, ocasionando a desconstrução da sua fé. Isso não é a essência do diálogo inter-religioso, uma vez que trabalha para conhecer o outro e, assim, construir uma relação de paz numa sociedade tão pluralista. Já

<sup>72</sup> TEIXEIRA, F. *O diálogo entre as religiões*, p. 4.

<sup>73</sup> RÁDIO VATICANO. *Ramadã e encontro inter-religioso nos Emirados Árabes*. 2016. Disponível em: [http://br.radiovaticana.va/news/2016/07/03/ramad%C3%A3\\_e\\_encontro\\_inter-religioso\\_nos\\_emirados\\_%C3%Alrabes\\_unidos/1241715](http://br.radiovaticana.va/news/2016/07/03/ramad%C3%A3_e_encontro_inter-religioso_nos_emirados_%C3%Alrabes_unidos/1241715). Acesso em: 15ago.2017.

o diálogo entre religiosos destoa da essência do diálogo inter-religioso, pois a prática do “diálogo entre religiosos” é mais social ou para defender interesses próprios, diferente do diálogo inter-religioso, que tem como proposta a exposição das ideias teológicas e religiosas para alcançar pontos comuns.<sup>74</sup>

O diálogo inter-religioso, na concepção dos líderes religiosos, destoa, porque a religião é uma instituição não somente teológica, mas também de poder institucional e social, poder adquirido através da cultura e do conhecimento do sagrado, isso a torna uma comunidade de influência. Compreendemos, então, que os detentores do poder religioso se sentem ameaçados na prática do diálogo, pois acreditam que podem perder o seu espaço, seu poder e, consecutivamente, sua influência na sociedade. Exemplo disso é a reunião ocorrida em julho de 2008, promovida pelo rei da Arábia Saudita, um “encontro de religiões e de culturas”, para os jornalistas que chamaram de “diálogo entre as religiões”, com a intenção de transmitir aos participantes, que ele mesmo convidou, uma proposta de debate diante da pluralidade de fenômenos religiosos e culturais na sociedade atual. Os temas expostos foram os seguintes:

- a) A humanidade padece com a desintegração da família,
- b) com a decadência moral;
- c) com a contaminação do meio ambiente, e;
- d) com guerras que comovem o coração dos intelectuais e que constituem uma forte preocupação na busca de soluções para salvar a humanidade das moléstias.<sup>75</sup>

Nos temas propostos, pode ver que não há nenhuma ideia acerca da teologia do Islã e nenhum ponto de abertura para outras religiões se instalarem nos territórios árabes. Em nenhum momento dos debates, foram pautados assuntos concernentes à liberdade religiosa, violência contra as mulheres e a tolerância com as minorias de outro segmento islâmico. A reunião pareceu mais para demonstrar, dê acordo com os jornalistas, uma forma de descaracterizar a imagem de uma liderança religiosa fundamentalista e sem diálogo. Devido à reunião ser em solo estrangeiro, cidade de Madrid – Espanha, e não na própria Arábia Saudita, isso caracterizou a verdadeira intenção do rei saudita de apresentar uma imagem de abertura e diálogo.

A essência do diálogo inter-religioso consiste em conhecer e entender o outro, pois, caso isso não ocorra, será uma prática proselitista. Não conseguiremos nunca construir uma

---

<sup>74</sup> <sup>74</sup> RÁDIO VATICANO. *Ramadã e encontro inter-religioso nos Emirados Árabes*. 2016. Disponível em: [http://br.radiovaticana.va/news/2016/07/03/ramad%C3%A3\\_e\\_encontro\\_inter-religioso\\_nos\\_emirados\\_%C3%Alrabes\\_unidos/1241715](http://br.radiovaticana.va/news/2016/07/03/ramad%C3%A3_e_encontro_inter-religioso_nos_emirados_%C3%Alrabes_unidos/1241715). Acesso em: 15ago.2017.

<sup>75</sup> PARLAMENTO RELIGIOSO. [s./d.]. Disponível em: <<http://www.empacult.parlamento.pt/pt/Documentos/Dialogointerreligioso.pdf>>. Acesso em 5 jul. 2017.

relação de paz se não conhecermos aquilo que é desconhecido para nós. O homem, na sua própria essência, deseja conhecer o desconhecido para poder entender. Ele irá mostrar as questões mais íntimas da religião. Isso produzirá uma dinâmica relacional que envolverá o diferente na construção da igualdade para produzir paz e compreensão.

É nesse contexto da sociedade plural que precisa haver a prática das relações inter-religiosas, assim vai sendo construída uma identidade positiva com pessoas e comunidades antes desconhecidas. É a partir dessa concepção de conhecimento que o diálogo produz no homem, compreender e ser compreendido, isso não significa concordar e nem abandonar os seus princípios, mas sim ser recíproco e proporcionar uma abertura para uma comunicação de tradições e costumes religiosos. Essa acolhida através da comunicação religiosa trata-se de uma prática para uma sociedade sem fronteiras devido ao avanço tecnológico, porém cheia de divisões e diferenças intransponíveis por conta da incompreensão e do desentendimento. Ele propõe uma busca de compreensão e transparência para encontrar no outro “o igual na diferença”, desejando encontrar pontos comuns na possibilidade de uma nova perspectiva de paz e compreensão.

Esse horizonte de paz e compreensão só inicia quando o outro se dispõe a entender o que era incompreensível e agora passa a ser compreendido. Tal dinamismo acontece sem uma previsão, ela ocorre naturalmente, na medida em que o diálogo vai acontecendo sem traumas ou disputas. Nessa perspectiva, Jurgen Moltman declara:

[...] digno de participar do diálogo é somente quem conquistou uma posição firme na sua própria religião e vai para o diálogo com a autoconsciência correspondente. Somente a domiciliação na sua própria religião capacita para o encontro com outra.<sup>76</sup>

Outro encontro de religiosos aconteceu nos Emirados Árabes, após o ramadã, prática de jejum dos muçulmanos no período de 40 dias. Reuniu em Dubai, na Igreja Ortodoxa Copta, mais de 20 líderes religiosos, que foram convidados pelo presidente, para demonstrar a liberdade religiosa e acolhida que o país muçulmano concede às outras confissões religiosas. O evento foi prestigiado pela Ministra de Estado Shaikah Lubna Qasimi, que foi pessoalmente convidar o Papa Francisco em nome do Presidente Shaikah Khalifa Bin Zayed Al Nayan para visitar o país. No encontro, a ministra destacou:

[...] a determinação do país de tolerar o relacionamento inter-religioso baseado nos valores comuns que orientam o caminho para que todos possam conviver em paz. [...] espalhando sementes de amor, tolerância e cooperação na sua população. [...]

---

<sup>76</sup> TEIXEIRA, F.; DIAS, Z. M. *Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso: a arte do possível*, p. 151.

Nós respeitamos nossa diversidade que nos define como uma sociedade multicultural e cosmopolita na qual cada pessoa possa alegrar-se com o relacionamento com Deus.<sup>77</sup>

Os encontros entre os religiosos ocorridos em Madrid, Espanha, promovido pelo Rei da Arábia Saudita, e o encontro em Dubai, Emirados Árabes, foram diferentes, pois o primeiro teve o seu teor direcionado para fatos relacionados às questões sociais; já o ocorrido em Dubai trabalhou realmente a questão religiosa para o caminho da paz. Os dois eventos foram muito importantes, porém o resultado de melhor aproveitamento ocorreu em Dubai, onde mais de 20 líderes religiosos presentes puderam se reunir e conhecer uns aos outros.

No diálogo, passamos a conhecer o outro. Conhecendo o outro, passamos a compreender. Com a compreensão, promovemos a paz, pois sem diálogo não existe paz. O diálogo é patrocinado pela expressão viva da relação entre o conhecido e o desconhecido. É a troca simultânea entre as tradições vivas.

#### 4.2 O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NO CONCÍLIO VATICANO II

Não podemos, porém, invocar Deus como pai comum de todos, se nos recusamos a tratar como irmãos alguns homens, criados à sua imagem. De tal maneira estão ligadas a relação do homem a Deus Pai e a sua relação aos outros homens seus irmãos, que afirma: “quem não ama, não conhece a Deus”. (1 Jo 4,8)<sup>78</sup>

O Concílio Vaticano II abriu, avivou, reacendeu a Igreja a partir das mudanças ocorridas na sociedade. João XXIII, com a sua força e carisma, pode realizar um evento que abriu as janelas da Igreja e arejou uma instituição milenar com doutrinas e regras cristalizadas. O concílio proporcionou um tempo primaveril, trazendo frutos inesperados quando do seu encerramento. Paulo VI, já no ano seguinte ao encerramento do concílio, reconhecia que este foi um ato divino e que era necessário colocá-lo em prática, comparou-o a um rio que iniciava um novo leito, avançando por solos antes não previstos, adubando terras estéreis e seguindo em diversas direções, produzindo frutos inesperados.

O *aggiornamento* da Igreja trouxe uma renovação às práticas pastorais, colhendo os frutos do diálogo com as diferentes culturas e comprometimento com os pobres, fatos estes que estreitaram ainda mais a relação com a Igreja do Hemisfério Sul, onde se concentra o

<sup>77</sup> RÁDIO VATICANO. *Ramadã e encontro inter-religioso nos Emirados Árabes Unidos*. 2016. Disponível em: [http://br.radiovaticana.va/news/2016/07/03/ramad%C3%A3\\_e\\_encontro\\_inter-religioso\\_nos\\_emirados\\_%C3%A1rabes\\_unidos/1241715](http://br.radiovaticana.va/news/2016/07/03/ramad%C3%A3_e_encontro_inter-religioso_nos_emirados_%C3%A1rabes_unidos/1241715). Acesso em: 15 ago. 2017.

<sup>78</sup> PAULO VI. *Declaração Nostra Aetate: sobre a Igreja e as religiões não cristãs*. 1965. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_nostra-aetate\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html). Acesso em: 15 ago. 2017.

maior percentual da população pobre do mundo, também quanto à distinção da cultura latino-cristã tradicional.

Os diálogos ecumênicos e inter-religiosos foram fatos novos no concílio, principalmente o inter-religioso, uma vez que o Ecumenismo já era praticado de forma tímida. O diálogo inter-religioso foi promovido como evento prioritário na Igreja. Essa prioridade deve-se ao desejo dos padres conciliares em pregar a mensagem cristã mais fielmente.

As propostas do concílio quanto às demais religiões não cristãs contemplaram o desejo de vivência de paz numa sociedade plural e de conflitos. Partilhando desse pensamento, após 50 anos do concílio, Papa Francisco, na sua “*Evangelii Gaudium*”, escreve:

Este diálogo inter-religioso é uma condição necessária para a paz no mundo e, por conseguinte, é um dever para os cristãos e também para outras comunidades religiosas. Este diálogo é, em primeiro lugar, uma conversa sobre a vida humana ou simplesmente [...] “estar aberto a eles, compartilhando as suas alegrias e penas”. Assim aprendemos a aceitar os outros, na sua maneira diferente de ser, de pensar e de exprimir [...]. Portanto, estes esforços também podem ter o significado de amor à verdade.<sup>79</sup>

As mudanças ocasionadas pela modernidade, pluralidade religiosa e disputas capitalistas e comunistas trouxeram para a religião mudanças, levando-a a perder o papel de referência na sociedade. Diante disso, o Concílio Vaticano II abre as janelas para uma realidade existente: a pluralidade religiosa. A Igreja não poderia mais desconsiderar este fato. Desde a Reforma ela dividia o espaço com uma diversidade de tradições cristã e também com as religiões não cristãs. Nesse contexto, os padres conciliares trabalham, apesar das dificuldades que permeavam os debates por conta da posição da Igreja Católica, a sua autocompreensão. O temor dos padres conciliares foi sendo vencido por conta da conscientização necessária para enfrentar as mudanças da sociedade no âmbito religioso. A Igreja não poderia ficar apática quanto às mudanças na diversidade de religiões do presente século.

O Concílio Vaticano II inaugura uma nova realidade na Igreja quanto à relação com as demais religiões e descobre a necessidade do diálogo inter-religioso, expressão inaugural no seio da Igreja Católica. Essa novidade exige uma transparência entre os seus interlocutores para que possa haver realmente um diálogo e a necessidade da verdade para haver

---

<sup>79</sup> FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. 2013, n. 250. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html)>. Acesso em: 28 ago. 2017.

entendimento. O diálogo é buscar a compreensão do outro e, assim, se solidarizar com a vida em justiça e paz.

A Reforma Protestante havia causado uma ferida que provocava medo em qualquer necessidade de mudança, mas foi a coragem de João XXIII que venceu o medo e deu lugar à esperança para um novo mundo de justiça e paz. Para isso, foi necessário enfrentar as mudanças com cautela e coragem, pois trariam uma solução para um mundo inquieto por conta da paz e para a própria Igreja: tal decisão tornou-a Igreja do diálogo com o diferente.

O medo do diferente é sempre causado por ser desconhecido e obscuro. Para a Igreja, era difícil ceder devido à posição ocupada por séculos como o centro de poder e hegemonia religiosa junto ao Estado. Sua posição de matriz ideológica ditava as regras para todas as questões sociais de então. Com a modernidade, o quadro foi alterado pelo diferente, e aquilo que estava homogêneo passou a ser dividido com outras fontes de poder. Assim, a sociedade agora constituída passa a exigir liberdade de pensamento e ação para construção do seu próprio espaço.

Diante das mudanças ocorridas por conta da modernidade, a Igreja resistiu insistentemente e foi na encíclica “*Quanta Cura*”, do Papa Pio IX, promulgada em 1864, que se repudiou a todas as mudanças promovidas pela modernidade. Ainda que o documento pontifício não usasse os termos “pluralismo” e “diversidade”, a encíclica denunciava a ameaça que tal mudança causaria na sociedade católica.

Com quanto cuidado e pastoral vigilância, [...] a missão a eles confiada pelo próprio Cristo Nosso Senhor, na pessoa da São Pedro, [...] com encargo de apascentar as ovelhas e os cordeiros, já nutrindo a toda a grei do Senhor com os ensinamentos da fé, já imbuindo-a com doutrinas sadias e apartando-a dos pastos envenenados – de todos, mas muito especialmente de vós, [...] é perfeitamente conhecido e sabido. Porque, na verdade, nossos predecessores, defensores e vindicadores da Sacrossanta Religião Católica, da verdade e da justiça, plenos de solícitude pelo bem das almas de modo extraordinário, nada cuidaram tanto como descobrir e condenar com suas Cartas e Constituições, plenas de sabedoria, todas as heresias e erros que, contrários à nossa fé divina, à doutrina da Igreja Católica, à honestidade dos costumes e à eterna salvação dos homens, levantaram com frequência graves tormentas, e trouxeram lamentáveis ruínas sobre a Igreja como também sobre a própria sociedade civil.<sup>80</sup>

Em sua encíclica, Pio IX apresenta-se como voz de resistência à modernidade, defendendo os interesses da Igreja e não avaliando os aspectos positivos e negativos dessa nova realidade. A dificuldade de uma instituição secular com regras abalizadas faz com que seja quase impossível se abrir ao diálogo para inovações, porém isso mudou com a atitude do

---

<sup>80</sup> Encíclica *Quanta Cura* do Papa Pio IX, promulgada em 08 de dezembro de 1864. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/bra/documentos/enciclicas/quantacura>. Acesso em: 21 jul. 2017.



Papa João XXIII, na convocação do Concílio Vaticano II, que trouxe uma abertura e iluminou o ambiente que estava sob a sombra da incompreensão. A perda da sua hegemonia religiosa revigorou-a, abrindo as portas para a compreensão do desconhecido, promovendo o convívio com a modernidade e assumindo a posição da compreensão dos fenômenos e suas diversas faces.

A Igreja do Concílio é totalmente revigorada com os desafios e as novas perspectivas da sociedade plural, transmitindo, assim, o entendimento das religiões não cristãs. Essa realidade influencia os padres conciliares além do convívio de observadores de outras religiões durante o concílio. Eles, agora, possuem um olhar experiencial, promovendo uma maturidade pela qual passam não só a ver o diferente em outra dimensão como também a olhar para dentro da própria Igreja, percebendo pontos de partida positivos na diversidade. A Igreja Católica, como vocacionada para a propagação do Evangelho, consolida um diálogo sincero e entende que a pluralidade não é um obstáculo para a sua missão, mas sim de dinâmica e colaboração para a construção de novos caminhos, a fim de promover uma convivência de paz.

#### 4.3 O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NA CONSTITUIÇÃO “*NOSTRA AETATE*”

[...] o gênero humano se torna cada vez mais unido, e aumentam as relações entre os vários povos, a Igreja considera mais atentamente qual sua relação com as religiões não cristãs. E, na sua função de fomentar a união e a caridade entre os homens e até entre os povos, considera primeiramente tudo aquilo que os homens têm de comum e os leva à convivência. [...] todos têm a mesma origem, pois foi Deus quem fez habitar em toda a Terra o inteiro gênero humano [...].<sup>81</sup>

A Constituição “*Nostra Aetate*” tem a sua proposta de nascimento solicitada pelo Papa João XXIII ao Cardeal Bea, para redigir um texto com temas que contemplassem aos judeus.<sup>82</sup> O texto foi apresentado na segunda sessão do Concílio e sofreu resistência por parte de vários padres conciliares, pois entediam que este se apresentava com cunho político e isso poderia beneficiar os sionistas, como também o Estado de Israel. O ideal pontifício era conhecer profundamente e reconhecer a relação da Religião Judaica e o Cristianismo. Ele mesmo já havia retirado da liturgia termos que eram ofensivos aos judeus e que os culpavam pela morte de Cristo. Após reações, alterações e mudanças no texto, no dia 27 de outubro de

<sup>81</sup> PAULO VI. *Declaração Nostra Aetate*: sobre a Igreja e as religiões não cristãs. 1965. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_nostra-aetate\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html). Acesso em: 15 ago. 2017.

<sup>82</sup>[http://br.radiovaticana.va/news/2015/12/02/a\\_declara%C3%A7%C3%A3o\\_nostra\\_aetate\\_e\\_a\\_rela%C3%A7%C3%A3o\\_com\\_o\\_juda%C3%ADsmo/1191040](http://br.radiovaticana.va/news/2015/12/02/a_declara%C3%A7%C3%A3o_nostra_aetate_e_a_rela%C3%A7%C3%A3o_com_o_juda%C3%ADsmo/1191040)

1965, foi concluída a discussão e, no dia 28 do mesmo mês, já no pontificado de Paulo VI, ele foi aprovado 2.221 votos a favor, 88 votos contra e 3 votos nulos – a Constituição “*Nostra Aetate*”.

A constituição “*Nostra Aetate*” é um documento conciso, porém traduz a necessidade de abrir o coração para a prática da compreensão do outro, isso só pode ocorrer com a promoção do diálogo inter-religioso. Assim, a declaração conciliar reconhece a função antropológica das religiões não cristãs no contexto mundial, pois contribuem para as indagações da vida, tornando relevante sua origem, relevância de existência e o seu fim.

As religiões não cristãs apresentam uma relação do homem com o divino, traduzindo, dessa forma, uma realidade do conhecimento ou pelo menos o desejo de conhecer o sobrenatural. Essa potência do desejo de conhecer o absoluto traduz a crença na existência do “*Imago Dei*” na vida humana, fazendo delas uma ponte de relação com a divindade. Elas afirmam que o divino para qual aponta envolve uma realidade humana, promovendo o conteúdo do diálogo inter-religioso, uma vez que a constituição se constitui como terreno de diálogo para com elas. No diálogo inter-religioso, compreende-se que existam diferenças na concepção do divino, mas não podemos condenar toda uma cultura por conta da nossa interpretação do ser. Elias Wolff, teólogo católico, compreende que, da mesma maneira que existe diferença na compreensão do divino, também pode haver diferença de interpretação na concepção da vida humana, mas isso não invalida a existência do homem. Dessa forma, o Concílio coloca luz nessa diversidade de interpretação, abre a porta da compreensão e reconhece a existência da pluralidade religiosa. Essa revelação coloca a Igreja Católica numa posição de reconhecimento da riqueza de elementos das suas tradições que são elementos estimáveis, religiosos e humanos. Essa descoberta a partir do diálogo revela uma compreensão cristã, entendendo ser “a semente do verbo”. Esses elementos, para tal comparação, são considerados “coisas verdadeiras e boas, elementos de verdade e de graça, verdade, santidade e tradições contemplativas”<sup>83</sup>. Essas interpretações encontradas nas constituições do Vaticano II revelam a importância do diálogo para conhecer o outro e compreender não somente os pontos em comuns, mas também os incomuns, para, assim, compreender a sua fé.

A Igreja não desconhece a possibilidade de salvação dos participantes das religiões não cristãs, mas não existe outro modo “a qual devemos ser salvos” (Atos 4,12), Cristo é o absoluto. Mas podemos compreender que elas possuem uma atuação cultural e social na

---

<sup>83</sup> WOLFF, E. *Unitatis Redintegratio, dignitatis humane, Nostra aetate: texto e comentário*, p. 139.

comunidade humana, levando os seus seguidores a terem uma percepção do divino. Elias Wolff entende que na Declaração “*Nostra Aetate*” reconhece que as religiões aparecem como “uma resposta aos recônditos enigmas da condição humana”<sup>84</sup> e, no seu primeiro parágrafo, a declaração deixa claro que o propósito de Deus a todos os homens é um só, pois a sua existência vem de Deus e somos a sua imagem.

Para Paulo, o Apóstolo, aqueles que pertencem às tradições não cristãs e vivem sem o conhecimento da fé salvífica em Cristo estão enquadrados no texto aos Romanos, no qual Paulo deixa claro que o poder de Deus já é conhecido de todos (Rm 1,16-20), então não estão excluídos do plano da salvação de Deus. O objetivo da declaração não é arrumar salvação aos não cristãos, mas entender a sua forma de religiosidade e compreender pontos de convergência existentes na fé cristã.

A graça de Deus não está reduzida e nem concentrada, pois Paulo já revela que a salvação é a manifestação do poder de Deus para todos que creem “primeiro para os judeus e depois para os gregos” (Rm 1,16). A sua manifestação foi realizada de várias formas e, por último, pelo próprio filho, Cristo, que se tornou o único mediador entre todos, por isso não existe alternativa para o caminho que leva a Deus, mas somente um Cristo. É nessa convergência de entendimento que a Declaração “*Nostra Aetate*” procura explicitar o amor de Deus, mas não exime a Igreja de continuar a sua primordial missão de anunciar a Cristo, compreende que, nas tradições não cristãs, exista “uma sensibilidade” a uma “força escondida, presente ao fluxo das coisas e aos acontecimentos da vida humana, e não raro reconhece-se uma divindade suprema”<sup>85</sup>.

Diante da esperança onde diversas religiões aguardam resposta para o desconhecido do homem, nasce uma preocupação em sua vida. Isso fica explícito diante do modo de culto das religiões não cristãs, o qual usa elementos sagrados e ritos encontrados em tradições religiosas antigas, que as torna legítimas, possibilitando um diálogo e reconhecimento do seu papel na ação salvífica de seus membros. Tal fato é confirmado pela atuação nos seguintes fatores:

a) Por fatores antropológicos: as pessoas buscam encontrar em suas tradições religiosas o desejo de paz, de felicidade, de harmonia, de realização plena nas relações consigo mesmas, com os outros, com o universo, com o divino [...] e nelas encontram o caminho para o Absoluto,

b) Por fatores teológicos: a Declaração “*Nostra Aetate*” reconhece que, nas diferentes religiões, existem “verdade” e “santidade”. Esse reconhecimento só é

---

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 143.

<sup>85</sup> WOLFF, E. *Unitatis Redintegratio, Dignitatis Humane, Nostra Aetate*: texto e comentário, p. 143.

possível com um olhar teológico sobre as religiões. [...] Há nelas algo de profundo, perene, verdadeiro e santo;

c) Por fatores sociológicos: as religiões são um fato concreto. Estão aí, presentes no cotidiano da vida social, e influenciam nesse contexto, podendo ser força de integração ou de fragmentação do complexo social e da relação entre as pessoas. [...] capaz de fomentar a unidade e a caridade entre os homens e até entre os povos. [...] entende que as religiões, com seus bens espirituais e morais e seus valores socioculturais muito contribuem para a realização da paz, do amor e da justiça na vida das pessoas e da humanidade. Por isso, exorta os seus fiéis à colaboração com os membros das outras religiões, para que reconheçam, conservem e promovam os bens espirituais, morais e os valores socioculturais que entre eles se encontram.<sup>86</sup>

Os fatores antropológicos, teológicos e sociológicos são fundamentais para compreender o teor do diálogo segundo a “*Nostra Aetate*”, fazendo da Igreja uma comunidade aberta e de diálogo, pois sua função não é tentar explicar os fenômenos dentro das práticas religiosas não cristãs, mas sim ponderar a essência das religiões para que possa haver diálogo. O diálogo não pode ser só de uma via, mas de abertura, conforme recomendou o Papa Paulo VI para o “esforço de nos aproximarmos do mundo, em que a Divina Providência nos destinou a viver”<sup>87</sup>. E é neste mundo de pluralidade que a Igreja precisa se relacionar para promover um diálogo universal, trilhando o caminho da paz, pois o objetivo de Paulo VI não é fazer proselitismo, mas sim construir uma relação de paz e harmonia entre os homens, pois a Igreja foi colocada como propagadora da mensagem do Verbo Vivo.

O caminho do diálogo é a melhor posição defendida pela “*Nostra Aetate*”, porque irá revelar a grandeza da caridade da Igreja, sempre aberta para o diferente, se posicionando não como quem quer ensinar, mas aprender junto sem abandonar as suas convicções.

Enfim, o Concílio Vaticano II proporcionou aos padres conciliares a oportunidade de abrir as janelas da Igreja para algo desconhecido: a pluralidade, removendo, assim, a construção do diálogo numa pluralidade de cultura, religião e costumes que, a princípio, estava fechado, mas com a Declaração “*Nostra Aetate*” abriu-se ao horizonte, ensinando a Igreja a caminhar por caminhos desconhecidos, porém necessários. Colocando, para isso, em prática o diálogo, que é um dos principais pontos de partida para conhecer o outro. Tal prática nos é apresentada pelo Senhor Jesus no diálogo com a mulher Samaritana (Jo 4, 7-42), o qual inicia com um pedido de favor e caminhada pelas questões da vida até se apresentar a ela como o Messias de Deus. De igual modo, deve a Igreja, através das suas experiências, fazer nascer interrogações antropológicas, levando, assim, seus interlocutores à questão teológica sobre Deus. Essa cultura do desconhecido nos induz a indagar com aqueles que possuem

---

<sup>86</sup> *Ibidem*, p. 145.

<sup>87</sup> *Op. Cit.*

experiências e isso produz conteúdo de crença e a forma de crer no absoluto, construindo um caminho para a Igreja de diálogo e de compreensão.

## 5 CONCLUSÃO

Ao finalizar a presente pesquisa, descobrimos a possibilidade de uma convivência pacífica e de paz num mundo de diferenças. O trabalho trilhou pelos caminhos da história, mostrando as experiências vividas e que resultaram em pontos positivos e de uma paz próspera. Esta conclusão fundamenta-se nas práticas realizadas pelo Senhor Jesus, que, durante o seu ministério, propagou de forma simples e contundente a prática do diálogo: sentando com pecadores, doutores, servindo leprosos e não abrindo mão de dialogar com uma mulher samaritana, levando-a a uma nova possibilidade de adorar a Deus sem estar preso na forma vista da época.

O diálogo é possível dentro desta sociedade tão plural, mas não pode ser de uma única via. É necessário despojar-se das formas seculares e cristalizadas e ver o mundo em uma nova perspectiva de fé.

As mudanças sofridas pelo homem desde a Reforma Protestante o têm conduzido ao abismo mais profundo, levando-o a uma cegueira e ganância, produzindo incompreensão e desunião, provocando conflitos, preconceitos e perseguições e trazendo no seu bojo destruição e miséria para a sociedade humana. Nessas afirmações, temos plena consciência da prosperidade que o diálogo pode oferecer a esse universo de pluralidade.

Não podemos cruzar os braços diante de uma tão grande desigualdade entre os homens, patente aos nossos olhos trazidos pelo avanço da tecnologia, e continuar vivendo confortavelmente como se nada ao nosso redor ocorresse. A igreja, como depósito da fé, tem a necessidade de praticar o diálogo, pois, assim, estará construindo um caminho de paz diante de grande miséria, onde os pobres, as crianças e os velhos não terão esperança de um dia melhor.

A prática do diálogo ecumênico e inter-religioso produzirá uma expectativa de convergência da sociedade humana, pois, diante dos desastres, só o que resta é a esperança e ela está na fé do filho de Deus ou na divindade que os não cristãos cultuam. A responsabilidade de ver um mundo melhor recai sobre os ombros daqueles que possuem uma fé viva no Verbo Vivo, cultivando, assim, uma consciência de que todos foram feitos a imagem e semelhança de Deus. Não cabe, então, explicação para tantas injustiças sociais, miséria, conflitos, disputas, corrupção, pois assistimos diariamente ao sofrimento dos menos favorecidos, que sofrem, pois os recursos que poderiam lhes trazer alento e esperança são desviados pelos ricos para sustentar as suas mordomias. Diante disso, o diálogo poderá nos conduzir a uma consciência cristã e justa, promovendo, assim, o reino de Deus na Terra.

Nessa linha de diálogo, não podemos senão invocar a Deus, como um pai comum a todos, pois isso nos trará uma convergência quanto à interpretação de comum. Se Ele é comum, então precisamos sentir a dor uns dos outros e caminhar para uma única via, pois fazendo assim encontraremos coisas comuns no diferente.

A essência do diálogo para o caminho da paz vai nos direcionar a um objetivo que nos fará compreender o outro sem abrir mão das nossas convicções e, desse modo, construir uma relação humana e de convívio pacífico. Neste mundo onde o deus operante é a opressão e a desigualdade, levando a sociedade a uma desumanização, a fé em Jesus trará oportunidades de esperança e uma nova possibilidade, que talvez não resolva plenamente as diferentes situações, mas nos dará o caminho para alcançar a solução. O exemplo deixado pelo Senhor Jesus e seguido por tantos santos na história da igreja, os quais se despojaram de tudo para levar a boa semente do evangelho, deixaram para nós exemplos dignos de serem seguidos, fazendo-nos refletir e continuar acreditando que, neste plural, poderemos alcançar a paz e a justiça, se persistimos no diálogo. A partir da abertura realizada pelo Concílio Vaticano II, o exemplo de diálogo tem sido seguido, a fim de que a vida humana seja colocada em primeiro lugar.

Nesta sociedade pós-moderna, é fundamental trazer para o diálogo uma responsabilidade incondicional de promover a paz e justiça diante do fracasso de todas as formas de governos ora propostas em várias circunstâncias e que, em muitas vezes, custou a vida de milhões de pessoas. Agora cabe ao diálogo, desde a sua idealidade, a responsabilidade de transmitir o amor e a misericórdia de Deus. Sem esses dois objetivos, todo o trabalho do Concílio terá sido em vão.

## REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2008.
- ARAÚJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal Brasileiro*. Rio de Janeiro: CPND, 2007.
- BOCH NAVARRO, Juan. *Para Compreender Ecumenismo*. São Paulo: Loyola, 1995.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *Preservando a Unidade do Espírito pelo vínculo da paz*. São Paulo: Aste, 2004.
- CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo através dos séculos*. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- DIAS, Zwinglio Mota. O Movimento Ecumênico: História e Significado. *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1. p. 127-163, 1998.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. 2013. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html)>. Acesso em: 28 ago. 2017.
- HORTAL, Jésus. *E haverá um só rebanho*. São Paulo: Loyola, 1989.
- KNITTER, Paul. *O mistério último é sempre maior*. Instituto Humanitas - Unisinos, 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/505638-o-misterio-ultimo-e-sempre-maior-artigo-de-paul-knitter>>. Acesso em: 15 ago. 2017.
- KÜNG, Hans. *Religiões do Mundo: em busca dos pontos comuns*. Rio de Janeiro: Verus, 2004.
- JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Ut Unum Sint*. 1995. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_25051995\\_ut-unum-sint.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25051995_ut-unum-sint.html)>. Acesso em: 28 ago. 2017.
- LONGUINI NETO, Luiz. *O novo rosto da missão*. Viçosa: Ultimato, 2002.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O Celeste Porvir: a inserção do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- PACOVINO, Luciano; MANCUSO, Vito. *LEXICON: Dicionário Teológico Enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003.
- PARLAMENTO RELIGIOSO. [s./d.] Disponível em: <<http://www.empacult.parlamento.pt/Documentos/Dialogointerreligioso.pdf>>. Acesso em 5 jul. 2017.
- PAULO VI. *Declaração Nostra Aetate: sobre a Igreja e as religiões não cristãs*. 1965. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_nostra-aetate\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html). Acesso em: 15 ago. 2017.
- PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2014.



PIO IX. *Encíclica Quanta Cura*. Promulgada em 08 de dezembro de 1864. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/bra/documentos/enciclicas/quantacura>. Acesso em: 21 jul. 2017.

PLOU, Dafne Sabanes. *Caminhos da Unidade: itinerário do diálogo ecumênico na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS E FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Do Conflito à Comunhão: Comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2017*. Relatório da Comissão Luterana - Católico-Romana para a Unidade. Brasília: CNBB/Editora Sinodal, 2015.

PORTAL LUTERANOS. *Relatório de Malta: Apresentação*. 2017. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/textos/relatorio-de-malta-apresentacao>. Acesso em: 28 ago. 2017.

RÁDIO VATICANO. *Papa a católicos e luteranos: juntos testemunhamos a misericórdia de Deus*. 2016. Disponível em: [http://br.radiovaticana.va/news/2016/10/13/papa\\_aos\\_luteranos\\_juntos\\_testemunhamos\\_a\\_miseric%C3%B3rdia\\_de\\_d/1264871](http://br.radiovaticana.va/news/2016/10/13/papa_aos_luteranos_juntos_testemunhamos_a_miseric%C3%B3rdia_de_d/1264871). Acesso em: 28 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. *Ramadã e encontro inter-religioso nos Emirados Árabes Unidos*. 2016. Disponível em: [http://br.radiovaticana.va/news/2016/07/03/ramad%C3%A3\\_e\\_encontro\\_inter-religioso\\_nos\\_emirados\\_%C3%A1rabes\\_unidos/1241715](http://br.radiovaticana.va/news/2016/07/03/ramad%C3%A3_e_encontro_inter-religioso_nos_emirados_%C3%A1rabes_unidos/1241715). Acesso em: 28 ago. 2017.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTA ANA, Júlio H. *Ecumenismo e libertação*. Petrópolis: Vozes, 1991.

SANTA SÉ. *Discurso de Sua Santidade Papa João XXIII na abertura solene do SS. Concílio*. 1962. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf\\_j-xxiii\\_spe\\_19621011\\_opening-council.html](https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html). Acesso em: 28 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. *Discurso do Papa Paulo VI na última sessão pública do Concílio Vaticano II*. 1965. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651207\\_epilogo-concilio.html](https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651207_epilogo-concilio.html). Acesso em: 28 ago. 2017.

SILAS, Daniel (org.). *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

TEIXEIRA, Faustino (org.). *Diálogo dos Pássaros: Essência do Cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. O diálogo entre as religiões, *Revista Pastoral*, São Paulo, Paulus, p. 3-10, jul./ago. 2007.

\_\_\_\_\_. *Sociologia da Religião: Enfoques Teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2003.

TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwinglio Mota. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte do impossível*. Aparecida: Santuário, 2008.

VAQUERO, Sanchez. *Ecumenismo: manual de formación ecuménica*. Salamanca: Centro Ecuménico Juan XXIII, 1971.

WOLFF, Elias. A Hermenêtica da Fé Cristã: uma contribuição ao diálogo entre católicos e luteranos no contexto dos 500 anos da Reforma de Lutero. *Perspectiva Teológica*, v. 49, n. 1, p. 101-125, jan./abr. 2017.

\_\_\_\_\_. *Unitatis Redintegratio, Dignitatis Humanae, Nostra Aetate: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. *Vaticano II: 50 anos de Ecumenismo na Igreja Católica*. São Paulo: Paulus, 2014.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria Acadêmica  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [proacad@pucrs.br](mailto:proacad@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br/proacad](http://www.pucrs.br/proacad)